PRAZER & INFORMAÇÃO PARA O HOMEM

ele ela

ANO XII/MARÇO DE 1980/N.º 131/C[illegible]/AMAZONAS, ACRE, RONDÔNIA E RORAIMA (VIA AÉREA) Cr$ 90,00/PORTUGAL ESC. 60$00

CENSURA LIBERADA A NUDEZ TOTAL

LEE MARVIN "SOU UM PORCO-CHAUVINISTA"

5 MULHERES AO NATURAL

IMPOSTO DE RENDA OS TRUQUES INVISÍVEIS

O PRAZER [illegible] VODCA E DO CAVIAR

AS SUPERMÁQUINAS DO AMOR

nesta publicação bloch

Estritamente proibido para menores de 18 anos

Lee Marvin

As boas do mês

Gismonti

Renteria

Joelmir Betting

Ana Lúcia

O número de março é sempre um desafio para a equipe de ELE/ELA. Só a partir deste mês o país dá por encerrado o seu período de festas iniciado em dezembro e prolongado com o carnaval. A volta às aulas, a reabertura dos trabalhos no Congresso e outros assuntos mais sérios ficam aguardando a passagem do sábado de Aleluia.

NESSE compasso de espera, recomendamos a você a leitura da entrevista de Lee Marvin, o ator *durão* do cinema norte-americano Entrevistado pelo repórter Fred Robbins, da revista *Penthouse,* ele fala do processo que lhe moveu sua ex-amante, Michelle Troillo, e relata o que sabe do submundo da indústria cinematográfica em seu país. Em linhas gerais, Mister Marvin se revela um *machista* da melhor estirpe.

MARÇO também é o momento amargo de fazermos a nossa declaração para o Imposto de Renda. Não há quem não sofra nessa hora. Principalmente, porque, a cada ano, surgem modificações sutis e gravíssimas para o nosso bolso e os nossos interesses. Toda a atenção é pouca: Por isso, recorremos a um técnico de prestígio, Joelmir Betting, para que nos explicasse todos os segredos e possibilidades da nova declaração. E ele o faz no seu estilo próprio, numa linguagem acessível e bem-humorada.

NO que toca à reportagem, achamos que seria oportuno darmos uma visão panorâmica do Aterro do Flamengo (Parque Don Henrique), verdadeiro microcosmo carioca. E o que ele descobriu não está nos guias turísticos. Mesmo os *habitués* do parque vão ficar surpresos.

MAS o texto mais surpreendente deste número será, sem dúvida, o que revela uma personalidade brasileira fora-de-série. Referimo-nos ao músico Egberto Gismonti, cuja obra tem alcançado um sucesso extraordinário não só no Brasil como no resto do mundo. Ana Lúcia Bizinover assistiu a algumas gravações do 18.º elepê de Gismonti e também o acompanhou num dia comum, a fim de conhecê-lo melhor. O que ela revela sobre esse artista famoso é *chocante,* numa boa, como dizem as garotas de Ipanema e Leblon.

QUANTO à sofisticação deste mês, fica por conta do nosso *expert* em gastronomia, Enrique Renteria. Em dissertação enciclopédica, ele ensina a você tudo o que sabe sobre a vodca e o caviar, duas delícias internacionais.

QUANTO ao resto, temos uma abertura fotográfica para o prazer dos seus olhos Por último, não esqueça: abril será o mês em que ELE/ELA festejará o seu 11.º aniversário com uma edição particularmente bem preparada.

J. M.

6 carnaval

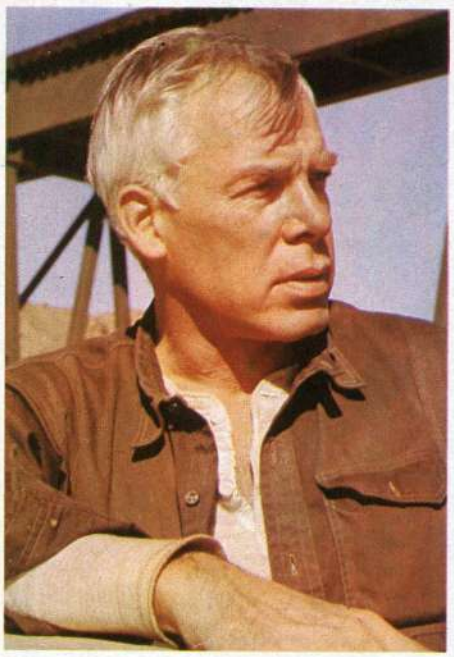
8 fórum

16 cartas

22 entrevista

Lee Marvin "Estamos vivendo uma reação chauvinista"

Nesta entrevista, concedida em Munique a Fred Robbins, da *Penthouse*, o ator norte-americano Lee Marvin, protótipo do *durão*, solta o verbo sobre o ruidoso processo que lhe moveu sua ex-amante, e também fala dos velhos astros de cinema, cuja única preocupação era dinheiro e dizer suas frases nos lugares adequados, e desvenda o submundo da indústria cinematográfica.



27 panorama

Críticas & Comentários

Noite Carioca (Barão de Ipojuca), Jazz (Roberto Muggiati), Música Clássica (Maurício Quadrio), Artes Visuais (Roberto Pontual) e Livros (Mauro Gama).

36 mulher

Helène, uma bela filha do sol

Mistura imbatível de russa com francês, ela é a melhor prova do que a convivência pacífica pode fazer pela sensualidade. Totalmente nua nas fotos de Siwen Ohlsson/Apla.

44 economia

Fundo 157 e Imposto de Renda

Num artigo bem-humorado e sem economês, o jornalista Joelmir Betting explica tudo sobre o *invisível* fundo 157. Como complemento, as novidades e os lembretes para a hora de declarar o seu IR-80.

60 mulher

Sheila nasceu para amar

Entregando-se ao mar e às areias, ela mostra à câmara do fotógrafo Siwen Ohlsson/Apla tudo o que a natureza lhe deu.

68 espionagem

Os casos do Mossad

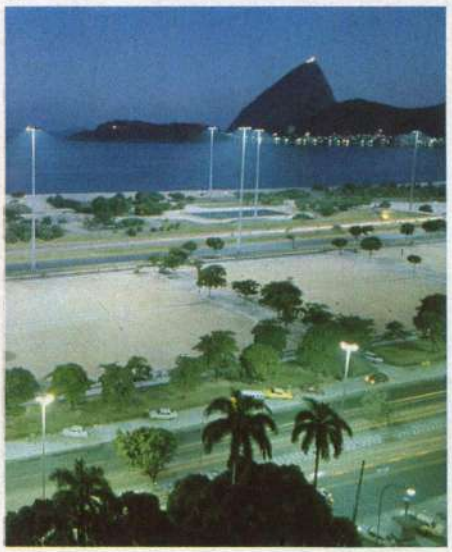
O repórter norte-americano, Craig S. Karpel, consegue — para complementar seu artigo anterior, entrevistar e conversar com ex-membros, cabeças e agentes do Mossad (invejado e poderoso serviço de espionagem e contra-espionagem de Israel) e revela novas e incríveis histórias.

74 reportagem

Aterro do Flamengo

Vadios, grã-finos, travestis, pais com crianças e mendigos são o retrato de um pedaço da realidade carioca, num mundo onde se ama, se rouba, se mantém a forma, se faz a vida e se morre. Assim é

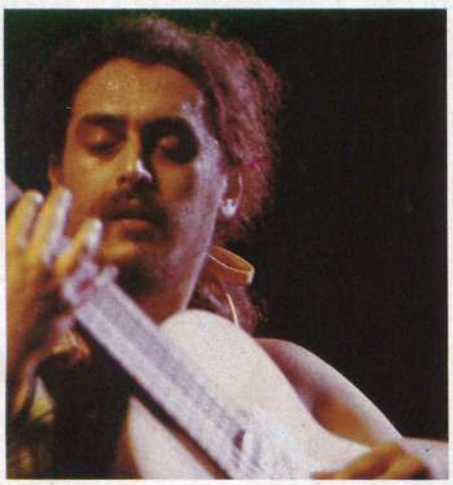
o Parque do Flamengo Fotos de Carlos Humberto TDC.



84 perfil

O universo mágico de Egberto Gismonti

Reconhecido internacionalmente como um dos músicos mais importantes e renovadores da atualidade, o brasileiro Egberto Gismonti, na ocasião em que lança o seu 18.º disco, *Circense*, fala à repórter Ana Lúcia Bizinover sobre as coisas que mais o sensibilizam.



90 crônica

Rubem Braga

Ou até mesmo Suely

92 mulher

Pamela Ross nasceu para endoidar os homens

Ela veio do quentíssimo Novo México para entortar as cabeças dos mineiros, baianos e cariocas. Fotos de Isabel Garcia. Produção de Ana Luíza Veiga.

99 panorama

Críticas & Comentários

Música Popular (João Luiz de Albuquerque), Economia (Marcos Dantas), Teatro (José Guilherme Mendes), Cinema (Paulo Perdigão), Motores (José Lago).

108 gastronomia

Vodca & caviar

Enrique Renteria dá as dicas, de maneira sofisticada, para se reconhecer um bom (ou até mesmo raro) caviar, eterno aliado da vodca.

114 moda

Blazers & ternos

As tendências para o outono em fotos de Indalécio Wanderley Produção de Fred Ayres.

120 mulher

As supermáquinas do amor

O que podem fazer para enlouquecer os homens duas mulheres ao natural e carros fora de série Fotos de Otto Weisser.

128 horóscopo

130 idéias

Luís Carlos Maciel

A política do corpo

Foto de Otto Weisser
Modelo: Beatrice
Cinto: criação de Roberto Christophe

TUDO FICOU MAIS ABERTO DEPOIS DO CARNAVAL

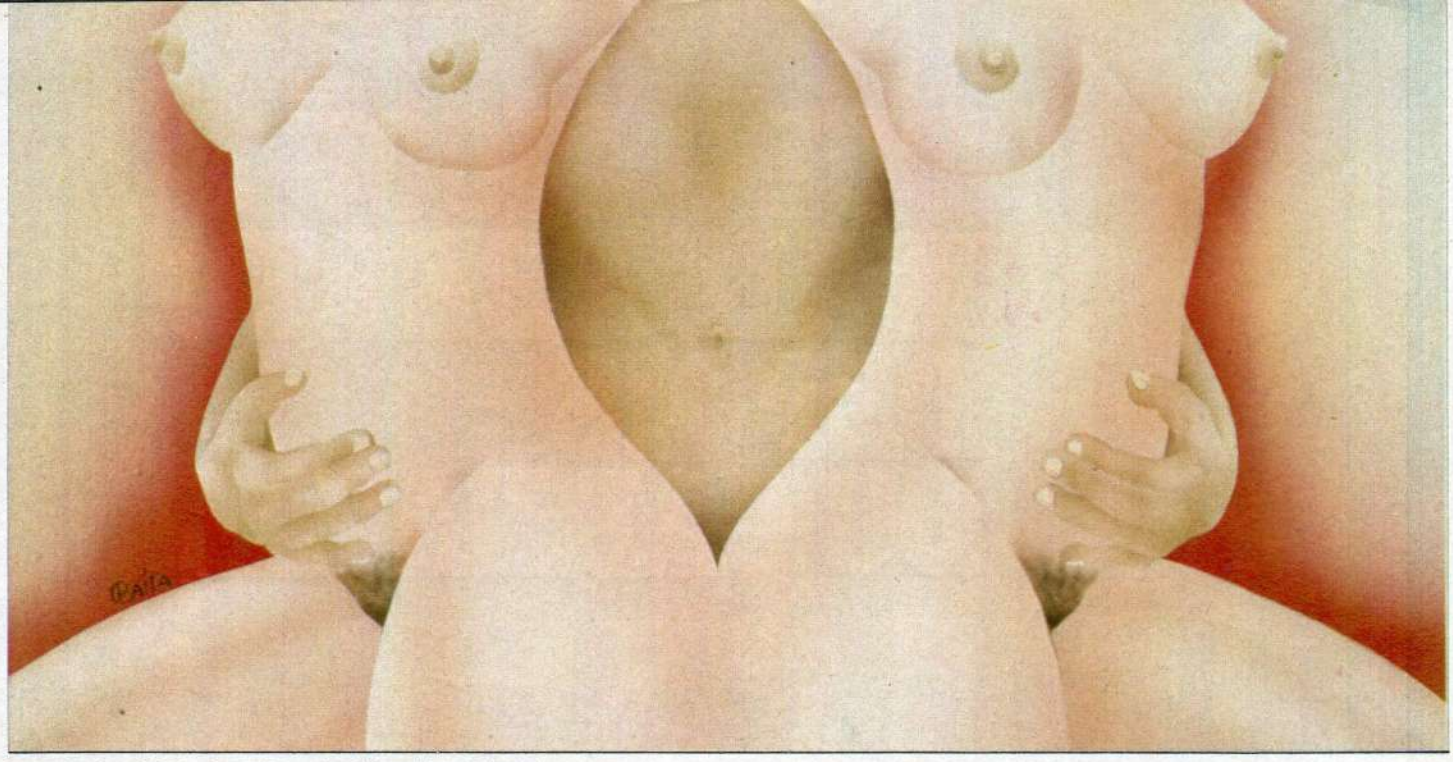
Há uma moral humana que é superior à moral legal. Tanto isso é verdade que os costumes normalmente mudam com o tempo e as leis se curvam diante dos fatos. No carnaval carioca deste ano, os foliões — e principalmente as folionas — botaram pra quebrar e arrasaram com os pesos e medidas do erotismo. Falou-se em liberdade do corpo e até mesmo em higiene psicológica. O certo é que o governo, muito inteligentemente, decidiu permitir uma abertura maior e mais franca para as imagens que interessam ao homem. Afinal, convenhamos: o sexo de uma mulher bonita é sempre um desafio, jamais uma ofensa.

JUSTINO MARTINS

TUDO FICOU MAIS ABERTO DEPOIS DO CARNAVAL

Há uma moral humana que é superior à moral legal. Tanto isso é verdade que os costumes normalmente mudam com o tempo e as leis se curvam diante dos fatos. No carnaval carioca deste ano, os foliões — e principalmente as folionas — botaram pra quebrar e arrasaram com os pesos e medidas do erotismo. Falou-se em liberdade do corpo e até mesmo em higiene psicológica. O certo é que o governo, muito inteligentemente,decidiu permitir uma abertura maior e mais franca para as imagens que interessam ao homem. Afinal, convenhamos: o sexo de uma mulher bonita é sempre um desafio, jamais uma ofensa.

JUSTINO MARTINS



FORUM

Esta seção destina-se à publicação de cartas de leitores narrando suas experiências sexuais e fantasias eróticas.

A dor de um pecado

"Tudo começou em um hotel. Havia festa na piscina, onde estavam os hóspedes e os convidados, entre luzes coloridas, todos sambando, comendo e bebendo. Cerca de uma da madrugada, disse a meu marido que ia até nosso apartamento, onde meu filho dormia. Quando regressei, e antes de entrar no elevador, abri a porta de vidro de uma saleta que ficava no fundo do corredor e fui até a janela. Debrucei-me na varanda, que ficava no quinto andar, e fiquei admirando o espetáculo que era a festa. Acendi um cigarro e subitamente a luz da saleta apagou-se. Então, fui atacada.

Um homem forte subjugou-me, senti nas costas e na nuca o seu respirar forte, pesado, e a língua úmida e quente, enquanto, nas minhas nádegas, seu sexo estava em convulsões. Ao mesmo tempo, suas mãos exploravam meu corpo. Entretanto, o calafrio que passou pelo meu corpo não foi de medo, e sim de prazer

Um prazer estranho, que esquentou meu sangue, provocando-me uma languidez que quebrou qualquer resistência que eu ainda pudesse vir a ter Em seguida, arrastou-me para o fundo da varanda, onde era mais escuro, e com seu braço forte vergou-me para a frente, quando então levantou meu vestido e baixou minha calcinha. Não tive dúvidas a respeito do que iria acontecer

Meu coração batia descompassadamente, meu corpo latejava. Ouvi, com nitidez, ele descer o fecho de sua calça, e recebi em minhas nádegas a dureza de seu sexo quente, procurando-me. Neste instante apertei meus lábios com os dentes para não gritar e de modo instintivo, para facilitar o que o meu desconhecido pretendia, abri mais as pernas e inclineime para a frente, agarrando-me ao parapeito da varanda.

Senti a penetração ardente, que me levou a gemer de dor e prazer As mãos dele apertavam-me a cintura e tive um orgasmo intenso como jamais tivera na vida.

Momentos depois, quando ele se movimentou ainda mais rapidamente, tornei a chegar ao prazer. Percebi, então, que aquele tipo de experiência que só de tempos em tempos mantinha com meu marido não era nada comparado com o que acabara de acontecer. E, pela primeira vez, tive dois orgasmos quase que simultâneos.

Ainda fiquei naquele hotel por quatro dias, e durante este tempo tentei descobrir quem era o desconhecido. Deveria ser alto e forte, mas descobri-lo era uma tarefa impossível. Afinal, eu sou uma mulher alta e tinha certeza que o desconhecido deveria ter uma altura acima da comum. No meu caso pessoal, contudo, o sexto sentido que nós, mulheres, temos para descobrir qualquer indício no que diz respeito à sedução falhava.

No dia de nossa partida, meu marido desceu antes para pagar a conta e quando entramos, o carregador, eu e meu filho, no elevador, por uma razão que não sei explicar, encostei-me nele. E descobri o desconhecido que me agarrara naquela noite.

Inicialmente, senti repulsa, mas como o meu desejo era mais forte, perguntei em balbucios

"Foste tu?"

"Fui. Queres mais?" — ele perguntou.

"Quero" — acedi, e pedi que ele fosse ao apartamento, que ainda estava vago, passando-lhe a chave disfarçadamente.

Deixei meu filho brincando com outros garotos e disse a meu marido que ia ao banheiro. Trêmula, entrei no apartamento e fui imediatamente agarrada por aquele homem alto, forte e negro. Ele virou-me de costas, arrastou-me para o quarto, enquanto passava sua língua na minha nuca e pressionava com seu enorme sexo minhas nádegas, num abraço obsceno.

Rapidamente, abri minhas calças. Ele, só então, relaxou o abraço e permitiu que eu tirasse as roupas. Empurrou-me para a cama e me colocou de joelhos. Enquanto ele tirava minha calcinha, mentalmente pensei como é estranha a vida. Eu, casada há oito anos, com um filho de cinco e que sempre encarei a infidelidade conjugal como um ato pecaminoso, estava ali, preparada para ser emulada ao capricho de um desejo.

Quando ele me tocou para tomar conta de meu corpo, agarrei seu membro e num golpe de rins obriguei-o a enterrar-se no lugar apropriado. E foi com um grito que senti a penetração profunda, que me fez gemer, num es-

Fino como poucas coisas e elegante como certas pessoas.

As pessoas que fumam Chanceller gostam das coisas belas, finas, elegantes, mas acima de tudo valorizam o conteúdo dessas coisas. Chanceller também valoriza o que é mais importante num cigarro: a suavidade, o prazer que você sente quando fuma.

O fino que satisfaz.

C88A

As mulheres vão ficar vidradas em você! Com o novo e excitante

ANEL DO AMOR!

Produto Exclusivo! Não tem similar!

Não é produto Químico. Não são pílulas.

MO-52

O Anel do Amor é um fantástico complemento sexual desenvolvido e aprovado pela Academia Francesa de Medicina. Inicialmente criado para combater a frigidez feminina e a impotência masculina, o Anel do Amor após pacientes estudos recebeu a sua forma definitiva (que está sendo vendida no Brasil pela primeira vez) sendo considerado atualmente na Europa como o mais eficaz estimulante sexual jamais visto.

O ANEL DO AMOR VAI FAZER COM QUE ELA SUBA PAREDES

Sim, porque o Anel do Amor é o único complemento sexual com dupla atuação. Ele provoca a excitação vaginal e a excitação clitorial ao MESMO TEMPO. Quer dizer, você se transforma num homem muito mais ativo e viril, como num passe de mágica.

E você sabe que no mundo dos nossos dias isso é quase uma necessidade. Porque o sexo é considerado hoje como uma coisa muito importante.

E é sabido que, mesmo as relações conjugais se tornam muito mais completas e satisfatórias quando o sexo é tratado e aproveitado com integridade.

Se você já era bom fica melhor ainda, se não satisfazia as mulheres... pode topar a parada: você sozinho, vai ser melhor que dois.

Ela vai subir paredes. E não só paredes. E você vai ser muito mais amado.

LEIA O QUE O ANEL DO AMOR FEZ PELO SR. PIERRE, UM HOMEM COMO VOCÊ.

"Tenho 39 anos, não sou bonito nem rico, nem carro tenho. Sou solteiro e como todo mundo gosto muito de mulheres. Mas para ser franco nunca fui um grande sucesso na cama. Sabe como é, eu fazia o que todo mundo faz e pronto. Então dá para imaginar que um homem que não tem grandes atributos e não é um super macho, não pode mesmo ter muitas mulheres. Bem, isso foi antes do Anel do Amor. Porque depois que eu comprei esta maravilha, a coisa mudou. Hoje sou um homem realizado sexualmente. E vocês podem acreditar, isso fez com que eu tivesse sucesso em muitas outras coisas também. Porque agora meu relacionamento sexual é sadio, não tenho mais problemas. Então sou um homem mais disposto, mais otimista, e desfruto hoje de muito mais saúde, mental e física. Enfim, graças ao Anel do Amor, minha vida tem sido muito mais feliz...

LEIA O DEPOIMENTO DE CLARA, UMA MOÇA FELIZ NO CASAMENTO.

"Sou jovem, casei-me há dois anos, mas sinceramente minhas experiências sexuais com meu marido nunca conseguiram me trazer "aquela sensação". Já li e ouvi falar muitas vezes do verdadeiro prazer sexual, mas sempre achei muito difícil atingir o ponto do verdadeiro prazer. Aí meu marido comprou o Anel do Amor. Olha, foi uma revelação. Temos vivido sensações que nunca tivemos antes. Todas as vezes, eu penso que vou morrer de tanto prazer. E meu marido também.

Agora além do prazer do toque vaginal, eu sinto o prazer clitoriano, e por muito mais tempo. Meu marido fica ereto por horas. Todo nosso ralacionamento melhorou graças ao Anel do Amor."

O ANEL DO AMOR É TUDO ISTO. E MUITO MAIS.

- **Aprovado cientificamente. Absolutamente inofensivo.**
- **Aumenta o seu prazer.**
- **Dobra o prazer da sua parceira.**
- **Ultra-Sensibilidade**
- **Novo Prazer até hoje ignorado.**
- **Fácil e seguro de usar.**
- **Aumenta indefinidamente o tempo de ereção.**
- **Cura a ejaculação prematura.**
- **Resolve a ereção incompleta.**
- **Cura a impotência.**
- **Resolve problemas de timidez e falta de vigor sexual.**
- **Dura para sempre.**
- **Sensacional em qualquer idade.**
- **É mais barato.**

Scandinavia Club
Instituto de Educação Sexual
Caixa Postal 6111 - CEP 01000 - São Paulo - SP.

☐ **Sim,** mande-me "O ANEL DO AMOR", por **Cr$ 480,00**

Para isso estou anexando um ☐ Cheque ☐ Vale Postal

ATENÇÃO: mande o cupon e seu cheque ou vale postal NA MESMA REMESSA ou nos é impossível remeter os produtos.

Nome .
Endereço .. ..
Fone .. Aptº... .Bairro . .CEP.
Cidade . . Estado ....

FE-131

A palavra dos especialistas:

"VOCÊ VAI TER A GAROTA QUE QUISER!"

A maneira mais fácil de conquistar a garota dos seus sonhos... Seja ela quem for!

Veja como este método sensacional chegou até você:

Nós da Editora Atlante recebemos de nosso representante nos EUA a seguinte carta, da qual transcrevemos alguns trechos: *"o nome da empresa deles é Behavior Modification Sistems Inc., e eles dizem que desenvolveram, a partir da ciência de Modificação do Comportamento e dos conhecimentos da Psicologia Aplicada, um método fácil, novo e muito eficiente de conquistar garotas. O método se chama B.M. Tele Command. E eles dizem que milhares de homens comuns já estão desfrutando as delícias que o método proporciona. Garantem que o método funciona como nenhum outro, que você mantém contato com mulheres tão belas como nunca sonhou ser possível. E tudo isso independentemente do seu sucesso ou fracasso anterior com as mulheres. Resolvi, portanto, investigar melhor o método. Fiz investigações por conta própria e conversei pessoalmente com diversas pessoas que conheciam o assunto. E posso agora garantir que o sistema realmente funciona. Sugiro..."*

De posse destas informações iniciamos negociações e agora, finalmente, podemos comunicar que adquirimos todos os direitos de tradução deste sensacional sistema para a língua portuguesa. E vamos comercializá-lo no Brasil. Para maiores informações sobre este incrível produto, leia abaixo a tradução de alguns trechos dos anúncios originais que apareceram nas maiores revistas masculinas dos EUA.

AS GAROTAS SÃO NATURALMENTE ATRAIDAS POR VOCÊ.

Quando você começa a usar o B.M. Tele Command você coloca à sua disposição uma das mais poderosas forças conhecidas pelo homem. A maioria das garotas vai vê-lo como o homem que elas gostariam de conhecer melhor... muito melhor. Muitas vão se sentir imediatamente atraidas por você. Algumas simplesmente não vão poder resistir.

Não nos entenda mal. Não vamos colocar forças ocultas à sua disposição. Nós vamos revelar a você um sistema altamente eficiente, se bem que pouco conhecido, de atração pessoal. Um sistema possível a qualquer homem que queira fazer um pequeno esforço em aprendê-lo.

VEJA ESTE DEPOIMENTO:

"Eu tentei todos os truques possíveis para conseguir garotas. Mas raramente tinha sucesso. Posso dizer que usei todas as técnicas que se conhece. Mas saía sempre de mãos abanando. Eu estava muito sozinho - numa pior. Então eu li um anúncio em "Squire" do B.M. Tele Command. E admito... tive dúvidas no começo. Mas acabei arriscando. Afinal, não tinha nada a perder. E, rapaz, eu vou te dizer... não levou muito tempo para que eu percebesse que tinha descoberto uma coisa grande, muito grande. Em 4 ou 5 dias eu tinha encontros marcados com tantas garotas colossais que nem sabia o que fazer. Comecei a marcar tantos encontros que nem tinha tempo para todos. Mas isso não é

nada. Você precisava ver quantas meninas estavam morrendo para me conhecer! Honestamente, eu nunca me diverti tanto. Graças ao B.M. Tele Command..." R.C.Mich Los Angeles California.

EXPLORE TODAS AS SUAS POSSIBILIDADES.

O que aconteceu com o Sr. R.C. Mich do depoimento acima vai acontecer com você. Você vai ser capaz de marcar encontros, levar onde quiser, namorar ou mesmo seduzir qualquer garota. Em poucos dias você poderá, com a maior naturalidade, falar com a garota que você quiser, saber seu nome, endereço e número do telefone.

E isso será apenas o começo. Porque daí em diante, ela vai concordar com praticamente tudo o que você disser ou quiser, que seja racional. Este é o tipo de poder que você vai ter. O incrível B.M. Tele Command.

NÃO SE DIMINUA COM DÚVIDAS TOLAS.

Tudo o que foi dito pode parecer conversa fiada para você. Se é o caso, permita-nos sugerir o seguinte: Ponha suas dúvidas de lado por um momento e dê a você mesmo uma chance.

O princípio funciona... e todas as dúvidas do mundo não vão mudar isso. Mas se você ficar cheio de indecisões, e pelo menos não tentar, então você está se diminuindo. E se privando da possibilidade de ter todas as garotas que você sempre quis.

Você não precisa de nenhum talento especial para aprender o B.M. Tele Command. Tudo é muito simples, não há nada difícil a fazer. Lembre-se que ele funciona totalmente independente da sua aparência ou condição social. Não tem nada a ver com a sua idade também.

A única coisa que você precisa é se familiarizar com o sistema. Faça isso assim que recebê-lo, pois no dia seguinte você vai ter menos tempo para isso.

E então? Você não vai dar a você mesmo esta chance?

Preencha o cupom abaixo. O método B.M. Tele Command só é vendido pelo correio. Ele vem num envelope lacrado, confidencial e endereçado pessoalmente a você. Por esta razão ele também não é vendido pelo reembolso postal.

SE NÃO FUNCIONAR COM VOCÊ, NÓS DEVOLVEMOS TODO O SEU DINHEIRO. ATÉ O VALOR DO SELO E POSTAGEM.

O B.M. Tele Command está funcionando para milhares de homens. E vai funcionar com você. Nós garantimos.

É por isso que podemos dar uma garantia inédita em vendas pelo correio.

Você tenta usar o sistema B.M. Tele Command por um mês. Então, se você não saiu, namorou, ou mesmo seduziu mais garotas neste mês do que em todo o ano passado, devolva o material para a Editora Atlante. Nós lhe devolveremos o que você pagou pelo sistema e todas as despesas postais.

Esta é uma maneira de provar a você que nosso método funciona.

Se você já é um homem cheio de garotas, você não precisa do B.M. Tele Command. Mas se este não é o seu caso, ou se você é um mulherengo incurável, tente. Perder esta chance, sem ao menos tentar, será até um ato de covardia.

Nota:- Em virtude de ser um método muito especial, nossa tiragem do sistema B.M. Tele Command não é muito grande. Não perca tempo. Mande o cupom abaixo hoje mesmo.

Editora Atlante Ltda.
Caixa Postal 128 - CEP 01000 - São Paulo - S.P.

ATENÇÃO: Mande o cupom e seu cheque ou vale postal NA MESMA REMESSA ou nos é impossível remeter os produtos.

Por favor mande-me o "B.M. TELE COMMAND"
Entendi que ele virá lacrado em meu nome no endereço abaixo.
Para isso, estou anexando **Cr$ 525,00** preço total do método, em:

☐ Cheque pagável em São Paulo ☐ Vale postal EE-131

Nome . . . . .
Endereço: . . . . . nº. . . . apto . .
Bairro . . . . . Fone . . . . . CEP. . .
Cidade . . . . . Estado

MO-9

"Os filmes são feitos com todo o dinheiro sujo que anda por aí. Acho que o cinema é uma das maiores lavanderias existentes. Muito mais do que Las Vegas."*

LEE MARVIN

Entrevista a Fred Robbins
Tradução de R. Magalhães Junior

Há 15 anos Lee Marvin ganhou um prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas como o melhor ator do ano. Depois disso, sua carreira parecia declinar. Mas, agora, recebe muitas solicitações para filmar, provavelmente por causa da publicidade internacional conquistada no verão passado, com o processo em que foi réu, durante 11 semanas, num tribunal de Los Angeles. Esse processo estabeleceu um precedente no sentido de que uma mulher pode processar para receber pensão de um homem com que não foi casada, mas com quem viveu maritalmente. Presume-se que um homem possa também processar uma mulher sob idênticas alegações.

Michelle Triola Marvin viveu seis anos com Lee Marvin, sem se terem casado. Ela disse que arrumou, lavou e cozinhou para ele, partilhando de sua cama, de sua mesa e de sua conta bancária. Declarou também ter ficado grávida três vezes, tendo abortado cada uma dessas vezes porque Lee Marvin não queria ter filhos com ela, por já ter quatro de seu primeiro casamento. Michelle até mesmo mudou o seu nome, adotando o de Marvin. Mas Lee diz que tal idéia não foi dele.

O ator decidiu pôr fim a esse relacionamento em 1970, concordando em pagar a Michelle mil dólares mensais, se ela fosse embora. Então, Marvin se casou com uma antiga namorada, do tempo em que era adolescente, Pamela Feeley. Com seus quatro filhos e os quatro dela, eles se mudaram para Tucson, no Estado do Arizona, esperando que Michelle os deixasse em paz. Mas Michelle estava furiosa. Queria receber pelo menos um milhão de dólares de indenização, mas o juiz, a quem recorreu, mandou que lhe fosse pagos apenas 104 mil dólares, a título de *reabilitação*. Lee riu muito e achou que era bem menos do que ele próprio poderia ter pago em acordo amigável. Mas ficou um tanto ofendido com a expressão *a título de reabilitação*, pois dava a impressão de que Michelle de algum modo se degradara ao viver com ele.

Insatisfeita, Michelle, através de seus advogados, recorreu contra a decisão do juiz, exigindo mais dinheiro. Ao mesmo tempo, queria que Marvin pagasse juros de 7% sobre a quantia arbitrada, de 104 mil dólares, até a decisão final.

Nascido em Nova Iorque a 19 de fevereiro de 1924, Marvin foi criado em Woodstock, pequena cidade vizinha, mas foi mandado para vários colégios internos, sendo quase sempre expulso por desordens, numa das quais atirou um colega por uma janela de um segundo andar. ("Felizmente, ele não ficou muito ferido", diz Marvin). Como não tinha temperamento para isso, deixou os estudos em 1943 e se alistou nos Fuzileiros Navais. Combateu nas operações do Pacífico (Kwajalein, Eniwetek, Saipan) e, tendo sido ferido por uma bala japonesa, passou 18 meses hospitalizado. Depois da guerra, resolveu se dedicar ao teatro.

Começou fazendo um pequeno papel em *Billy Budd* e, depois, participou do elenco de *Um Bonde Chamado Desejo*. Apareceu em mais de 250 programas de TV e, eventualmente, foi o protagonista do seriado *M. Squad* (Esquadrão de Homicídios), no qual fazia um detetive duríssimo. Nos filmes, geralmente interpretava os vilões ou heróis violentos. Seu sorriso desdenhoso e seu olhar frio fizeram com que fosse estereotipa-

*Dinheiro sujo, *na gíria norte-americana, é todo aquele que procede de atividades ilegais: exploração de jogos em locais não permitidos, prostituição, tráfico de drogas, contrabando em geral, extorsões, assaltos etc.* Lavar o dinheiro *consiste em aplicá-lo em atividades legais, de sorte que capital e lucros possam depois ser legitimados aos olhos da lei e dos agentes do fisco. (Nota do tradutor.)*

Copyright 1980 Penthouse International Ltd.

do como valentão, ou como um tipo cínico e durão, em filmes como *Os Profissionais* e *Doze Homens e Um Destino*. Em todos os seus papéis, desenvolve grande atividade física. Contudo, por exceção, interpretou um relativamente inofensivo, o de um ex-jogador de beisebol, no filme *A Nau dos Insensatos*, em que era submisso como um cachorrinho aos encantos de Vivien Leigh, tão pequenina que teve de usar saltos altíssimos a fim de poder contracenar com ele.

Em 1965, fazendo um duplo papel cômico em *Dívida de Sangue*, o de um vilão com nariz de metal e o de seu irmão gêmeo, ao lado de Jane Fonda, Lee Marvin conquistou o Oscar de melhor ator do ano. Em seus primeiros tempos, Marvin esteve sob a influência do chamado "método de interpretação do Ator's Studio" Esse método exigia que o ator se concentrasse profundamente, antes de entrar na pele do personagem que ia interpretar.

Um dia no palco de filmagem de *Sábado Violento* ele levou tanto tempo para se concentrar antes de uma cena com Spencer Tracy que este, perdendo a paciência, lhe disse: "Ouça, meu filho. Estou muito velho, muito rico e muito cansado de ser bom ator, para ficar por mais tempo a sua espera. Vamos com isso!"

Esse episódio nunca mais foi esquecido por Lee Marvin, como indicam alguns comentários por ele feitos durante esta entrevista, ao falar dos velhos artistas, que só se preocupavam com o dinheiro e em recitar suas linhas de diálogo nos lugares marcados pelo diretor. Fred Robbins realizou a entrevista em Munique, onde Marvin estava trabalhando em seu último filme, *Avalanche Express*.

Que pensa do impacto legal causado pelo processo judiciário Marvin versus *Marvin?*

Não sei se houve impacto legal. O que esse caso fez foi desanimar as mulheres sem dinheiro e certos advogados de ir aos tribunais com exigências como essa, a menos que tal mulher tenha três filhos com o tipo com quem vivia e os dois mantenham uma conta conjunta num banco de Zurique. Agora, os advogados pensarão duas vezes e dirão: "Ouça, meu bem, esse caso está furado; não adianta levá-lo aos tribunais." Antes disso, eles iam correndo aos juízes, carregando a mão em suas exigências. O caso Marvin não estabeleceu nenhum precedente legal. E tudo se sifrava nisto: eu disse que não fizera com Michelle nenhum acordo pelo qual devesse sustentá-la, por toda a vida, enquanto que ela afirmava o contrário.

Acha que esse caso vai influenciar o modo pelo qual homens e mulheres conduzem o seu relacionamento nos Estados Unidos?

— Acredito que sim. Ou, antes, espero que sim, porque há uma porção de ladrões, num e no outro lado.

— *Acha que dois amantes se sentirão constrangidos, se tiverem de assinar um contrato estabelecendo previamente as implicações financeiras de seu relacionamento?*

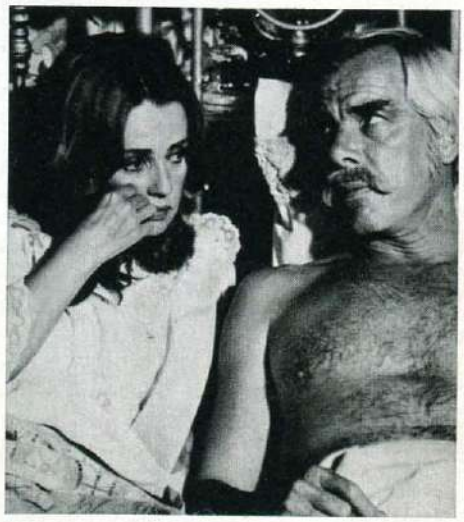
— Bem, eu não acho que realmente seja necessária a assinatura de um contrato. O homem, por exemplo, pode apenas dizer: "Olha aqui, meu bem... Esse é o meu aparelho de TV a cores. Espero que goste dele. Se você se comportar direitinho, poderá ver os bons programas nele por longo tempo... Esse é o meu piano... Você poderá tocar nele à vontade, *se*..." E assim por diante. Acho que está havendo uma ligeira revivescência do chauvinismo masculino, agora que as mulheres fizeram enormes progressos no sentido da igualdade dos direitos. Acho que os rapazes estão ficando um tanto cansados disso. Eles dizem: "Ouça, meu bem. Você quer que eu abra a porta para você, quer que eu pague o jantar, e depois diz 'não' quando eu ponho a mão na sua coisinha... Que espécie de tratantada é essa?" Você sabe: o velho estilo ainda é o melhor estilo. Você dança com elas, você paga os aperitivos, você janta com elas e, naturalmente, espera com um pouco de sorte ir mais além... Mas, se ela diz: "Não precisa ficar abrindo a porta para mim. E vamos rachar as despesas", então o *cara* é capaz de dizer logo: "Sabe de uma coisa? Nunca me passou pela cabeça ir para a cama com você!" As coisas sempre ficam péssimas, quando nos relacionamos com as moças emancipadas de *women's lib*... Fique sabendo que as mulheres modernas e emancipadas detestam confessar que também fazem apelações sexuais ou que são de algum modo dependentes dos homens. Por isso mesmo, nem uma única organização feminista saiu em campo para demonstrar solidariedade a Michelle. Todas as grandes feministas calaram seus bicos. E muitas mulheres que encontrei nas ruas me diziam: "Espero que o senhor ganhe o processo." Mulheres velhas, mulheres jovens. Todas essas reações foram positivas e bastariam para a satisfação do *ego* de qualquer ator, não acha? Quando passei pelo Aeroporto de Nova Iorque, com todos aqueles fotógrafos e aquela multidão esperando por mim, fiquei emocionado. Nunca vi uma coisa assim. Nem mesmo nos tempos em que Judy Garland estava no apogeu. Parecia que eu estava regressando da Lua, ou coisa semelhante. As pessoas comuns, que trabalham, e que são o meu público, me cercavam quando eu caminhava pelas ruas. Até os britadores do asfalto paravam suas escavações e os choferes dos caminhões de entregas gritavam do volante: "Parabéns! Foi mais uma boa chuçada que você deu nela!" Jamais esquecerei isso. Não faço questão de bancar o esnobe e de agradar aos intelectuais sofisticados e liberais. Manifestações assim me ensinam como devo nortear a minha carreira.

— *Confiava desde o início em que o juiz iria decidir a seu favor?*

— Sim, porque eu sabia o que havia dito durante o nosso relacionamento, o que também ela havia dito e como nós nos havíamos entendido. Por isso mesmo, quando ela e seu advogado, Marvin Mitchelson, começaram a arquitetar esse processo, eu estava certo de que todos iriam ver que se tratava de um expediente. E de um expediente laboriosamente montado dois anos de-

Continua na pag. 54

> "Não faço questão de bancar o esnobe e de agradar aos intelectuais sofisticados e liberais."



ACERTE NO AMOR!

Você terá todo amor que desejar quando descobrir a incrível sexualidade que existe dentro de você!

Para ele e ela

SÓ PARA MAIORES DE 21 ANOS

Só para ele

COMO PEDIR AMOR .... E CONSEGUI-LO

Existem mais pessoas a procura de amor do que você possa imaginar. Você sabe o quanto é bom ter alguem "especial" em sua vida!

POREM, COMO ENCONTRAR ESSE ALGUÉM?

Imagine quantas oportunidades tem perdido por timidez ou por falta de iniciativa?

O novissimo método **"COMO ENCONTRAR UM AMOR"** é um meio revolucionário que vai lhe ajudar a liberar seu talento natural para atrair definitivamente as pessoas, reforçando seu charme, sex-appeal, e todo seu potencial amoroso. É um guia moderno e prático, ilustrado **com mil dicas seguras e infalíveis:**

- **Um jeito diferente de fazer com que alguém saiba que você sente atração por êle, sem demonstrar fraqueza ou desespero.**
- **Uma emocionante forma de fazer com que alguém que você ame, se sinta uma pessoa "especial" quando estiver ao seu lado.**
- **Como superar sua timidez e libertar de uma vez seu sex-magnetismo: como agir, como se aproximar, o que dizer nos primeiros encontros?**
- **Como aproveitar suas amizades do mesmo sexo para conduzí-lo a novas amizades do sexo oposto?**
- **Enfim um sistema infalível que vai triplicar sua auto-confiança ao encontrar novas pessoas.**

E MAIS, MUITO MAIS!.

LEMBRE-SE, O AMOR ESTÁ A SUA ESPERA.

Peça hoje mesmo "COMO ENCONTRAR UM AMOR" e mude os rumos de sua vida, enchendo-a de amor, alegria e vontade de viver!.

Todos os pedidos serão enviados em embalagem lacrada, sem identificação externa.

Aceitamos Pedidos Pelo
REEMBOLSO POSTAL
(Com acréscimo da taxa de Cr$ 100,00)

Segredos Nunca Antes Revelados

O que as garotas consideram um "Amante Total"

CONFISSÕES ÍNTIMAS DAS 25 MULHERES MAIS SEXY DO BRASIL

Este é um meio revolucionário que vai transformá-lo em um amante tão espetacular que as mulheres poderão sentí-lo através dos seus olhos.

MAIS DE 120 FOTOS SENSACIONAIS!

"AMANTE TOTAL" garante torná-lo o tipo ideal com o qual as mulheres sonham em ir para cama. Cada um dos 60 capítulos lhe revelará exatamente o que enlouquece uma garota e lhe mostrará passo a passo, desde como seduzí-la, até como fazer amor com ela.

Nas incriveis e belissimas fotos você verá um amante experiente tocando, abraçando e amando uma mulher tremendamente sexy, e ainda:

- ★ A magia das caricias exóticas
- ★ As transas espetaculares que o esperam
- ★ Como despir sensualmente uma garota
- ★ O toque afrodisiaco
- ★ Como excitar uma mulher apenas com palavras
- ★ As posições que elas mais gostam
- ★ Como proporcionar à uma mulher múltiplos orgasmos. . .

. . . E Centenas de outras dicas alucinantes, a maioria ilustrada com lindas fotos super eróticas.

VOCE VAI TER TODO O AMOR QUE DESEJAR

Não desperdice nem mais um dia em sua vida.

MANDE HOJE MESMO SEU PEDIDO!

PEDIDO PREFERENCIAL

ADVANCE EDITORA-Deptº ER/2
Caixa Postal 57052 – CEP 04081 – São Paulo – SP

SIM! **desejo receber** (assinale no quadrinho)

- ☐ **Método "COMO ENCONTRAR UM AMOR" por apenas Cr$ 420,00**
- ☐ **Guia ilustrado do Amor "AMANTE TOTAL" por apenas Cr$ 560,00**
- ☐ **(Método + Guia ilustrado do Amor) por somente Cr$ 750,00**

MODO DE PAGAMENTO:

☐ Cheque ou Vale Postal anexo ☐ Reembolso Postal (+ taxa de **Cr$ 100,00**)

Nome . . . .

Rua . . . . Nº

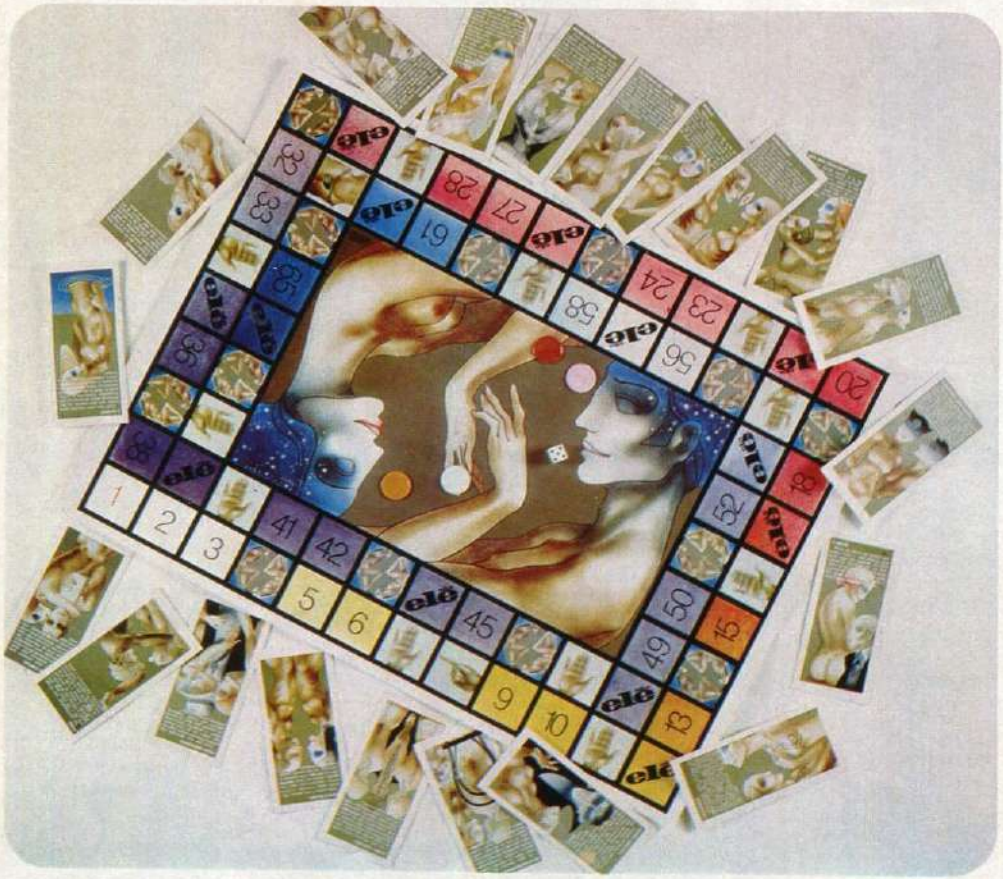
CEP . . . . . CIDADE . . . . . EST . . . . .

FE-131

(Só para maiores de 21 anos)

Você vai ter surpresas incríveis com o

JOGO ERÓTICO



O **Jogo Erótico** é um lançamento de **Ele Ela** que vai proporcionar a você emoções incrivelmente surpreendentes.

Você e seus parceiros podem, por exemplo, ter que ouvir um rock-horror ou ter que amar como um bicho, tomar um banho em três minutos ou até mesmo transformar-se numa estátua... durante um minuto!

E se cair **strip-tease**? Você faz?
Este é um jogo do qual podem participar dois, quatro, seis ou mais casais. O número é infinito, como são infinitas as surpresas que o casal ganhador pode ter

O **Jogo Erótico** é uma deliciosa criação de Juarez Machado, exclusiva para Bloch Editores.
Preencha o cupom abaixo e divirta-se!

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA

DESACONSELHAVEL PARA MENORES DE 21 ANOS

Desejo receber o **Jogo Erótico Ele Ela** — código 611.021.00 — livre de quaisquer despesas postais. Anexo vale postal ou cheque nominal a Bloch Editores S.A. no valor de Cr$ 1.000,00 (Mil cruzeiros).

Nome .....
Endereço .....
Cidade ..... CEP ..... Estado .....

Bloch Editores S.A.
Rua Frei Caneca, 511 CEP 20.211 — Rio de Janeiro RJ

EE-131

bloch / div. promoção e propaganda

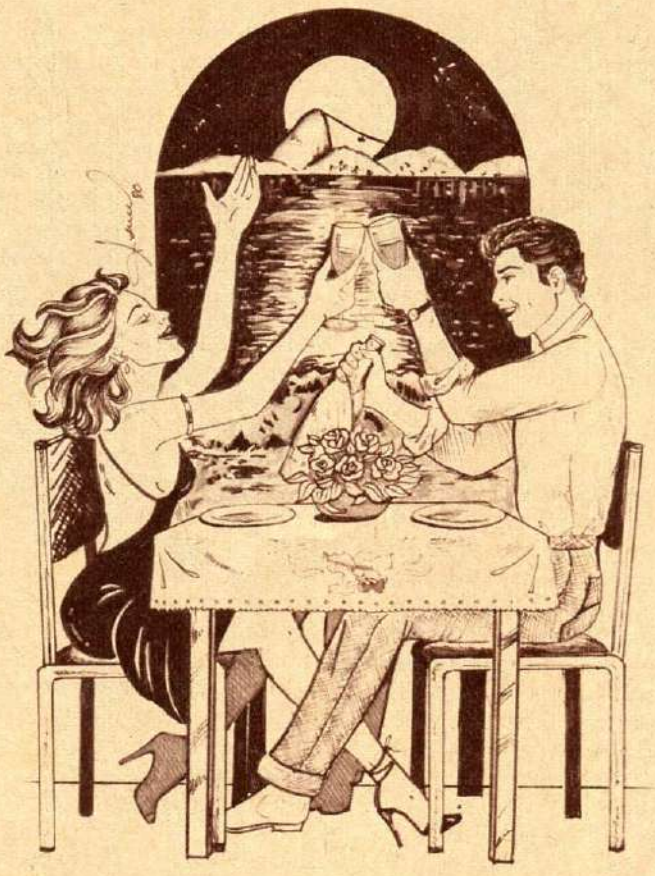
noite carioca

RIO, ENFIM SÓS

Barão de Ipojuca

AULAS, doces aulas. Nada como o retorno ao período letivo, quando as levas de turistas partem de volta a seus lares e o Rio é devolvido aos cariocas. Milhares de colegiais voltam das férias e desfilam seus corpos bronzeados pela cidade com o sorriso faceiro que só elas sabem ter na inconseqüência juvenil. Amigos se reencontram, as antigas freguesias retornam aos bares, boates, gafieiras e principalmente às praias, onde o sol continuará o ano inteiro com sua quente carícia e promessas de amor. E as paqueras retomam seu ritmo sadio, numa força de permanente renovação.

Quando chega a noite, as ruas vestem o rico colorido das luzes para prolongar o fascínio do dia, e conversas animadas são cultivadas ao redor dos copos de chope gelado. Então, misturam-se jovens e coroas, cabecinhas ocas e intelectuais, gente dura e o pessoal da grana, em Copacabana, Ipanema, Leblon e subúrbios, enquanto o saudosismo ainda arrasta os mais velhos boêmios para antigos bares do centro, onde relembram coisas dos tempos em que a noite fervilhava nos cabarés das proximidades do porto e na Lapa.



A Barra da Tijuca, em particular, é uma grande festa. Só entre os estabelecimentos em que se pode beber, comer e dançar ao mesmo tempo, pode-se alinhar os excelentes Convés, Farol, Ponto da Barra, Bom, Dinabar e vários outros. A meio caminho da Barra — para quem vem da Zona Norte — existe a imensa Choupana, no alto da serra do Grajaú, e — para quem vem da Zona Sul — também se encontram muitos bares e casas de samba, onde se preparam pitorescos coquetéis e petiscos: Bem, Aldeia, Bola Branca. Caíque, Cassino Royale, New Joá, Pot, todos em São Conrado e na estrada do Joá e muito animados, principalmente nas noites de sexta e sábado.

Naquele pedaço do Rio, encontram-se também os mais sofisticados motéis da cidade, que estiveram congestionados por turistas durante as férias.

Na Zona Sul, então, nem se fala: existem programas para todos os bolsos e gostos, desde botequins cospegrossos e bares que se espraiam ao longo do calçadão da Avenida Atlântica,

até gafieiras de grã-finos e casas de forró. Dentre as gafieiras (que continuarão na moda durante o ano inteiro), a Tiradentes continua a mais típica e agradável, mas o Carinhoso também é excelente para quem gosta de curtir a menininha com mais intimidade, na base do rosto colado e do papo ao pé do ouvido: a orquestra do maestro Eduardo Lage, com 13 músicos, toca ali das oito da noite às cinco da matina.

Três programas, no entanto, são imperdíveis. O 21, na Lagoa às segundas-feiras se transforma em clube de *jazz*, onde os melhores músicos, profissionais e amadores, dão a tradicional canja. A casa agora foi ampliada e existem até dois pianos para que os musicos possam se confraternizar, tocando a quatro mãos. O outro programa é o Forró Forrado, do João do Vale, às terças-feiras. À marcação do zabumba do Lourival, o pessoal arrasta os pés, enquanto Xangô da Mangueira, Julinho do Acordeão e o conjunto Roraima enchem de melodia o sobradão da Rua do Catete. O terceiro programa é o Clube do Samba, do João Nogueira e do Sérgio Cabral, todas as sextas-feiras, na sede social do Flamengo, no Morro da Viúva. Sempre estão por lá puxando aquele samba — além do João — a Clara Nunes, a Alcione, o Paulo César Pinheiro e Lígia Santos, a filha de Donga.

Em matéria de comida, o Rio tem se revelado, o que é uma novidade, já que sempre se comeu muito mal por aqui, mesmo em restaurantes badalados. Na Rua Visconde de Caravelas, no Humaitá, existe o Botequim 184, que vai sendo cada vez mais descoberto. Pertence a cinco profissionais liberais que abandonaram suas profissões originais, reformaram uma casa e instalaram o bar-restaurante de decoração rústica em um salão de dois planos, onde servem a mais típica cozinha regional brasileira. O Mineiro de Botas, na Rua Dias Ferreira, no Baixo Leblon, onde antes funcionava o Dom Paquito, é outro lugar de comida deliciosa. O ambiente é o colonial estilizado e a especialidade, a cozinha mineira. Serve excelente feijão-de-tropeiro e um alucinante arroz-de-carreteiro.

VÁRIAS — A programação cultural do Rio também retoma seu ritmo normal. O Seis e Meia, da Sala Funarte, de 11 a 22 de março, apresenta Helena de Lima e Miltinho, e de 25 de março a 5 de abril, Elba Ramalho e o grupo Forrobodó. De 2 a 12 de abril, também na Sala, mas no horário das 21 horas, Sérgio Rocha dirige um *show* de Helena e Nélson Cavaquinho.*** Passada a crise, vem sempre a bonança, e a Sala Cecília Meirelles faz, no dia 21, a abertura de sua temporada de concertos de 80 com o conjunto Ars Barroca. No dia 25, haverá ali um concerto do pianista Nélson Freire. No dia 28, será a vez de Arthur Moreira Lima. O horário é sempre o das 21 horas.*** De 11 a 21 de março, na Galeria Sérgio Milliet, uma excelente mostra dos trabalhos da artista plástica Iara Pia. Nesse mesmo período, Guido Hener estará expondo na Galeria Macunaíma. E, ali mesmo, de 25 de março a 8 de abril, Norberto Stori.*** A Galeria Rodrigo Mello Franco também está bastante ativa: de 5 a 20 de março, duas exposições — a de Gilda Reis e a de Oswaldo Lioi. A 26 de março, o *vernissage* de Anderson Medeiros. □

jazz

TEM DE TUDO NOS PACOTES DE 80

Roberto Muggiati

John Coltrane

Dizzy Gillespie

O ano começou bem para o *jazz*. Além dos dois grandes festivais previstos — São Paulo/Montreux em abril, Rio/Monterey em agosto — uma série de lançamentos mobiliza os jazzófilos, chegando a criar problemas de escolha, tal a quantidade de bons títulos. Eis um pequeno guia.

No *pacote* de fim de ano da Pablo/Polygram, que só agora a crítica especializada começa a digerir, destaca-se John Coltrane com o álbum duplo *Afro Blue Impressions*. São gravações ao vivo de sua excursão européia de 1963 (com McCoy Tyner, Jimmy Garrison e Elvis Jones) e mostram o fabuloso saxofonista, quatro anos antes de sua morte, dedicando o lado inteiro de um LP a um de seus cavalos-de-batalha, *My Favorite Things*, dissecado exaustivamente na sua improvisação de soprano, ou mostrando o lado mais lírico de seu tenor, como na bela balada de Billy Eckstine, *I Want to Talk About You*.

Dizzy Gillespie tem nada menos do que três álbuns recentes na etiqueta de Norman Granz. Precursor da música afro-cubana, nos tempos do *bop*, ele toca com a orquestra de Machito em *Afro-Cuban Jazz Moods*, com Chico O'Farril como compositor, regente e arranjador. Em *Dizzy Gillespie's Big 4* e *Carter, Gillespie, Inc.*, a atmosfera é mais intimista e se presta maravilhosamente às improvisações de Dizzy, que nunca esteve em melhor forma (as gravações são de 74 e 76). Em *Big 4*, além de composições suas, ele interpreta um velho *favorito* de Louis Armstrong — *Russian Lullaby*, de Irving Berlin — e uma das primeiras composições de *jazz* em 3/4, *Jitterbug Waltz*, de Fats Waller. Já o LP de Dizzy com Benny Carter é sem dúvida o que existe de melhor na gillespiana dos últimos anos. O casamento dos dois é perfeito e o lírico sax-alto de Benny contrasta com o complexo desenho das im-

provisações do trompetista em *standards* como *Sweet and Lovely, Broadway*, em dois originais de Gillespie *(Constantinople, Night in Tunisia)*, na bela composição de Carter, *The Courtship*, e no tradicional *Nobody Knows the Trouble I've Seen*, cantado pelo baterista Mickey Roker.

Joe Pass, que participa destes dois álbuns, aparece como líder em outros dois contextos bem diferentes: explorando um repertório bossa-nova em *Tudo Bem!*, acompanhado por brasileiros como Oscar Castro Neves, Cláudio Slon, Octávio Bailly e Paulinho da Costa (que divide o crédito do álbum com Pass) e interpretando clássicos da Ellingtonia em *Portraits of Duke Ellington*, aqui apenas com o apoio de baixo (Ray Brown) e bateria (Bobby Durham). Ellington, por sua vez, está com sua orquestra no LP *The Ellington Suites*, que mostra um lado seu menos conhecido do público brasileiro: o compositor de peças orquestrais mais longas, no caso as suítes *Goutelas*, *Uwis* e *The Queen's Suite*, esta dedicada a Elizabeth II. Entre os solistas destacam-se Johnny Hodges, Russell Procope, Paul Gonsalves e o piano de Ellington.

Count Basie

Count Basie é outro dos grandes do *jazz* no *pacote* da Pablo. Em *I Told You So*, ele e sua *big band* tocam arranjos especiais de Bill Holman, veterano arranjador de Stan Kenton. Já em *Basie & Zoot*, Count (piano e órgão) é o solista principal ao lado do ex-saxofonista de Woody Herman — os dois são acompanhados por John Heard (baixo) e Louis Bellson (bateria). O repertório, além de três originais assinados Basie-Sims, inclui *evergreens* como *I Never Knew, It's Only a Paper Moon, Honeysuckle Rose, I Surrender Dear*. Basie confronta-se com outro fabuloso solista em *Milt Jackson + Count Basie + The Big Band, vol. 1*. Neste álbum a orquestra apenas faz fundo às improvisações do piano e do vibrafone, que exploram temas de Count Basie, Ernie Wilkins e Neal Hefti, entre outros. Diz o produtor Norman Granz na apresentação do disco: "Pelo que sei, Basie nunca teve um vibrafone em sua orquestra; nem Milt Jackson jamais gravou com uma *big band* do *jazz*." A união foi tão feliz que Granz já promete um segundo volume.

Milt Jackson

Acompanhado por uma orquestra de cordas, pelas flautas de Hubert Laws e Jeremo e Richardson e uma seção rítmica que inclui percussão brasileira (Paulinho da Costa), Milt Jackson é o solista principal do que se pode chamar — sem nenhuma intenção pejorativa — um LP de *jazz-muzak, Feelings*. Além da faixa-título, composta pelo brasileiro Morris Albert, ele interpreta temas de Deodato, Marcos Valle e até seus com uma nítida batida de bossa-nova — e o resultado é agradável. Poucos sairiam incólumes de uma *proposição* desse tipo, mas o vibrafone de Milt Jackson parece estar acima do bem e do mal. É ele uma das atrações principais no álbum *The Modern Jazz Quartet Plays Jazz Classics*, que com exceção de *Concorde* o traz com o MJQ em gravações de 52/53, quando o baterista era Kenny Clarke. As composições são todas de John Lewis, destacando-se um dos melhores registros que o quarteto já fez de *Django, Delaunay's Dilema, The Queen's Fancy* e *La Ronde Suite*, em quatro movimentos, um para cada instrumento.

Charlie Parker

Além desse álbum da Prestige, a Top Tape lançou outro que pode ser considerado antológico: *Jazz at Massey Hall* gravado ao vivo em Toronto, em maio de 1953, reunindo cinco dos maiores músicos do *bebop*, eleitos por uma sociedade de *jazz* canadense — Charlie Parker, Dizzy Gillespie, Bud Powell, Charlie Mingus e Max Roach. Foi uma ocasião histórica, preservada graças a um gravador providencialmente instalado no palco por Mingus e — levando em conta a época e as condições — a qualidade do som é surpreendente. O quinteto toca num dos LPs deste duplo; o outro focaliza Bud Powell com Mingus e Roach e grande parte das faixas reproduz números do *set* que antecedeu a apresentação destes *cinco grandes* no Massey Hall.

Criador da escola pianística do *bop*, Bud Powell, surge também num outro importante lançamento, *Don Byas/Bud Powell — A Tribute to Cannonball* (CBS). Powell e Byas morreram antes de Cannonball — o tributo no caso se refere ao fato de que essas gravações foram produzidas por ele em Paris, em 1961, quando reuniu os dois famosos exilados do *jazz* a outros dois (Kenny Clarke e o trompetista Idress Sulieman) e ao baixista francês Pierre Michelot.

Ainda no selo da Prestige, dois lançamentos retraçam gravações que marcam a passagem do *bop* para os anos 50. *Stan Getz Greatest Hits* mostra o tenorista com diferentes seções rítmicas, em sessões de 49 e 50 de que participam, entre outros, Al Haig, Percy Heath, Stan Levey e Roy Haynes. O repertório é na base de *standards* como *What's New, Too Marvelous for Words, There's a Small Hotel*. O álbum duplo *Early Bones* é uma coletânea de trombonistas que destaca gravações de 1949 a 55, de J.J Johnson, Kai Winding, Bennie Green e também de J.J e Kai juntos. Nelas, um elenco de *all stars* como Gerry Mulligan, Sonny Rollins, John Lewis, Max Roach, Art Blakey, Eddie *Lockjaw* Davis e muitos outros.

Entre os lançamentos recentes da WEA, destacam-se o primeiro disco ao vivo de Hermeto Pascoal *(Em Montreux)*, um duplo

que resume o que foi a apresentação do grupo brasileiro — acrescido de Nivaldo Ornellas — no Festival de Montreux de 1979; *A Teste of Passion*, o último LP do violonista Jean-Luc Ponty, que neste começo de 1980, após quatro anos de estrada e gravações, decidiu desfazer sua banda e "parar para pensar"; e *The Best of Billy Cobham*, uma coletânea de faixas de álbuns recentes deste baterista que é um típico produto da fusão *jazz + rock*. Mas o forte da WEA neste ano jazzístico é o lançamento de títulos da ECM — Editions of Contemporary Music. "O mais belo som depois do silêncio" é o lema desta gravadora independente, com características tão marcadas que já se chega a falar de um "som ECM" Mesmo sendo uma operação do mais alto prestígio nos meios do *jazz*, há apenas um punhado de homens por trás da ECM, instalada numa casa nos arredores de Munique. Manfred Eicher, que estudou música desde criança e chegou a ser contrabaixista da Filarmônica de Berlim, fundou-a há onze anos. Eicher tem o auxílio de Thomas Stoewsand — também músico, violoncelista — na parte da distribuição, mas cuida pessoalmente de cada álbum, escolhendo tudo, até as fotos e a tipografia das capas. Um ponto em que ele se concentra é na qualidade sonora (trabalhou anteriormente como assistente de produção na Deutsch Grammophon). Esse cuidado pela produção de discos também tem atraído para a ECM não só os melhores jazzistas europeus, mas músicos americanos famosos como Keith Jarrett e Chick Corea.

Dos álbuns do primeiro *pacote* brasileiro da ECM três são de Jarrett: um de piano acústico *(Staircase)*,

Keith Jarret

outro de improvisações feitas numa abadia alemã com um órgão barroco do século 17 *(Hymns/Spheres)* e um terceiro gravado ao vivo na Áustria *(Eyes of the Heart)*, com o seu quarteto: Jarrett, Dewey Redman, Charlie Haden e Paul Motian. Chick Corea aparece em quatro álbuns: *Piano*

Chick Corea

Improvisations vol. 1 (solo), *Duet* (com o vibrafonista Gary Burton), *A.R.C.* (com David Holland e Barry Altschul) e *Return to Forever* (com Stanley Clarke e os brasileiros Airto Moreira e Flora Purim). Um brasileiro que brilha nestes primeiros lançamentos da ECM é Naná Vasconcelos, com um disco em seu nome *(Saudades)* e outro *(Codona)* formando trio com Don Cherry — o trompetista do histórico grupo de Ornette Coleman — e Colin Walcott, que estudou sitar com Ravi Shankar e tabla com Alla Rakha. Dois noruegueses comparecem, com um álbum cada: o saxofonista Jan Garbarek *(Photo With...)* e o guitarrista Terje Rypdal, com Miroslav Vitous (baixo) e Jack de Johnette (bateria). Finalmente, a ECM traz dois LPs do jovem guitarrista americano Pat Metheny, com seu grupo e solo em *New Chautauqua*.

Se *houve um selo de jazz* que fez história foi o da Blue Note. A partir de 1980, gravações *clássicas* e lançamentos mais recentes da Blue Note estarão saindo no Brasil pela EMI-Odeon. O primeiro *pacote* compreende doze Jazz Twin Classics — registros históricos que vão de George Lewis e Eric Dolphy. Além de Lewis, o *jazz* de Nova Orleans está representado por um de seus expoentes, Sidney Becht, o pioneiro do sax soprano — instrumento que só seria retomado nos anos 50 por Steve Lacy e, depois, por John Coltrane. As gravações de Bechet para a Blue Note abrangem o período de 1939-51 e têm a participação de músicos como Bunk Johnson, Meade Lux Lewis e Sid Catlett.

Thelonius Monk

Thelonious Monk e Bud Powell, dois dos mais importantes pianistas do *jazz* moderno, estão em dois álbuns indispensáveis. *Genius of Modern Music*, quase todo de originais de Monk, contém gravações de 1947 a 52, mostrando o pianista com pequenos grupos, acompanhado, entre outros, por Milt Jackson, Lucky Thompson, Kenny Dorham, Sahib Shihab, Art Blakey e Max Roach. *The Amazing Bud Powell* traz o pianista em três sessões de trio — de 49 (com Tommy Potter e Roy Haynes), de 51 (Curly Russell e Max Roach) e de 53 (George Duvivier e Art Taylor) — e numa sessão com quinteto, gravada na mesma data de 1949 com o acréscimo de Sonny Rollins e do pistonista Fats Navarro, que, infelizmente, morreria no ano seguinte, antes de completar 27 anos. Destaque para *Un Poco Loco*, com o notável acompanhamento de Max Roach, apresentado em três *takes* que mostram por que Bud Powell, apesar (ou por causa) da sua loucura, foi um dos maiores perfeccionistas do *jazz*.

Sonny Rollins, Art Blakey com seus Jazz Messengers e J.J Johnson têm também os seus álbuns. Johnson é acompanhado, entre outros, por Clifford Brown, John Lewis, Horace Silver, Charlie Mingus e Kenny Clarke, em gravações de 53 a 55. Músicos que hoje fazem uma música um pouco diferente, com um pé na discoteca, figuram também no *pacote* da Blue Note em gravações dos *bons tempos:* Donald Byrd, Freddie Hubbard e Herbie Hancock. O guitarrista Wes Montgomery, morto em 1968 e que, no final de sua carreira, faria certas concessões musicais, é mostrado também num contexto basicamente jazzístico.

O álbum que reúne John Coltrane e Eric Dolphy é formado por um LP de Coltrane *(Blue Train)* e outro de Dolphy *(Out to Lunch)*. *Train* é uma gravação de sexteto com dois *blues* incríveis e a presença de Philly Jo Jones na bate-

Eric Dolphy

ria e Lee Morgan no trompete. *Lunch*, a mais recente destas gravações, é de 64, pouco antes da morte de Dolphy, e mostra seu talento múltiplo no sax alto, na clarineta e na flauta, em companhia de Freddie Hubbard (trompete), Bobby Hutcherson (vibrafone), Richard Davis (baixo) e Tony Williams (bateria). São cinco temas mais ou menos complexos de Dolphy, usando ritmos elaborados, e mostram o que este músico — já um instrumentista fabuloso — poderia ter feito como compositor se não tivesse sua carreira cortada aos 36 anos.

Pablo, Prestige, ECM, Blue Note — as marcas de qualidade do *jazz* estão chegando ao Brasil. Agora é só escolher e abrir os ouvidos.

música clássica

DOIS TURCOS E UM MOURO ROSSINIANOS

Maurício Quadrio

AS óperas de Rossini, ao que tudo indica, estão voltando a interessar os produtores de discos, pois enquanto está em fase de acabamento uma nova edição de *Guilherme Tell* com Pavarotti, teremos dentro em breve no mercado brasileiro a recentíssima edição de *Otello* com Carreras, von Stade, Fisichella, Ramey, Pastine e Condo. Elenco talvez não tão explosivo (excluindo os dois protagonistas), mas empreendimento sem dúvida válido, pois este *Otello* permaneceu no repertório normal dos teatros de ópera — apesar de certos perigosos dós sustenidos "de peito" — até ser definitivamente arquivado com o aparecimento do outro, o de Verdi.

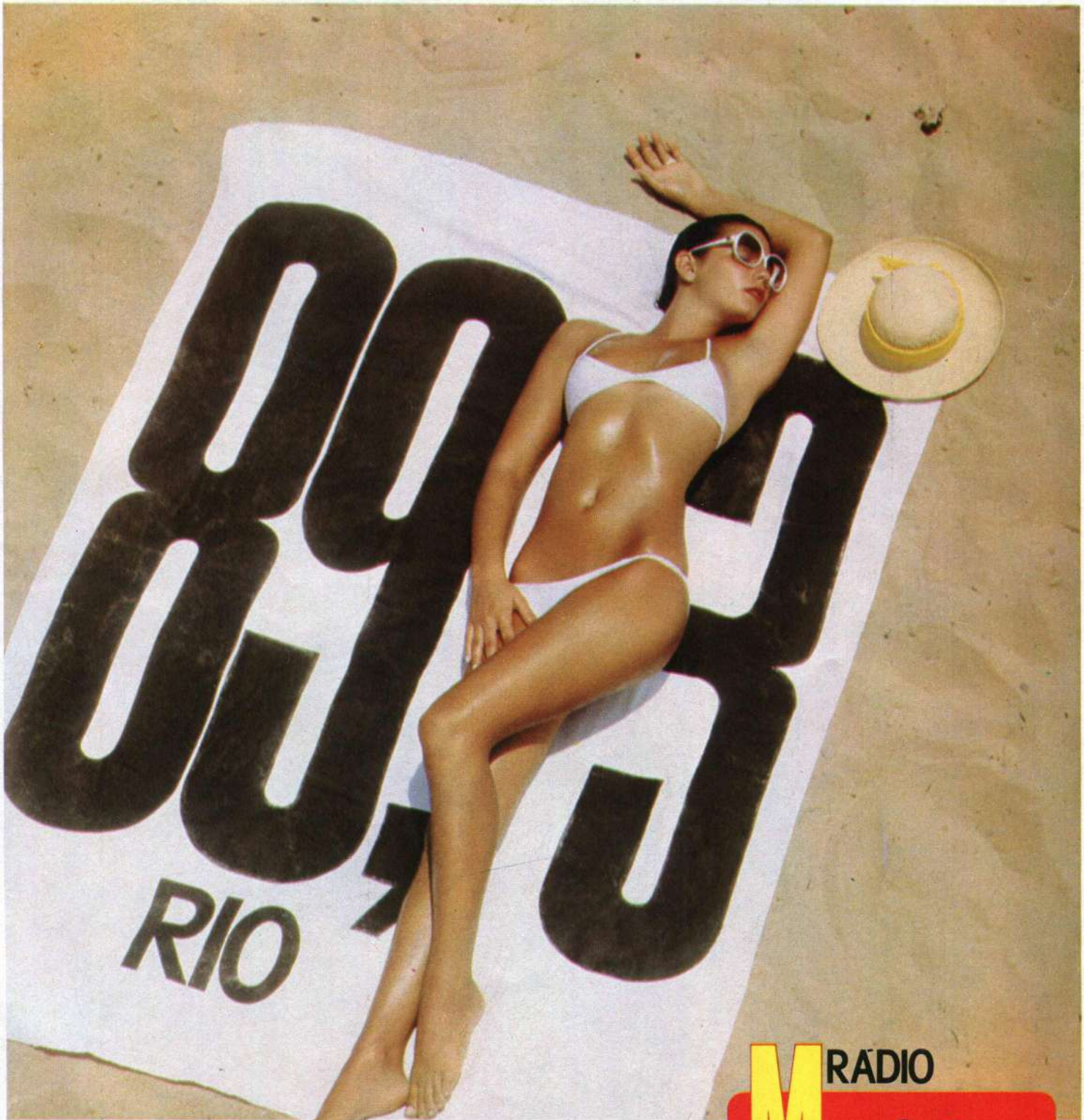
Otello é a décima oitava ópera de Rossini, no sexto ano da sua produção e sétima ópera séria (compôs sua primeira ópera, *La Cambiale di Matrimonio*, em 1810, aos 18 anos de idade). Em 19 anos de produção intensa, escreveu 37 óperas, 18 das quais sérias, num perfeito equilíbrio, portanto, com a produção cômica. Obviamente Rossini não teve a sorte de Verdi com os libretistas e, provavelmente, o de *Otello*, o Marquês Berio conhecia mais o árido conto do quinhentista Giraldi (no qual se inspirou Shakespeare) do que a obra do grande dramaturgo inglês. Não fosse o fôlego juvenil do compositor, o seu *Otello* teria resultado numa caricatura. Por isso, mesmo sendo admirador incondicional de Rossini, Lord Byron escrevia a 3 de março de 1818: "...eu vi martirizar Otello em ópera...".

Qualquer compositor, hoje como ontem, teria devolvido o libreto ao entusiasta mas pouco talentoso marquês-poeta. Rossini, porém, revestiu esses versos muitas vezes grotescos (como no final do 1.º ato, *"il barbaro tenor"*... e na ópera atuam *três* tenores) com uma música tão boa que alcança, em alguns momentos, vértices líricos e dramáticos notáveis. Entre as mais belas páginas avultam o dueto Desdemona - Emilia *(vorrei che il tuo pensier)*, a canção do gondoleiro com versos de Dante *(nessun maggior dolore)* e a "canção do salgueiro" *(assisa a' pie' d'un salice)*.

As outras duas óperas de Rossini em cartaz nesta — *faz-de-conta* — temporada lírica em discos, são *L'Italiana in Algeri* e *Il Turco in Italia*, a segunda produzida para aproveitar o sucesso da primeira.

Ao contrário da de *Otello*, a produção dessas duas obras-primas de humorismo rossiniano não é tão recente; todavia continuam sendo as únicas disponíveis e, devido à excelência com que foram gravadas, possuem todo o sabor da atualidade, mesmo para os mais exigentes paladares... técnicos. Ambas as óperas foram gravadas no *Scala* de Milão. Na *Italiana* atuam Giulietta Simionato, Valletti, Petri, Sciutti e Cortis sob a batuta de Carlo Maria Giulini. No *Turco in Italia*, Maria Callas, Nicolai Gedda, Rossi-Lemeni, Giardino, Stabile, regente Gavazzeni. É de se notar que na *Italiana* o personagem da vivaz e apaixonada Isabella é uma das grandes realizações de Giulietta Simionato. Neste papel a cantora se apresentou pela primeira vez no Scala em março de 1953, numa edição memorável, com Giulini na regência. A esse propósito, Angelo Sguerzi observava que o caso da Simionato não se reflete apenas sob aspecto técnico-vocal, mas também na evolução do

Ligue-se na primeira do dial



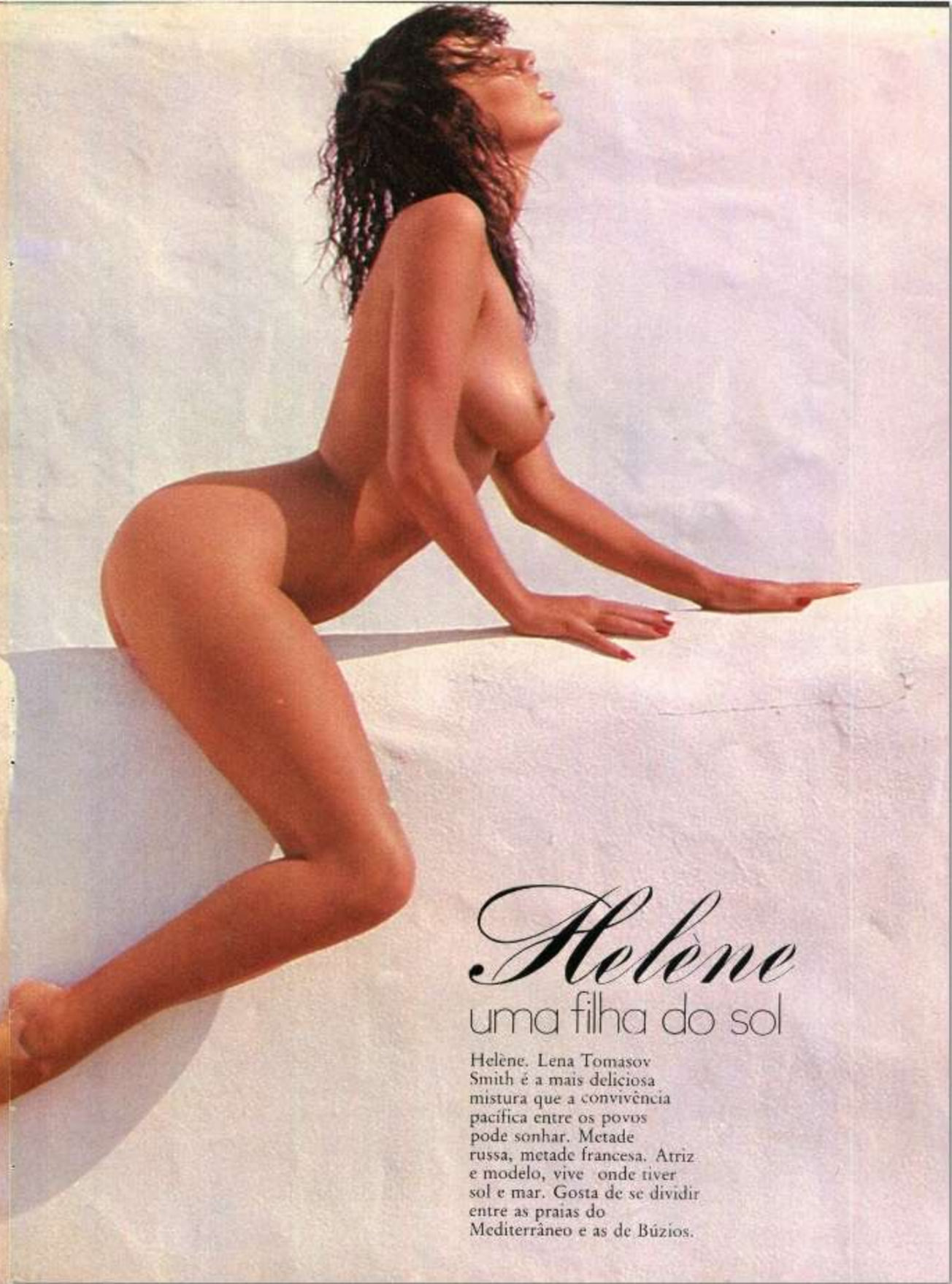
Agora você não precisa mais ficar dando voltas no rádio para descobrir a FM do momento. A Rádio Manchete é a primeira do dial. Ligue-se nela. Para ouvir o que há de melhor em FM. Um show musical atrás do outro. Um sucesso atrás do outro. Noticiário de hora em hora na mais dinâmica programação que uma FM já conseguiu. E como você gosta.

RÁDIO Manchete FM

Rio 89,3 MHz

"Em questões de amor
sou orgulhosa, altiva.
Só me entrego
a quem escolher
e num clima
muito especial"

Fotos de Siwen Ohlsson Apla



Helène
uma filha do sol

Helène. Lena Tomasov Smith é a mais deliciosa mistura que a convivência pacífica entre os povos pode sonhar. Metade russa, metade francesa. Atriz e modelo, vive onde tiver sol e mar. Gosta de se dividir entre as praias do Mediterrâneo e as de Búzios.

“Em questões de amor
sou orgulhosa, altiva.
Só me entrego
a quem escolher
e num clima
muito especial”

Fotos de Siwen Ohlsson Apla

Helène

uma filha do sol

Helène. Lena Tomasov Smith é a mais deliciosa mistura que a convivência pacífica entre os povos pode sonhar. Metade russa, metade francesa. Atriz e modelo, vive onde tiver sol e mar. Gosta de se dividir entre as praias do Mediterrâneo e as de Búzios.

‘Um homem tem que saber me despir muito mentalmente. E são poucos, muito poucos, os amantes que dominam com maestria essa arte.’

Sua vida agitada de modelo encontra sombra e água fresca numa rede — lugar onde ela curte especialmente fazer amor —. Helène sabe gozar todos os minutos de sua solidão. Fez um doce aprendizado de cada milímetro do seu corpo, da sua pele e, por isso, é exigente com o parceiro. Para Helène, sexo tem que ser, sempre, feito de maneira saudável. E ela guarda mistérios insuspeitados para raros eleitos.

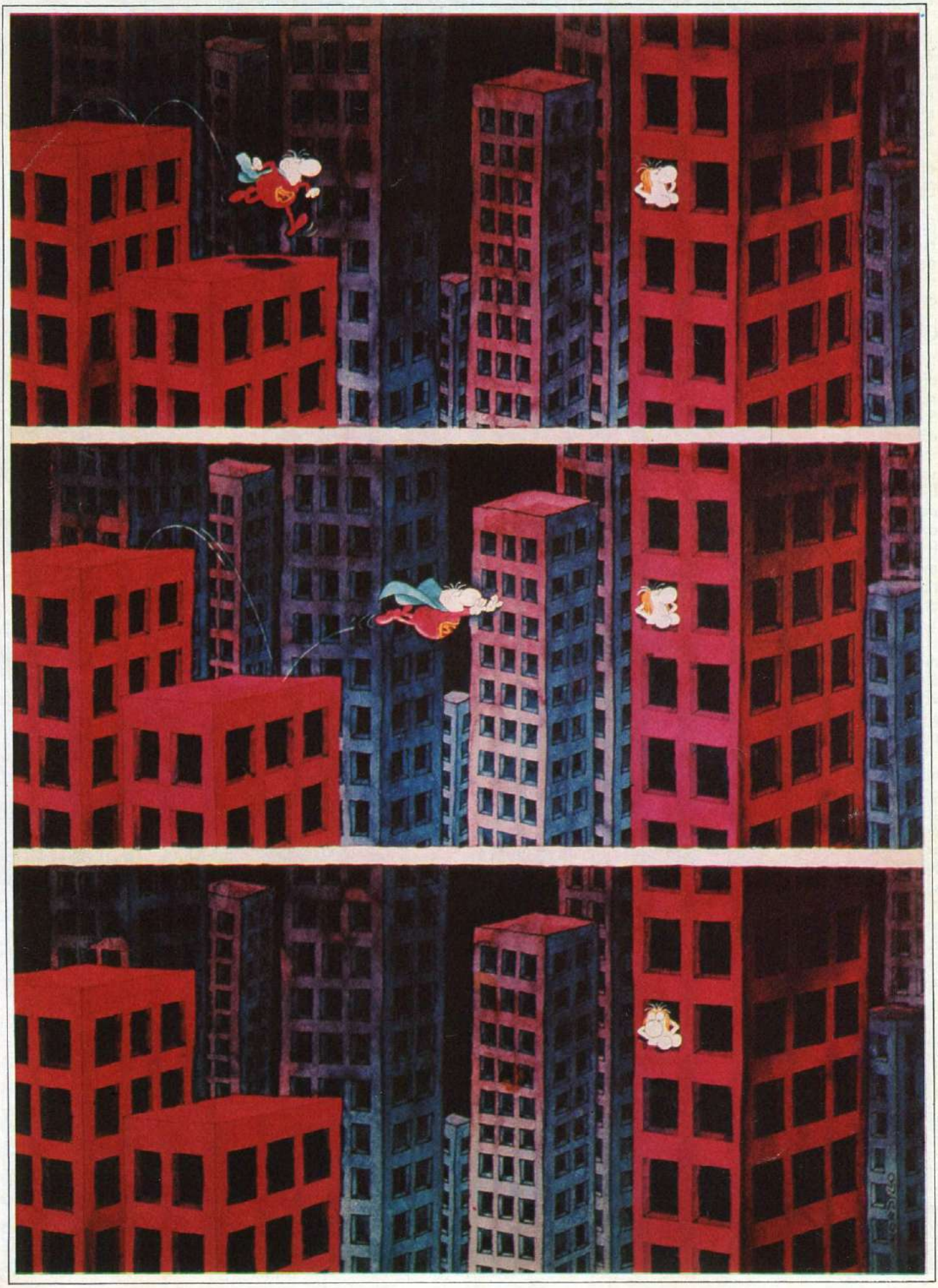
‘Um homem tem que saber me despir muito mentalmente. E são poucos, muito poucos, os amantes que dominam com maestria essa arte.’

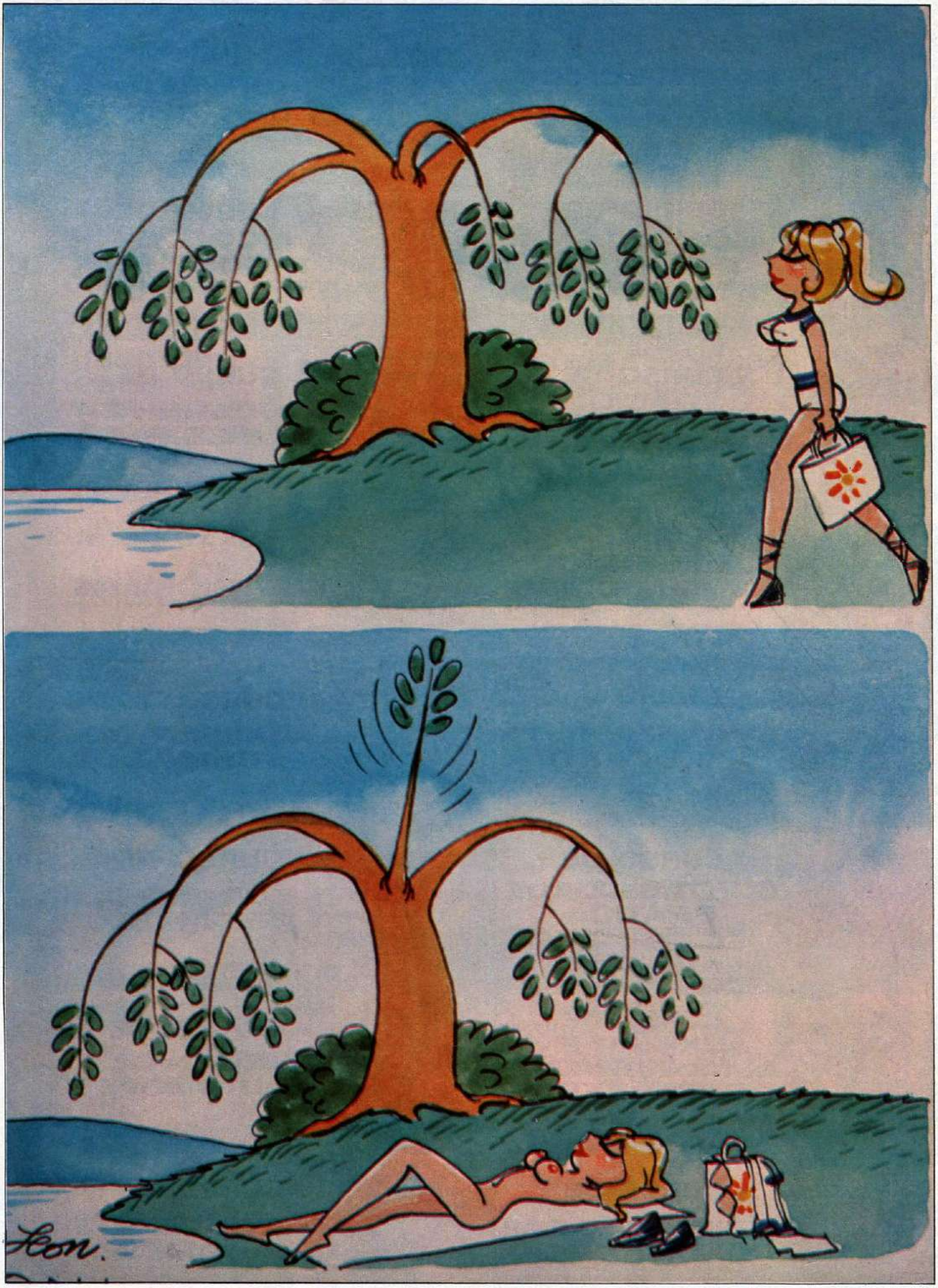
Sua vida agitada de modelo encontra sombra e água fresca numa rede — lugar onde ela curte especialmente fazer amor —. Helène sabe gozar todos os minutos de sua solidão. Fez um doce aprendizado de cada milímetro do seu corpo, da sua pele e, por isso, é exigente com o parceiro. Para Helène, sexo tem que ser, sempre, feito de maneira saudável. E ela guarda mistérios insuspeitados para raros eleitos.

Durante o dia, sou a
própria preguiça.
Uma gata siamesa. À
noite solto os mil
demônios
aprisionados nos
meus sentidos.

Durante o dia, sou a
própria preguiça.
Uma gata siamesa. À
noite solto os mil
demônios
aprisionados nos
meus sentidos.

Seu rosto reflete ora o ar de uma camponesa russa, ora o charme imbatível da mais perfeita parisiense. E ela sabe tirar partido como ninguém de suas armas pacíficas e eróticas dança e rodopia, vai e vem, até cair nos braços de algum iniciado na arte do prazer O azul do céu é testemunha do sangue quente de *la belle Helène*




Leon.

Sheila

uma paixão pelo mar

Esta lourinha curte o mar desde criança, e quando se encontra na praia esquece até de cobrir-se para evitar os excessos do sol. Para os amigos, ela diz que, ao contato das ondas, chega a ter espasmos muito semelhantes aos que vulgarmente se chamam de orgasmos.

Fotos de Siwer Ohlsson/APLA

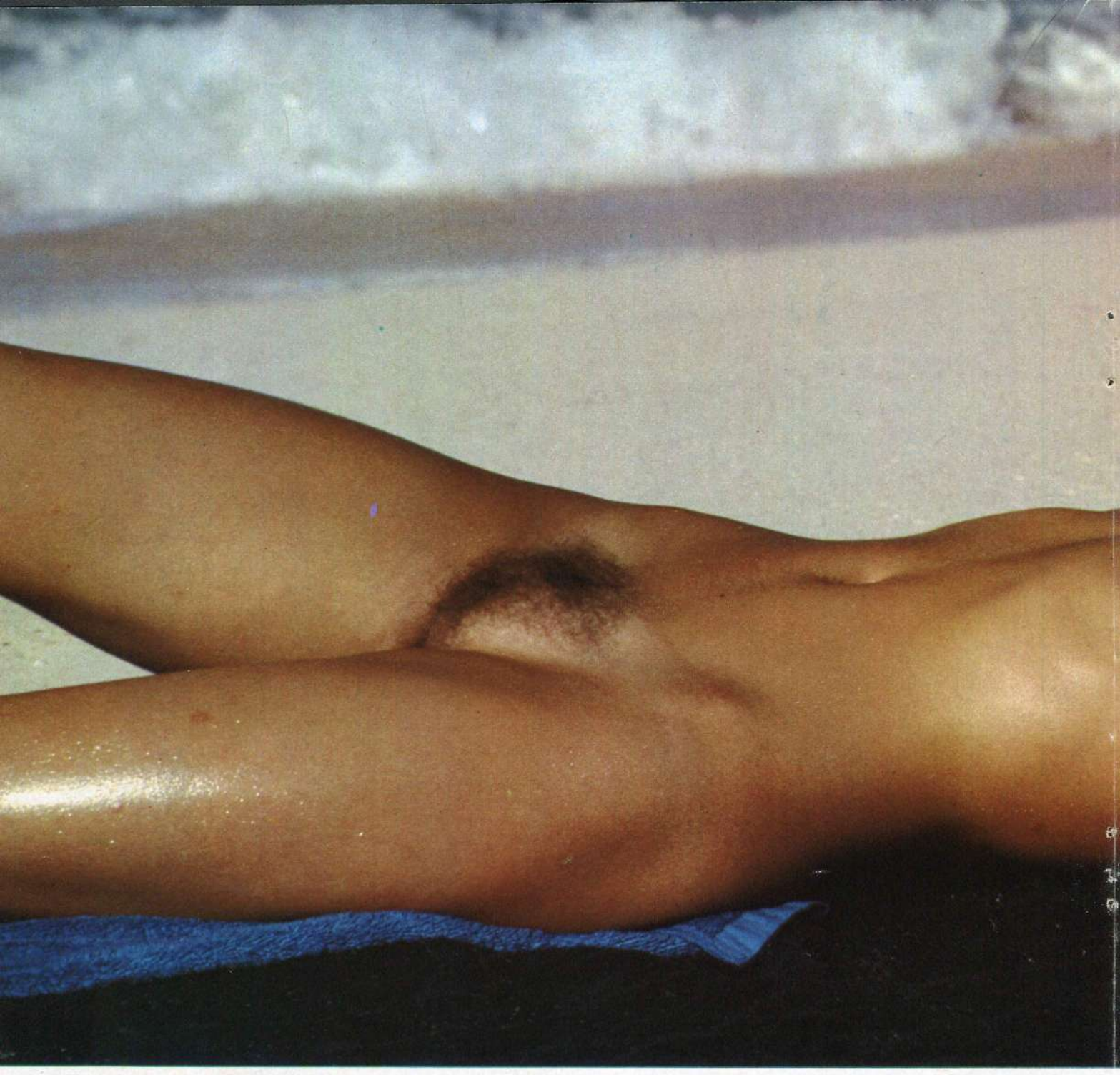
Sheila
uma paixão pelo mar

Esta lourinha curte o mar desde criança, e quando se encontra na praia esquece até de cobrir-se para evitar os excessos do sol. Para os amigos, ela diz que, ao contato das ondas, chega a ter espasmos muito semelhantes aos que vulgarmente se chamam de orgasmos.

Fotos de Siwer Ohlsson/APLA

Sheila tem a pele sensível aos raios do sol tropical, o que a torna mais quente ao cabo de uma hora de praia. "Eu nasci num clima frio", diz ela, "e tudo que transmite calor faz bem ao meu organismo desesperadamente sequioso de prazer".

Sheila tem a pele sensível aos raios do sol tropical, o que a torna mais quente ao cabo de uma hora de praia. "Eu nasci num clima frio", diz ela, "e tudo que transmite calor faz bem ao meu organismo desesperadamente sequioso de prazer".



Depois de saciada a fome, Sheila se entrega novamente ao culto do sol, estende-se lânguida na areia quente da praia e recebe passiva os ardentes beijos de ventos marinhos que lhe excitam os instintos.

Depois de saciada a fome, Sheila se entrega novamente ao culto do sol, estende-se lânguida na areia quente da praia e recebe passiva os ardentes beijos de ventos marinhos que lhe excitam os instintos.

Passat. Mais do que um carro, você está conquistando uma posição.

Ele não trocaria o avião por nada.
Nem de marca de carro.
O Passat roda pela pista do aeroporto.
Ele ganha espaço. Sente-se livre.
As poltronas do Passat tratam o corpo das pessoas como se deve.
Anatômicas, de primeira classe.
Lá fora um céu de brigadeiro.
Dentro do Passat, cores suaves, tonalidades que não cansam.
Passat. A vontade de pilotar sempre, sempre. Curva à esquerda. Curva à direita. A engenharia tem coisas emocionantes. Olhe o Passat.
A mais avançada conquista em motores refrigerados à água. Mecânica simplesmente perfeita.
A segurança dos freios. A suavidade e o silêncio da suspensão.
Ele dirige o Passat, enquanto alguém comenta que o carro é até mais econômico que outros modelos comuns. Ele disfarça: "Ah, é?"
Na sua posição, é mais fino agir como se não soubesse.

A marca que conhece o nosso chão.

Passat. Mais do que um carro, você e

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

cê está conquistando uma posição.

Ele não trocaria o avião por nada.
Nem de marca de carro.
O Passat roda pela pista do aeroporto.
Ele ganha espaço. Sente-se livre.
As poltronas do Passat tratam o corpo das pessoas como se deve.
Anatômicas, de primeira classe.
Lá fora um céu de brigadeiro.
Dentro do Passat, cores suaves, tonalidades que não cansam.
Passat. A vontade de pilotar sempre, sempre. Curva à esquerda. Curva à direita. A engenharia tem coisas emocionantes. Olhe o Passat.
A mais avançada conquista em motores refrigerados à água. Mecânica simplesmente perfeita.
A segurança dos freios. A suavidade e o silêncio da suspensão.
Ele dirige o Passat, enquanto alguém comenta que o carro é até mais econômico que outros modelos comuns. Ele disfarça: "Ah, é?"
Na sua posição, é mais fino agir como se não soubesse.

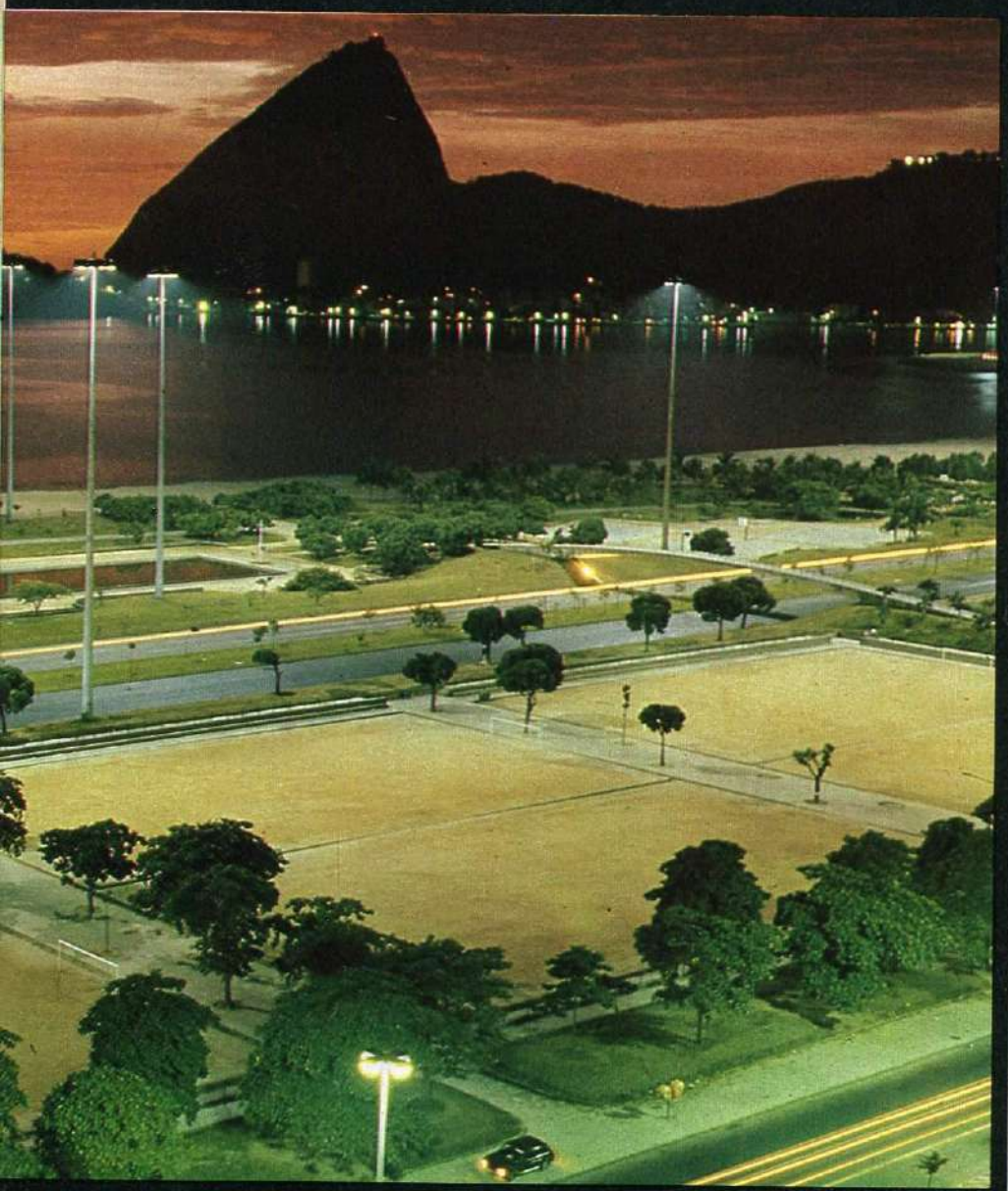
A marca que conhece o nosso chão.

ATERRO DO

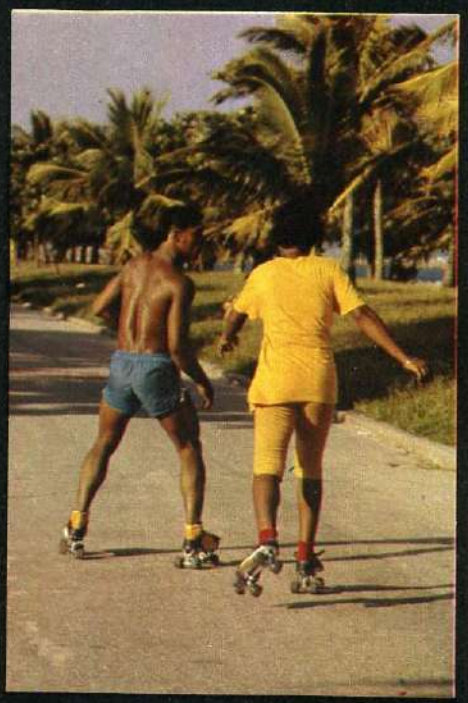
MENDIGOS, prostitutas, travestis, empregadas domésticas, loucos, atletas, peladeiros, cachorros, policiais, gente humilde. Vendedores de cachorros-quentes, catadores de mexilhões, pescadores, ex-presidiários, fazedores de pipas, mortos da Segunda Guerra Mundial. Veleiros, mulheres feias, muitas bicicletas, patins, patinadores, algumas mulheres bonitas na Marina. Mar manso, sujo, verdadeiramente fedorento. Luzes altas, vida incessante, futebol que jamais se acaba, amores sob as copas das árvores, laranjadas insossas de frutas passadas. Farofeiros, farnéis, frangos, cervejas em lata, feijão, arroz, pacotes de pão. Pedrinho Mattar tocando no Piano's Bar do restaurante Rio's, pratos de camarão a Cr$ 500, crianças brincando à vista dos pais... Tudo isto está no Aterro, mais precisamente no Parque do Flamengo, a qualquer hora do dia ou da noite, se bem que à noite, parte integrante desta fauna, os assaltantes, atuem entre as dombéias, os algodoeiros-da-praia, os ficus-italianos, as cássias e outras árvores das 17.000 que ali existem. Nesta área de 1.200.000 metros quadrados, com quase três quilômetros de comprimento, a vida é incessante e sem hora, e apesar de já ter quase 15 anos de existência, o Parque do Flamengo ainda é um espaço verde mal explorado pelo carioca, com exceção da classe pobre, humilde, que fez dele o grande divertimento de seus fins de semana.

Fotos de Carlos Humberto TDC

FLAMENGO



Onde a vida não tem tempo nem hora



DEITADO no banco de granito negro, à sombra de um algodoeiro-da-praia, o homem malvestido dorme no Parque do Flamengo. O dia é típico de verão. As pessoas caminham com preguiça e só apressam o passo para atravessar as pistas de alta velocidade do Aterro, onde os carros ultrapassam a barreira dos proibidos 80km por hora. É quinta-feira. As nuvens movimentam-se no céu trazendo uma incerteza de bom tempo para o fim de semana.

Já passa das três da tarde. Grupos de rapazes jogam futebol nos campos do parque, enquanto mães e babás vigiam as crianças que brincam no *playground*. Mais adiante, cinco garotos pobres mergulham no tanque de hidromodelismo,

enquanto meninas deslizam sobre patins de rodas em uma das quadras polivalentes e homens maduros fazem *cooper* na pista por onde passava o trenzinho turístico. Ciclistas pedalam elegantes, na orla da praia em que moças se bronzeiam e às vezes se molham na água poluída da baía da Guanabara.

O Parque do Flamengo dá uma triste impressão de abandono devido à sujeira em que o deixam. Mesmo assim, recebe diariamente centenas de pessoas que se divertem em suas áreas de lazer ou simplesmente nada fazem. Ali, se ama, se rouba, se corre, se morre e se poderia até dançar, se a pista, semelhante a um teatro de arena, fosse devidamente utilizada. Em vez disso, nela, às sete da manhã, gordas senhoras se exercitam dentro de suas malhas e transpiram sob os olhares de homens humildes que esperam o tempo passar. Só que, nesse imenso parque em cujas encruzilhadas são armados despachos para Exu, o tempo é um mistério indecifrável.

Para retê-lo, não basta correr no ritmo de *cooper*. É preciso, também, persegui-lo no trânsito engarrafado das sete horas da noite.

Imagem refletida da realidade carioca, o Parque do Flamengo congrega variadas espécies de gente, num infindável rodízio, como o dos peladeiros que se revezam o dia inteiro. Às duas da tarde como às cinco da manhã, o turista desavisado se espanta com o que vê. Pois o parque se limita, ao norte, com o Museu de Arte Moderna e, ao sul, com o *playground* da Avenida Rui Barbosa, no morro da Viúva. Nesse espaço espalham-se as mais diversas áreas de atividades, planejadas por um grupo de trabalho que era presidido pela mulher que, na realidade, inventou o parque — Maria Carlota Macedo Soares.

No início da década de 60 ainda havia eleições diretas para governadores e, no antigo Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, candidato da UDN, derrotou o candidato da coligação PTB/PSD, Sérgio Magalhães. Certa noite, já governador eleito, Lacerda conversava com Maria Carlota na janela do apartamento dela, na Praia do Flamengo.

"Agora que eu sou governador, peça-me o que quiser, Lota" — ofereceu Lacerda.

"Quero esse aterro, para fazer um parque" — respondeu ela.

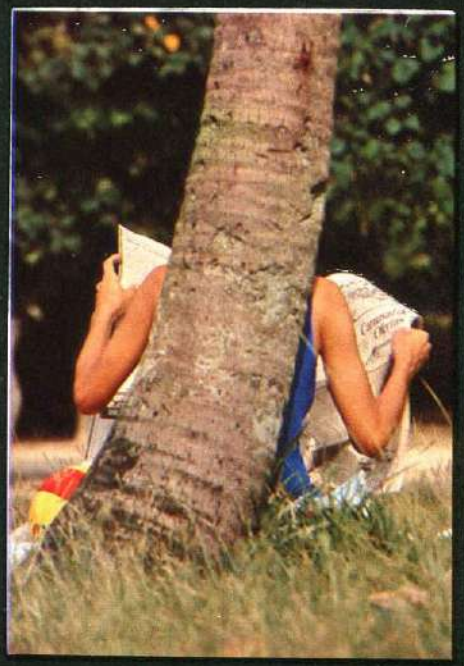
Lacerda nomeou-a, então, presidente da empreitada e o parque começou a ser planejado, sendo entregue ao público em outubro de 1964.

Hoje, às vésperas de se completarem 20 anos do início das obras, o parque está praticamente terminado. Falta apenas a grade destinada à plantação de flores e às vegetações exóticas. Mas

Na calma verde do gramado do Aterro, cada um descobre sua forma de curtir o sol, e se ama, se queima, se descansa e até se consegue ler.

enquanto não é construída, a vida ali continua uma alegre rotina para o povo que o toma sete dias por semana, utilizando de todas as maneiras imagináveis as suas possibilidades. No quebra-mar agrupam-se pescadores oriundos da Glória e do Catete, mendigos e vagabundos, desempregados e ex-presidiários. Existe até os que ali improvisaram cabanas com madeiras de caixote e cobertas com plástico. Alimentam-se de peixe e mexilhões, bebendo cachaça ou álcool puro misturado com mel e açúcar, como um homem louro, magro, de cabelos curtos, pés grossos, que habita o quebra-mar e acalenta um único sonho. "Sabe o que eu quero? Tô é a fim de voltar pro presídio para não fazer nada e ficar lendo jornal o dia inteiro."

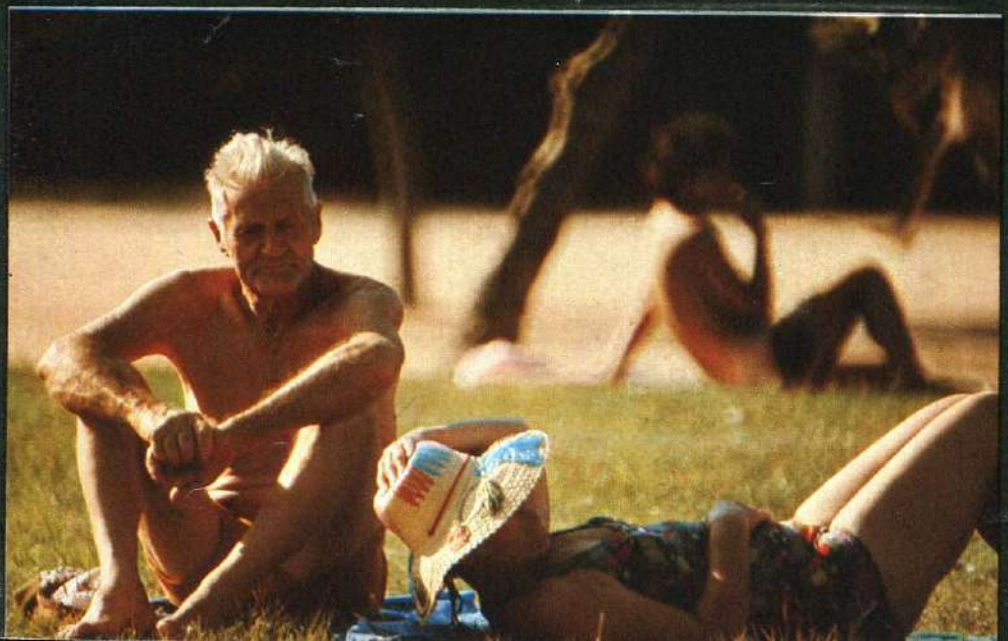
A toda hora chegam pescadores em busca das tainhas que saltam à flor da água. Eles já têm suas pedras preferidas, arrumam a isca de sardinha com farinha em seus tabuleiros, cumprimentam-se



como velhos conhecidos, armam os anzóis e lançam linhas ao mar, penduradas em varas simples ou enroladas em latas — as *latonetes* —, pois nem todos podem adquirir um molinete. E as histórias de pesca são fantásticas.

Ali, no entanto, não há mais peixes como há 20 anos. No fim dos anos 50 e mesmo no início dos 60, cocorocas com mais de 30 centímetros eram apanhadas em meros anzóis tipo mosquito, usando-se como isca baratas de pedra, apanhadas com a mão. A poluição das águas era insignificante, tanto assim que ainda se pescavam camarões no local.

Antes mesmo que o parque estivesse concluído, crianças e adultos já disputavam, com os tratores e os trabalhadores, espaços para jogar futebol. Afinal,

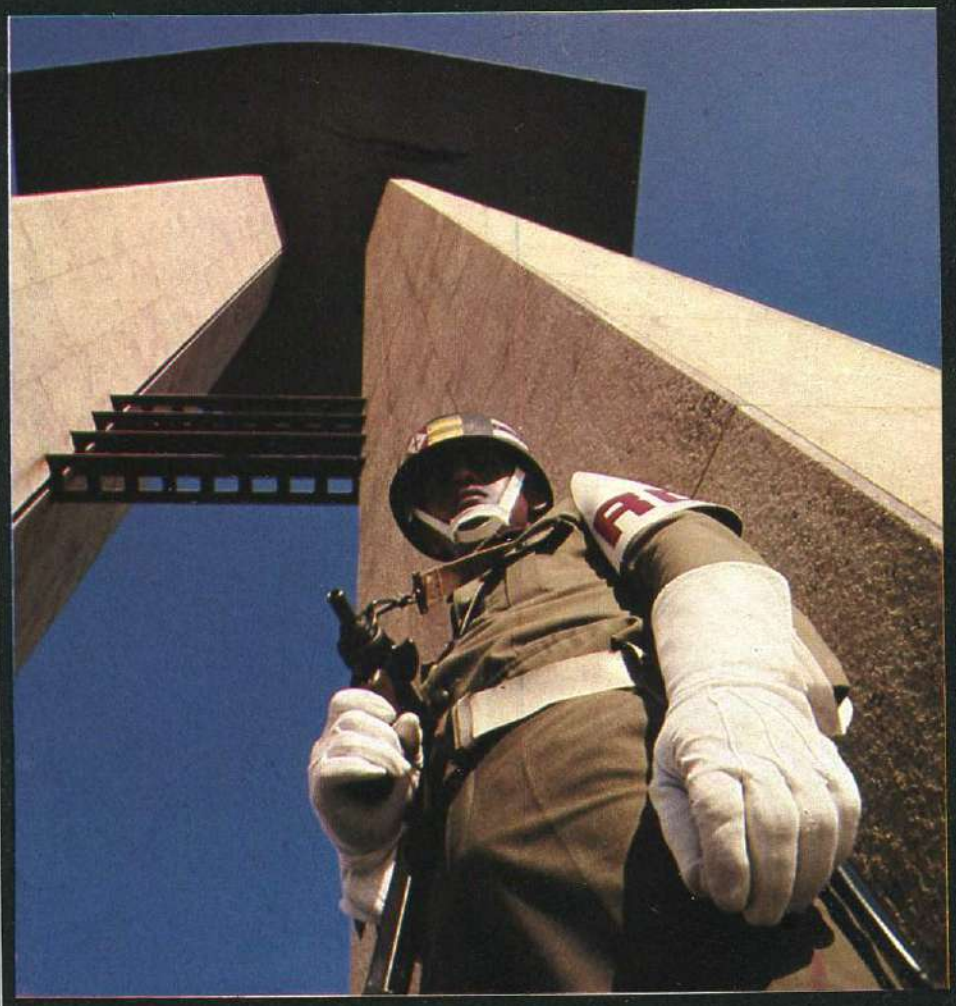


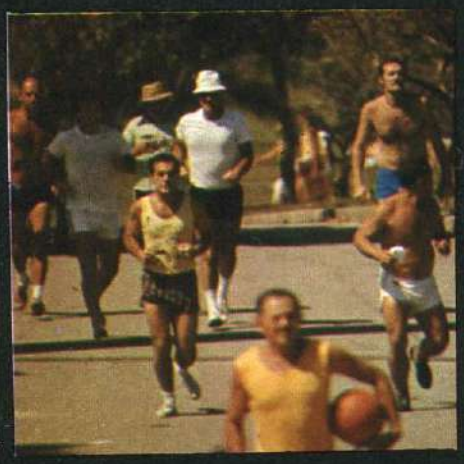
era o primeiro parque de recreação ativa no Brasil, e que viria a ser considerado como um dos mais completos do mundo no I Congresso Internacional do Lazer, realizado em 1969, na Alemanha. Hoje, ele encerra clubes naúticos, um viveiro de aclimatação de árvores, o Museu de Arte Moderna, as passarelas monumentais, a Marina da Glória, o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, diversos postos de gasolina, as duas pistas de aeromodelismo, sanitários públicos, telefones, a pista de dança, o coreto, o tanque de hidromodelismo, oito campos de peladas, os dois *playgrounds*, as duas quadras de tênis, um teatro de marionetes e fantoches, o monumento a Guauthemoc, o Restaurante Rio's, a área destinada à escolinha de motoristas, o centro meteorológico, o monumento a Estácio de Sá, além de 1.600 metros de praia. Na verdade, é o único parque no mundo que tem praia.

"Mas isso é um grande azar — lastima-se o diretor dos Parques e Jardins, Mário Sophia —, porque a maioria das pessoas cruza o parque apenas para ir à praia, mergulhar na água salgada e depois se deitar na grama com o corpo molhado, estragando o verde."

Se alguém tivesse que definir o Parque do Flamengo em poucas palavras, teria várias opções: Reino dos Mendigos, Paraíso das Crianças, Recreio da Classe Pobre, Lupanar dos Travestis, Gigantesco Campo Olímpico, Manjar dos Assaltantes, e por último, Motel das Estrelas. Pois todos os personagens que compõem esse microcosmo carioca não marca hora para o início ou o fim de suas atividades.

"Teoricamente — diz Rosy Peixoto, responsável pela área de lazer —, deveria ser proibido o futebol nos campos depois das 23 horas. Mas é muito melhor deixar alguns craques jogarem futebol ao longo da madrugada do que soltá-los por aí, em busca de roubos e assaltos."





O chafariz, o tanque de hidromodelismo, a sombra das árvores o passeio de barco ou mesmo um mero chapéu de pano amenizam o calor quando o sol esquenta demais.

Nove da noite, sexta-feira, Avenida Oswaldo Cruz. Kátia, cabelos castanhos, olhos amendoados, unhas pintadas de carmim, espera um freguês ocasional. Os ombros largos e o pé enorme, denunciam a sua masculinidade. O repórter pára o carro alguns metros a sua frente, abaixa o vidro da janela, desliga o rádio. Kátia se aproxima, com desconfiança e avisa que está na batalha.

— Eu sei, meu bem, basta você me dizer quanto é o câmbio.

Ela o encara nos olhos. A pele do rosto revela um doloroso processo de eletrólise.

— Então, quanto é?

— Cento e cinqüenta a chupadinha.

— Tá muito caro, deixa pra outro dia.

Kátia não desiste, negocia, diz que faz por Cr$ 100, mas acentua com voz dengosa que por esse preço o jogo tem que ser rapidinho.

— Onde é que a gente pode ir? — pergunta o repórter.

— Logo ali, no estacionamento do aterro.

Você não prefere ir ao meu apartamento?

Não, nada de apê. Se você quiser, a gente pode ir prum motel no Catete.

Mas quando ele pergunta o nome civil

do travesti, este foge: "Ah, você não está a fim de nada, eu não tô aqui pra perder meu tempo."

Nem todos os fregueses do Aterro, no entanto, são assim. Há os que param, não discutem, não negociam, não regateiam, como executivo do Alfa-Romeo prateado, camisa branca, sem gravata. Kátia enfiou o rosto na janela, depois abriu a porta, sentou-se e o carro arrancou. O Alfa dirigiu-se para o primeiro estacionamento do parque, na Avenida Ruy Barbosa e instalou-se

na última vaga. De longe, via-se a cabeça de Kátia se movimentando no interior do carro. Pouco depois, o motorista manobrou o carro e saiu do estacionamento. Kátia faturara mais algum no Motel das Estrelas.

Nem tudo, no entanto, é prazer no Parque do Flamengo. Há também desgraças grandes e pequenas. Prostituição, assaltos polícia atirando em bandidos, bandidos atirando em polícia, tráfico de drogas, câmbio negro de vendagem de horário para os jogos de pelada e até mesmo *topless* e *bottomless*. Só que neste verão quem mostra os seios ali, não são meninas, como em Ipanema, mas os próprios travestis. No fim da Rua do Russell, existe a Sacola, área dominada por assaltantes e homossexuais de todos os gêneros. E as bichas não sofrem qualquer repressão. Às vezes, uma patrulhinha da PM informa aos desavisados e turistas que a barra ali é pesada. Seios à mostra, as bonecas provocam e convidam num aceno: "Vem cá, meu louro gostoso; o que você tem aí pra eu segurar? Vamos lá em casa da titia fazer um amorzinho, meu bem."

Céu azul, mar manso, vento suave. Os pequenos *lasers* escorrem pela rampa da marina. Um mergulhador solitário, vestido com roupa negra de neoprene, mergulha de bicheiro na mão em busca de um polvo, enquanto, nos jardins, mais de 200 trabalhadores da Ceres — repreendida pelo administrador do parque, Geraldo Figueiredo, por ter relaxado com a limpeza —, homens e mulheres, protegidos do sol com gorros, chapéus, lenços, vestidos de brim verde, capinam a grama queimada de sol. Rostos cansados, suados, enxadas na mão, eles capinam, catam papel e limpam de domingo a domingo, parando apenas para o almoço. Mas não são apenas estes trabalhadores que levam comida para o parque. Aos domingos e feriados, hordas de banhistas transitam pelas passarelas em busca da praia, das sombras das árvores ou de um recanto solitário e, então as marmitas e os farnéis são incontáveis. Nos domingos, os ônibus que vêm dos subúrbios despejam nos pontos centenas de farofeiros. Também vêm muitos carros que ocupam desordenadamente a longa calçada da Praia do Flamengo. Pacotes de pão em fatias, frangos, laranjas, água em garrafas plásticas, maçãs, sanduíches de queijo, presunto, salame, mortadela, cervejas em lata. Até o meio-dia, aproximadamente, os farnéis ficam guardados, protegidos do sol sob as árvores. Enquanto alguns se divertem, um fica de guarda, pois as mãos ali são rápidas e os cachorros muito esfaimados. Os comensais mergulham, jogam futebol em qualquer espaço disponível, tentam andar sobre patins, e quando chega a fome, começa o piquenique.

— "Há uns cinco anos que venho pra cá" — diz um habitante do Méier. — "Antes eu ia lá pros lado da Barra da Tijuca, mas aqui é muito melhor, pois tem banheiro, bebedouro e árvore. Aqui, a gente pode ir pro sol ou ficar na grama, debaixo das árvores e comer sem que ninguém chateie a gente. O mar é mansinho e não tem muito perigo das crianças se afogarem. Além disso a condução aqui é mais fácil."

O Parque do Flamengo, contudo, poderia não ter sequer sido construído, pois a área foi cobiçada durante muito tempo por interesses de grupos.

"Tentaram construir prédios, mafuás, sedes de clubes, hotéis de turismo, piscina flutuante no mar, campo de pólo" — conta o arquiteto Mário Sophia, que também trabalhou na equipe de Maria Carlota Macedo Soares. Muitos políticos da época da construção procuraram Carlos Lacerda ou o Peixoto, presidente da extinta Sursan, e apresentaram planos mirabolantes. Lacerda e Peixoto concordavam com tudo, mas explicavam que quem decidia era a Carlota.

"Quem conhecia a Lota" — prossegue Werneck — "nem se aventurava a

VOCÊ CHEGARIA A ELA?

É bem provável que não, você é muito tímido. Entretanto ela lhe agrada. E o pior é que **você lhe agrada também.** As mulheres sempre perdoam os audaciosos, mas nunca os que perdem as oportunidades.

É chato a gente ser passado para trás o tempo todo, principalmente por pessoas menos inteligentes, sensíveis e sinceras que você.

Qual será o segredo desses homens de sucesso? Simplesmente a confiança em si mesmos, a segurança, que é o que lhe falta.

Mas esse problema nós podemos resolver em apenas alguns dias, bem antes do que você imagina. Possuimos um método avançadíssimo que já transformou milhares de tímidos em homens de sucesso, tanto na vida profissional, social, como amorosa.

VENÇA TODAS AS BARREIRAS DA TIMIDEZ. Peça nosso método **ainda hoje,** e torne-se o homem brilhante que chega onde quer chegar ., tranqüilamente.

ADVANCE

Métodos e Sistemas
Caixa Postal 57052
04081 — São Paulo SP.

PEDIDO PREFERENCIAL

☑ **SIM, desejo receber urgente** (assinale no quadrinho)

☐ Método "COMO VENCER A TIMIDEZ EM 7 DIAS" **Por apenas Cr$ 650,00.**

MODO DE PAGAMENTO:

☐ Cheque ou Vale Postal **anexo.**

☐ Reembolso Postal (+ taxa de Cr$ 100,00)

NOME:

RUA: Nº.

CEP: CIDADE: EST

falar com ela, e os que a faziam se espantavam com seu modo de falar, quando ela os mandava para aquele lugar."

Um dos que foram barrados por Carlota foi o artista Capitão Asa, do rádio. Ele quis requisitar uma área para as suas promoções. Depois de muita conversa com os arquitetos, ela convidou-o a retirar-se de sua sala. O Capitão Asa lembrou-lhe que o microfone que segurava poderia estar ligado, e Maria Carlota, impassível, disse-lhe que dobrasse o microfone e o enfiasse no lugar conveniente.

Hoje em dia, as pistas de aeromodelismo não atraem muitos amadores. O esporte é caro e apenas alguns modelos voam, deixando no ar o cheiro enjoativo de mistura que movimenta os pequenos motores. As pistas, agora, se improvisam em rinques de patinação e de *skate*.

Mais deturpado ainda em sua proposta é o tanque de hidromodelismo. Já foi palco de disputas em miniaturas de veleiros e lanchinhas pilotadas por controle remoto, mas hoje não passa de uma piscina improvisada, onde pivetes e desavisados de sua sujeira brincam ou fazem suas necessidades físicas, e serve também de tanque de lavar roupa a bêbados e mendigos que vivem por ali.

No Parque do Flamengo o dia é longo e lento, e só por volta das cinco da manhã, quando são desligadas as luzes dos altos postes, é que os jogadores de pelada encerram a última partida. O sol nasce preguiçoso, mas sobe com rapidez e como que de súbito sua luz muito clara, quase branca, revela já a presença de centenas de pessoas que aos poucos invadem todos os recantos, quadras de basquete, campos de futebol, ciclovia, enquanto crianças brincam na cidade em miniatura e garotos um pouco mais velhos jogam pingue-pongue nas mesas de concreto. Um deles nota a ausência do avião da Varig que existia ali e foi recentemente retirado. "O avião levantou vôo" — alguém goza.

Esse boeing já provocou muita discussão e Roberto Burle Marx reclamou de sua presença, pois contrariava a filosofia de que nada deveria interferir no verde (apenas 0,1% da área do parque possui edificações).

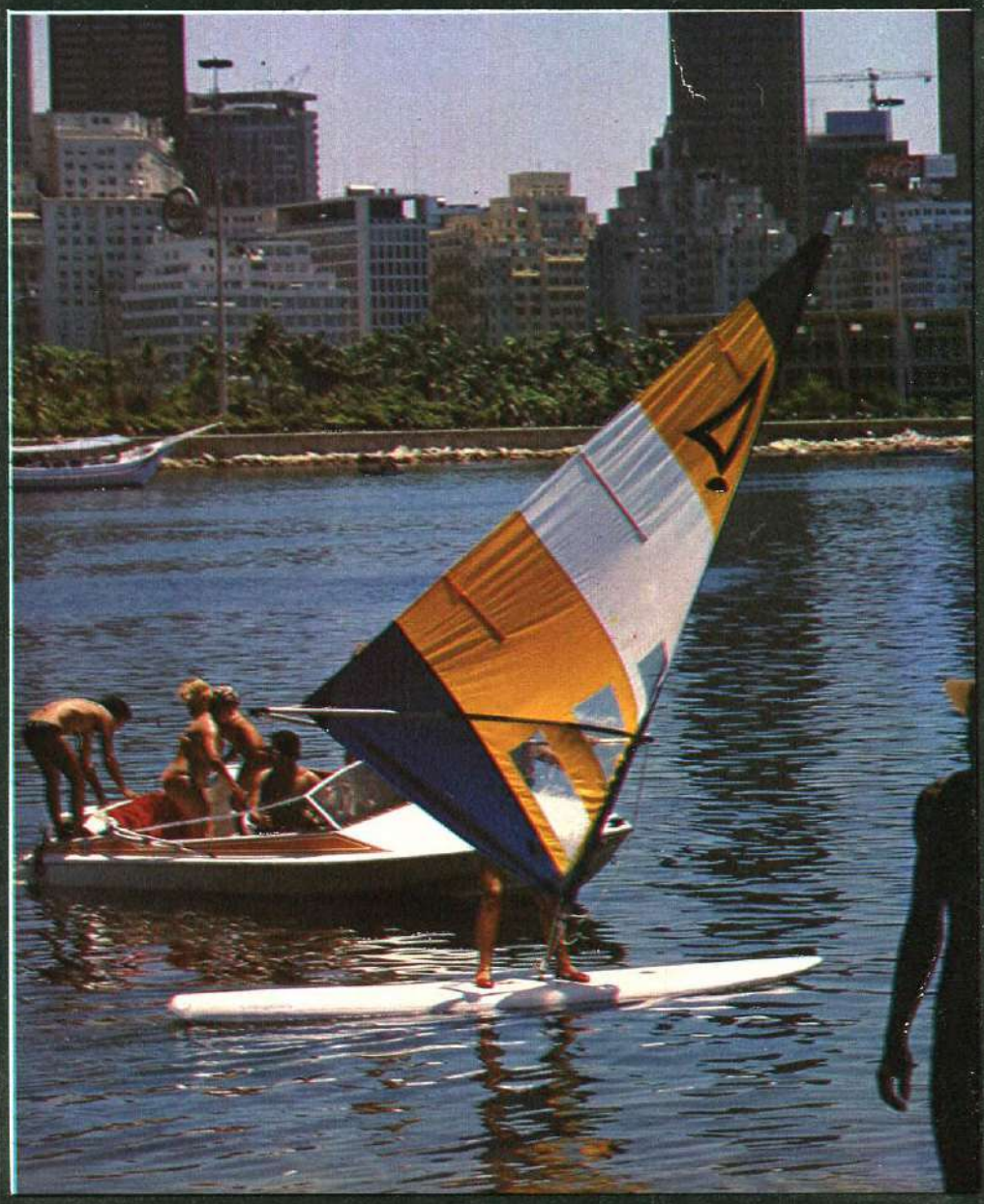
Construída na administração do ex-Prefeito Marcos Tamoyo, a Marina da Glória forma com o Restaurante Rio's os dois extremos do Parque do Flamengo. Entre esses dois pólos, a massa se diverte com simplicidade, enquanto veleiros e lanchas burgueses, de todos os tipos e calados, atracam e partem dos píeres.

Segundo a funcionária de uma loja da marina, para se conseguir uma vaga de estadia para as embarcações é necessário ter um pistolão muito forte ou senão esperar numa fila que raramente chega ao fim.

Apesar de não ter um posto de gasolina e de o restaurante da marina não ter sido construído por falta de verba, não se pode pôr em dúvida a beleza do local que oferece de sobra a presença de belas mulheres que acompanham os iatistas ou esperam um convite para uma volta de lancha pela baía.

Área de muitos usos, o parque apresenta, hoje, sinais de decadência. As árvores são queimadas por velas ou têm seus galhos arrancados, os pavilhões estão sujos de detritos humanos, a praia exala um cheiro infecto de esgoto, como se quase nada adiantassem os dois milhões de cruzeiros que são gastos mensalmente em sua manutenção.

"Um problema sério, apesar de aparentemente inofensivo, é a pipa — afirma Rosy Peixoto —, pois acontecem verdadeiras guerra entre elas. Os garotos, e até mesmo homens maduros,



Pipas e balões, velas e camisetas completam o colorido do parque, mas quando a fome e a sede apertam, pausa para um disputado cachorro-quente e um refrigerante.

ficam alucinados e não vêem nada à frente. Quando uma delas é cortada e cai, eles sobem nas árvores, arrancam galhos e estacas que protegem os canteiros das plantas novas, tudo para conseguir pegar a pipa."

Elas, no entanto, são indiscutivelmente bonitas, de todos os tamanhos e cores. Vendidos a 15 cruzeiros na descida da passarela em frente à Rua Silveira Martins, elas nunca saem de moda e seus proprietários manobram-nas com sabedoria e destreza, fazendo-as evoluir de contra o céu em manobras angulosas na fuga do cerol inimigo e na espera do momento do bote. De repente, alguém perde o controle da linha que despenca pelo espaço, e começa o corre-corre para o tasca, na briga pela posse da pipa

vencida.

Quando chega a segunda-feira, das sete da manhã até as nove da noite, o lixo, os detritos, os restos dos piqueniques são recolhidos. Enchem três caminhões e o parque está pronto para mais uma semana de vida.

"Certa vez perguntaram-me se acho o Parque do Flamengo perfeito — conta Geraldo Figueiredo, o administrador —, e eu respondi que se pensasse assim seria um imbecil. Contudo, se compararmos este parque com o Central Park de Nova Iorque, constataremos que até em matéria de assaltos e roubos somos subdesenvolvidos. O grande problema é que não se tem consciência do que seja esse parque. Antes dele havia a Quinta, o Campo de São Cristóvão, o Parque da Cidade, o Campo de Santana, a Praça Paris e o Passeio Público, que ofereciam uma forma passiva de divertimento. Este aqui, no entanto, foi uma concepção nova em matéria de parque de lazer no

Brasil. Entretanto, o público não zela por ele e a polícia está despreparada para este tipo de serviço. Por exemplo: o soldado da PM está preocupado com o assaltante, com o criminoso, e é incapaz de chamar a atenção de um rapaz que quebra um galho de árvore."

Polícia, aliás, é o que não falta no parque. Assaltos também. Em camburões, em camionetes, em patrulhinhas, a pé e até a cavalo os soldados viagiam, mas há pouco tempo um policial foi atacado por um marginal armado com uma vara e nem o cachorro que o PM levava reagiu, por estar destreinado. Além disso, o dia é longo, o sol é quente e a preguiça, o cansaço e a inveja da multidão se divertindo não tardam e, apesar de fardado, ele acaba preferindo paquerar as empregadas domésticas que sempre estão por perto.

Quanto ao consumo, o que mais se vende é cachorro-quente, mas não só salsichas insossas e pães massudos são servidos no parque. O restaurante Rio's faz a festa do burguês. Encastelado na extremidade sul, esse estabelecimento é um elegante, agradável e sofisticado complexo culinário, mas é caro e um prato de camarões não custa menos que Cr$ 500.

Além do restaurante, há o Piano's Bar, aconchegante, simpático, onde casais de namorados trocam juras de amor.

Mais acessível do que esses dois ambientes decorados com luxo, vidros fumês, tapetes espessos, é o bar anexo que se pode freqüentar mesmo em trajes de banho. O único incoveniente é que a maioria dos tira-gostos relacionados no cardápio estão sempre em falta.

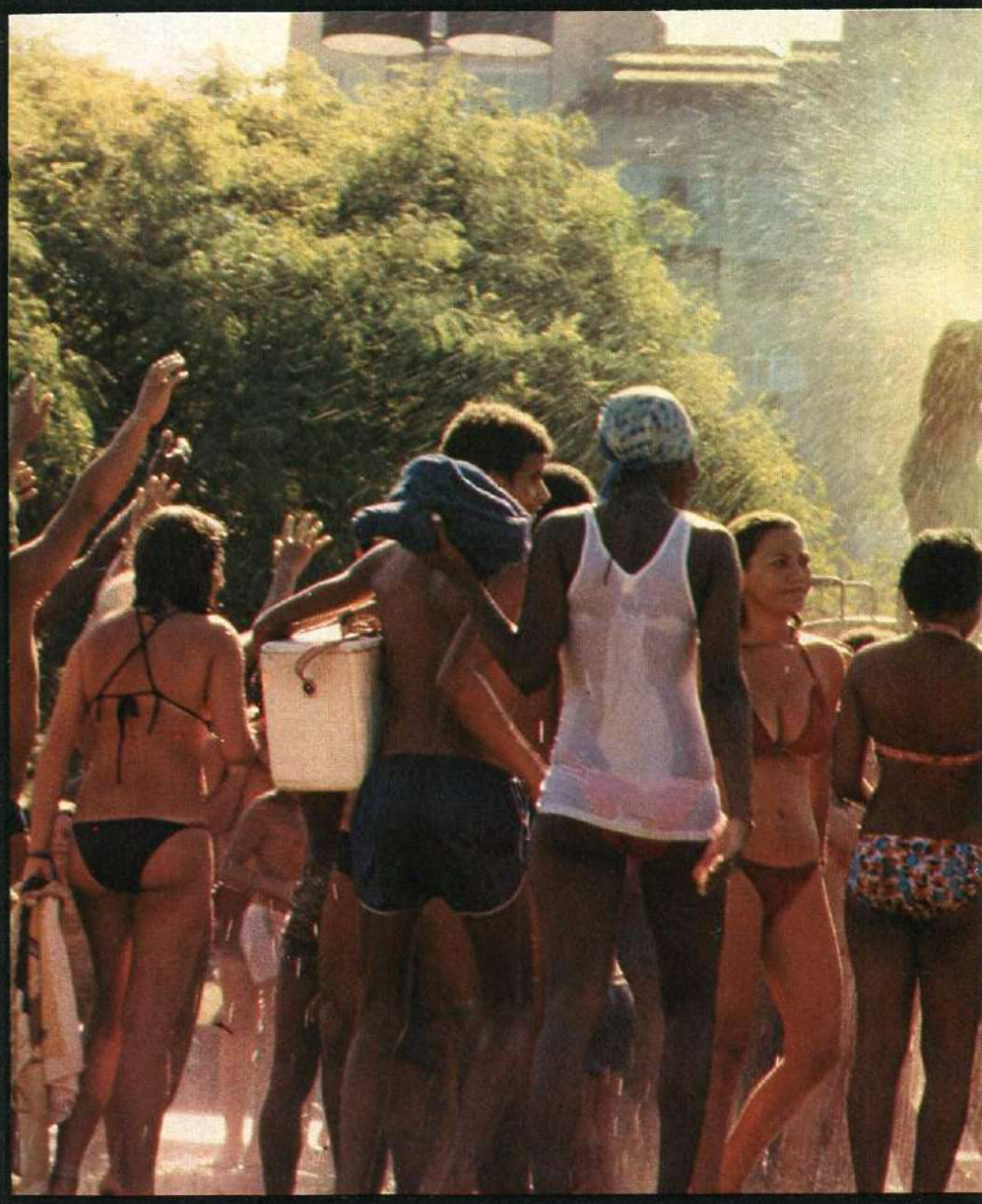
Marisco, no entanto, é o prato de resistência em toda a extensão do parque. De todos os tamanhos, crus ou cozidos na água do mar, prontos para se levar para casa, os mexilhões são fonte de sobrevivência para os que os arrancam das pedras. Esses moluscos saem da água em grandes cachos de coloração marrom-escuro, cobertos de algas verdes. Os catadores enchem grandes sacolas e depois transportam-nas nas costas para improvisadas cozinhas em que latas velhas servem de panela.

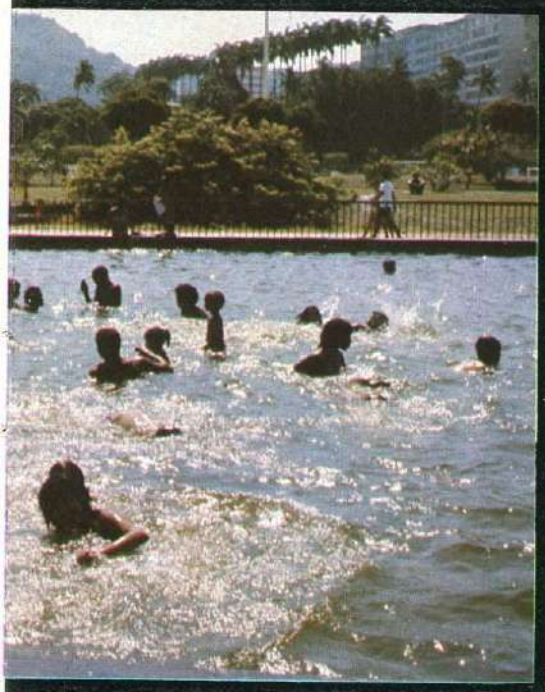
No universo do Parque do Flamengo, cada minoria tem seu mundo. O dos mendigos fica no Monumento a Estácio de Sá. O governo levantou uma pirâmide que marca o local de desembarque do navegante luso e construiu, em volta, uma área para guardar seus restos mortais, mas após a inauguração do marco, os mendigos chegaram, tomaram conta do local, arrombaram a porta e instalaram um albergue improvisado, imundo de dejetos humanos. É um área perigosa, pois os mendigos não fazem o gênero pacífico, pelo contrário, também assaltam, agridem.

Em matéria de mendigos, assaltantes e doidos, de tudo o Parque do Flamengo tem um pouco. Ali, certa vez, nasceu uma criança, filha de mendigos, sob as frondosas copas das dombéias. E são sob essas árvores que os assaltantes se escondem às quartas-feiras, dia de feira na Praça Nicarágua, e também os exibicionistas, como o mulato sujo, forte, roupas esfrangalhadas que, olhos fixos numa mulher de biquíni deitada na grama, se masturbava lentamente numa terça-feira nublada.

Vivia ali também um louco que dizia libertar as árvores. Ele andava armado com uma faca e cada vez que encontrava uma árvore recém-plantada, cortava a embira que a prendia à estaca de sustentação.

O parque possui 17 mil árvores, sob a orientação e fiscalização de Roberto Burle Marx, que periodicamente o visita



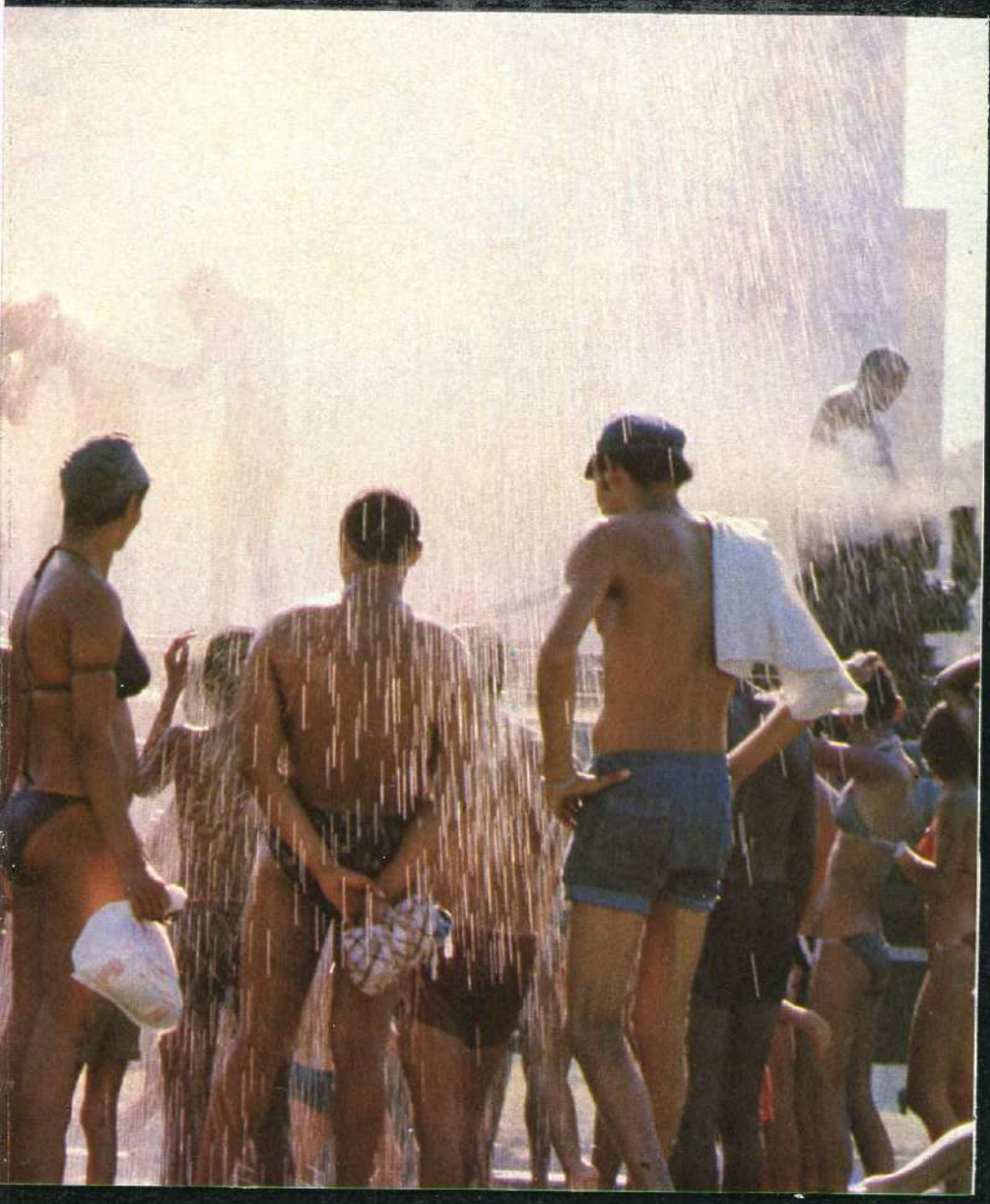


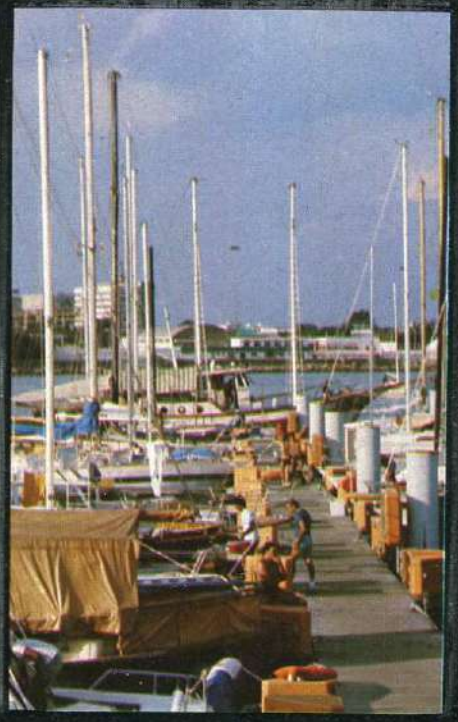
e diz como, o que e onde plantar ou replantar. Mas o parque está localizado frente ao mar caminho de constantes ventos salitrados que fazem com que cresçam inclinadas.

Cada árvore requer uma cova de um metro cúbico de terra adubada. No entanto, antes de ser fixada em seu local definitivo, passa por um processo de adaptação ao clima no horto da administração, também localizado dentro do parque.

Cores variadas quebram a monotonia do verde da vegetação, são pipas, balões, camisetas e até letreiros pintados no chão pelo popular Gama, uma das figuras folclóricas do parque. Ele sonhou certa vez com o ex-Presidente Costa e Silva aconselhando-o a pedir aposentadoria. Depois de consegui-la, batizou por conta própria a ciclovia da Pista de Atletismo Presidente Arthur da Costa e Silva, e passou a pintar no asfalto frases e indicações das distâncias percorridas por ciclistas e atletas. Diz que gastou 60 mil cruzeiros em tintas e pincéis e demorou aproximadamente seis anos e meio para concluir o trabalho.

Após 15 anos de existência, são muitas as histórias dessa imensa área de lazer, onde o biótipo do homem é o sobrevivente que tem no marisco sua renda minguada, mas certa. Mas existem todas outras atividades, algumas lícitas outras ilícitas. Muitas vezes, no entanto, um assalto não dá certo, como no caso do moleque mulato, magro, cabelo rente, calção azul-marinho, que tentou arrancar a máquina fotográfica do repórter. O menino correu em sua direção, mas o reflexo condicionado do fotógrafo fê-lo segurar a alça e o pivete conseguiu apenas socar-lhe no supercílio. Carlos Humberto TDC, sem compreender o que se passava, caiu no chão, o sangue quente escorrendo do supercílio direito, enquanto o pivete, também assustado, corria em direção à passarela. Era meio-dia de domingo e o pivete sumiu na multidão. □





A troca de guardas no Monumento dos Pracinhas sempre atrai uma multidão, mas outros só se interessam pelos raios do sol.

ele
PERFIL

GISMONTI
histórias de um cantador caraíba

Por Ana Lúcia Bizinover

Recentemente, num *jazz-bar* de Toronto, no Canadá, um jornalista brasileiro viu-se assediado pelos músicos que ali se exibiam. Eles queriam saber tudo sobre Egberto Gismonti, cuja obra consideravam a mais importante e renovadora da atualidade.

Enquanto isso, no Rio, Egberto curtia dois meses de tranqüilidade, muito *free*, solto, preparando o lançamento do seu 18.º elepê, *Circense*. Esse disco destina-se a fazer com que muita gente reformule seu modo de sentir a música de Gismonti. De músico considerado *impossível* há algum tempo, ele hoje grava quatro discos por ano — dois no Brasil e dois no exterior — e vê, com alegria, seu público de *shows*, aqui, crescer cada vez mais.

Mas para ele tudo é muito simples. Gosta de quiabo, de aipim, de lombinho, de tapioca e de doces. Gosta do Carmo, cidade em que nasceu. E gosta, acima de tudo, dos amigos — alguns agrupados no *Jornal Caipira*, do qual se orgulha de ser o editor, e outros espalhados pelo mundo. Para falar sobre coisas que o sensibilizam, ele parte do princípio de que música passa a ter sentido a partir de um profundo relacionamento humano.

Foto de Humberto TDC

Vi Egberto Gismonti pela primeira vez durante os trabalhos de gravação do seu novo disco, *Circense*. Ele estava sentado atrás da mesa de controle, dentro do *aquário* — parte do estúdio isolada por vidros e onde se acham os equipamentos eletrônicos. Sorriu bonito, levantou-se e recebeu-me à porta de acesso ao *aquário:* "Foi com você que falei ontem pelo telefone, né?"

Mais alto, mais largo e maior do que eu o imaginava, lembrando uma figura das telas de Velasquez, Egberto Gismonti Amin, usando *jeans* e uma camisa cáqui bem comportada, mostrou-se simpático mas um pouco *cabreiro*, como ele próprio, constantemente, se define. Como eu não conhecesse ninguém ali, sentei-me num canto tentando coordenar as primeiras impressões e emoções sobre o que estava assistindo e ouvindo. De início o som era totalmente inesperado: um frevão. No momento, Gismonti estava dirigindo o ensaio do pianista Sílvio Merry. Encontravam-se no estúdio Pepe Castro Neves, o baterista e percussionista Roberto Silva e a cantora Lize (Elizabeth Bravo), braço direito de Gismonti.

De repente foram chegando outros participantes do disco. E a cada nova entrada era um festival de beijos, abraços, gozações. Imediatamente as pessoas começavam a se mexer e a dançar até puladinho, ao ritmo do *Equilibrista*, música em que estavam trabalhando na hora. Chegaram: Mauro Senise (sopros), Luís Alves (baixo) e Aleuda (percussionista). A empolgação atingiu a um nível tal de balanço que Egberto achou bom passar um telegrama à repórter: "Depois ainda perguntam por que o nome Academia de Danças para o grupo!"

Captada a mensagem, minha atenção voltou-se para um chapéu virado de cabeça para baixo sobre a mesa, em estilo safári mas maleável, onde repousavam um maço de cigarros, um isqueiro, um par de óculos e um chaveiro. Acredito que Egberto tenha percebido minha curiosidade, pois revirou tudo, colocou o chapéu e disse: "Ei, olhem meu *new cap!*" Chapéus e gorros são uma constante na composição do visual de Egberto. Talvez sejam um símbolo de sua capacidade de organização, porque das outras vezes que voltei às gravações, lá estava o *new cap* na mesma posição, abrigando as mesmas coisas.

Egberto dava andamento ao ensaio ao lado de Nivaldo, o técnico, atento à menor distorção, mexendo em todos os botões azuis-turquesa do painel de controle e de olho nos 16 canais de gravação. Era meio-dia. O primeiro contato estava feito. Despedi-me combinando uma entrevista para o dia seguinte.

> "Ando vadio... tão vadio... sabe *homem-galinha* como dizem no Baixo Leblon? Pois é. Tô assim agora."

Saí do estúdio com diversas sensações. Algumas delas, esquisitas. Esperava, ainda que talvez de forma inconsciente, ouvir sons, no mínimo, dodecafônico, extraídos de instrumentos inverossímeis. No entanto, permanecia nos meus ouvidos a melodia do frevo. Contava encontrar Gismonti caindo pelas tabelas. Afinal, ele acabara de regressar dos Estados Unidos, onde passou apenas dois dias e meio, gravando sua participação na trilha sonora do filme *Cruising*, de William Freiedkin, o mesmo diretor de *O Exorcista*.

Verdade que não foi a primeira vez — nem será por certo a última — que ele interrompeu os trabalhos de um disco para ir ao exterior, gravar e voltar. Em 1976, atendendo à convocação do célebre flautista Paul Horn, Gismonti deixou as gravações do disco *Corações Futuristas* e foi para Los Angeles onde, em 10 dias, nasceu o álbum *Altura do Sol*.

Bem, o negócio é que no dia seguinte não houve entrevista. Aconteceu uma conversa pelo telefone entre duas pessoas que já visualizam o rosto um do outro. Nessa ocasião Egberto disse-me: "Olha, eu queria muito falar de gente que eu curto nessa matéria. Por que você não vem amanhã pegar o final do dia de gravação? Acaba às três da tarde. Podemos almoçar levando uns papos e depois vamos lá para a casa fazer a entrevista?"

Foi o que fiz, chegando a tempo de assistir Egberto tocando violão de oito cordas, olhos fechados, cabeça caída para trás, jogando os ombros ao sabor do ritmo inacreditável de *Karatê*, outra composição sua para o *Circense*. Quando acabou e voltou ao *aquário* para ouvir a gravação, a euforia era completa. Tudo havia saído perfeito. Abraçando Egberto, Pepe Castro Neves definiu o clima:

— Arrasou, Amin!

A caminho do restaurante, seguia com o meu o carro de Gismonti, cuja chapa de Nova Friburgo fez com que eu tentasse relembrar os dados básicos sobre o controvertido e importante músico brasileiro.

Egberto Gismonti Amin nasceu em dezembro de 1947 no Carmo, cidadezinha fluminense de dois mil habitantes, fronteira do Estado do Rio com Minas. Lá viveu com os pais, Ruth Gismonti Amin e Camilo Amin e os irmãos Reginaldo e Miriam, até os seis anos de idade, quando a família se mudou para Friburgo. Família grande, cheia de tios e tias queridos. Primos e primas em profusão. Seus pais cedo o colocaram no Conservatório Nacional de Música ("numa época em que estudar piano ainda era coisa de veado", diria mais tarde Egberto). Primeiro no conservatório de Friburgo, depois no Rio. Quinze anos depois ele estava formado em piano, violão, orquestração, composição, arranjos, coisa e tal. Ganhou uma bolsa para estudar em Viena, mas trocou-a pelo palco do Festival Internacional da Canção em 1967, onde participou com a música *Sonho*. Foi durante o FIC que conheceu Marie Laforêt ("pois é, né, até demos uma namoradinha"). Dois anos depois, a atriz e cantora francesa o convidaria para ser seu *chef-d'orchestre* numa turnê pelo Japão, Europa, Canadá e States. A turnê deveria durar seis meses e acabou durando dois anos.

Egberto aproveitou essa época para completar sua formação acadêmica em Paris, estudando Análise Musical com Nadja Boulanger e o professor Barraguer.

O almoço transcorreu num restaurante do Alto Leblon. Mesa de sete pessoas. Todas com fome. Egberto e eu começamos a conversar sobre o Carmo, cuja única indústria é uma fábrica de barbante. E é dessa fábrica o barbante trançado com que Egberto mantém atados — umbilicalmente — seus cabelos crespos e muito pretos. O papo foi se povoando de reminiscências, algumas com maiores detalhes fornecidos por Pepe, com sua memória de computador suavizada pelo carinho e amizade que tem por Gismonti. Do Carmo, passamos a Friburgo e à adolescência. E com a adolescência, chegamos à época das fugidas para cidades vizinhas onde aconteciam as festinhas. Sortidas noturnas às escondidas de dona Ruth. Numa dessas aconteceu a primeira vez. Egber-

to relembra: "Uma *perversa* tirou-me para dançar, e já viu, né? Ah! Depois eu não queria mais outra coisa no mundo. Quando voltei para junto dos meus primos e de meu irmão, ainda com umas folhas agarradas na roupa, foi aquela comemoração. Não vou esquecer da *perversa*. Foi uma maravilha.

O almoço terminou às cinco da tarde. Toda a turma (Sílvio Merry, Pepe, Lize, entre outros) dirigiu-se também para o apartamento de Egberto, em um edifício numa das ruas que liga o Leblon à Gávea. Pressenti que ainda não seria dessa vez que pegaria Egberto de jeito. E isto era natural, respeitando-se o cansaço que baixava após um dia de trabalho desgastante. Como que para tomar a dianteira da situação eu acredito até porque estivesse curtindo o papo — Egberto pediu: "Olha, vamos fazer essa matéria em muitas vezes?"

Sentados, ambos um pouco rígidos demais, num sofá de uma das saletas de seu requintado apartamento que mais tarde seria intensamente vasculhado por mim — fizemos uma primeira tentativa de trabalho, sob a atenção de Pepe, que nos serviu um providencial Cointreau, do Sílvio e de Lize, de lá para cá, botando os compromissos de Gismonti em dia. Ia anoitecendo e Egberto foi falando a esmo:

"Tudo é muito simples. Sou fluminense, gosto de quiabo, couve, lombinho, quibe e doces, especialmente os da tia Juju. Gosto de passarinho paca. O Rubem Braga até me deu uma coleção de pios feitos pelo Maurílio lá de Curitiba. Fui casado sete anos com a Dulce. Ah! Foi uma *d-i-l-í-c-i-a!*... Sabe, uma pessoa que te norteia. Foi o que ela fez comigo."

Senti que não dava. Nesse pequeno espaço de tempo, alguém ligou querendo saber se ele topava fazer uma publicidade para uma companhia aérea. Pessoas vinham trazer presentes ("quase tudo que eu tenho aqui, ganhei"). Despedimo-nos, dessa vez já com o *pique* como se diz hoje — de ligação necessário a um bom trabalho devidamente estabelecido.

Atualmente os assuntos caseiros de Egberto são presididos por Vina, uma potiguar muito simpática e eficiente, sob a supervisão geral de Lize, que administra todas as atividades do músico. Isto porque ele está passando por uma fase de solteirice absoluta ("ando vadio... tão vadio.. sabe *homem-galinha*, como dizem no Baixo Leblon, tô assim agora"). E é Vina quem conta: "Só vendo como ele gosta de comida do Norte. Adora aipim."

Gismonti mora há dois anos e tanto no atual apartamento ("já troquei de endereço oito vezes; hoje, sei que posso morar em Munique, em Oslo, em Paris ou Nova Iorque"). O lugar é extremamente bem arrumado, as plantas e quadros predominam na decoração, refletindo a paixão do proprietário por essas coisas. Há tapetes em profusão tornando o ambiente bastante acolhedor, e os instrumentos musicais acham-se espalhados por todas as peças (sala, quarto, duas saletas uma para ouvir, e outra para tocar música — um banheiro tomado pelo verde de centenas de vasos de plantas e onde uma balança denuncia o cuidado de Egberto com o peso). Tudo é organizado, desde o livro para recados telefônicos à cozinha impecável, com batedeira de bolo e armários forrados cuidadosamente com plástico recortado, mostrando a ação da *mamma* Ruth, que mora em Friburgo, mas quando o filho está no Rio, sempre vem visitá-lo.

> “A música dos índios, se analisada do ponto de vista puramente erudito, significa a música mais avançada do mundo.”

O cesto de revistas está repleto de *Der Spiegel, Paris Match, Time, Almanaque do Tio Patinhas* e revistas de equipamentos de som. Os livros dos tempos do conservatório estão empilhados com cuidado numa estante e convivem com enciclopédias e muitos livros de arte. Três deles chamam a atenção: *100 Ans des Affiches de la Danse; 100 Ans des Affiches de la Magie* e *100 Ans des Affiches du Cirque*. Isto porque coincidem, respectivamente, com três propostas de trabalhos seus, transformadas em discos bem significativos: *Academia de Danças, Mágico* (gravado no exterior e a ser lançado este ano no Brasil) e *Circense*.

Finalmente, uma noite, vi-me subindo as escadas com degraus em tábuas corridas e azulejos em estilo colonial, do seu bem cuidado edifício após ter-me identificado perante ao porteiro eletrônico e recebido o salvo-conduto de Vina — para a tão esperada conversa. Quando entrei, o apartamento estava às escuras, e a porta da saleta de tocar música, fechada. Mas o som que saía do piano era lindo. Egberto e Pepe estavam ensaiando um novo arranjo. Senti um certo pudor em interrompê-los, mas não havia mais alternativa. Tubo bem. Logo Vina trouxe-me suco de caju e o gravador foi acionado, para trabalhar três horas quase sem interrupção.

Esta disponibilidade de Gismonti foi possível graças a um hiato relativamente tranqüilo que ele viveu nos dois últimos meses. Tipo férias ("estou *free*"), interrompidas por sua participação no Festival de Verão do Guarujá e pela gravação de uma trilha sonora para um filme de Eduardo Escorel, *Ato de Violência*. A partir de março, começam os *shows*, as excursões pelo mundo, as cobranças dos projetos musicais encomendados a ele. No total, são quase sete meses que Egberto costuma passar fora do Brasil por ano, embora, tencione reduzir o tempo de permanência no exterior.

Como num rondó geográfico — humano — Gismonti vai falar dos seus amigos, seres muito queridos e, através do seu relacionamento com eles, das suas atividades paralelas à música, não é difícil desvendar suas posições firmes e sensíveis quanto à vida, à política e ao amor. Egberto fala de maneira ilustrada. Gestos amplos, *legatos, staccatos*, sons onomatopaicos acompanham sempre seu fraseado, dando tom e ritmo à voz mansa.

Para início de conversa é bom saber como tudo começou a acontecer aqui no Rio, quando deixou Friburgo para trás. E ele conta:

"Quando vim para o Rio em 67, com meu amigo Jorge Omar, morei no Edifício Alaska. Não entendia o espanto das pessoas quando dizia meu endereço. Logo entendi, né? Fiquei lá uns quatro meses e fui morar em Niterói. Um dia, estava tocando piano na casa do Bené Nunes — que, registre-se de passagem, fazia um espaguete sensacional — quando ele me participou que ia chamar umas pessoas para me ouvirem. Essas pessoas eram a cantora Dulce Bressane e Oscar Castro Neves, que vieram, mas sem o menor saco. Do Oscar não me lembro direito, porque fiquei foi interessado na Dulce.

Nesse mesmo dia marcamos um encontro na casa dela para que eu fizesse os arranjos para um disco chamado *Samba do Escritor*. Fui fazer os arranjos e ficamos juntos sete anos. Ah! Mas foi uma loucura. Sabe o que é uma pessoa nortear a outra. Foi o que a Dulce fez comigo. E me apresentou a uma porção de gente."

Entre essa porção de gente, duas foram fundamentais para Egberto: Geraldo Carneiro, pai do seu futuro parceiro e amigo inseparável, Geraldinho Carneiro, e Tom Jobim. Do primeiro encontro com Jobim, ele se recorda que caprichou no máximo a exibição. Afinal estava tocando, aos 20 anos, para o seu ídolo. Quando acabou, Tom comentou com Dulce: (e nesse ponto Gismonti imita à perfeição o jeito de falar do Jobim.) "Mas Dulce, ele é um atleta!" Na hora, Gismonti não entendeu e ficou até com raiva. Mas Tom estava se referindo aos seus ombros largos, de nadador. Quanto ao seu talento, o mestre não teve dúvidas: carregou Gismonti para sua casa por uma semana para continuar ouvindo-o tocar e compor. E Egberto afirma:

"Sei que o Tom gosta tanto de mim quanto eu gosto dele."

Quanto aos esportes, propriamente ditos, Gismonnti garante ser craque em pingue-pongue, piscibol, basquete, natação (gosta de piscina e não de praia) e agora aderiu com força total à patinação.

Na época em que chegou o convite da Laforet, Gismonti foi taxativo. Só aceitaria se sua amada fosse com ele. Isso implicaria uma certa parada na carreira de Dulce como compositora, cantora e produtora de discos. Mas ela topou. Quando voltaram dessa longa temporada no exterior, Egberto pediu tempo. Resolveu dar um *break* para refrescar a cabeça. Emoções precisavam ser sedimentadas, como a que sentira no Canadá, quando foi apresentado a Ray Charles e este o convidou para tocarem, a quatro mãos, músicas de Jobim.

O local escolhido para o *refresco* foi Teresópolis. Sem compromissos havia rompido o contrato com a Philips as únicas preocupações de Egberto e Dulce nessa fase eram com os formicidas e telas antimosquitos. O sossego não durou muito e logo ele se viu gravando, pela Odeon — da qual é contratado até hoje — os discos *Agua e Vinho* e *Gismonti*. "O primeiro era demasiadamente literário e o seguinte experimental", como ele próprio define esses trabalhos, que, aliás, não tiveram a menor repercussão em termos de vendas.

Ao mesmo tempo, suas peças clássicas para violão chegam à final de um concurso promovido pela ORTF, interpretadas por Turíbio Santos.

Em 1972, Gismonti trava conhecimento com os músicos Pepe Castro Neves, Sílvio Merry, Roberto Silva e Luís Alves, estes dois últimos vindos do Som Imaginário, grupo que acompanhava Milton Nascimento.

E em 1975 acontece o divisor da carreira fonográfica de Gismonti: o disco *Academia de Danças*. A partir do momento em que ele concluiu que sua música não tocava no rádio e seus discos não vendiam o esperado (em contraste com seu imenso sucesso e prestígio no exterior, seja como compositor, arranjador ou intérprete), resolveu lançar-se a uma reviravolta intensa. Mais tarde, Gismonti diria ter utilizado para organizar esse disco o método de Miles Davis, ou seja, o da liberdade total de criação para todos os músicos participantes. O disco ultrapassou a casa das 20 mil cópias vendidas, o que foi tido como um bom sucesso.

> "Pretendo parar com a música. Não acho que música seja o que eu tenho que fazer não. Música é o que eu sei fazer."

À indagação se ele era ou não exclusivista em relação aos seus músicos, Gismonti diz:

"Já fui. Mas depois de encontrar pessoas como Jan Garbarek, Charles Haden, Nana Vasconcellos e o índio Sapain, não dá mais, né?"

Com isto, elé quer dizer que cada componente da Academia de Danças pode se apresentar individualmente como e onde quiser. Hoje, a base do grupo é formada por Roberto Silva (bateria e percussão), Mauro Senise (sopros) e Luís Alves (baixo). Mas o que Egberto quer agora é contar algumas histórias dessas pessoas tão marcantes para ele. E escolhe a distância geográfica como ponto de referência. Então, ganha a parada o saxofonista norueguês Jan Garbarek.

Jan participou do disco de Egberto lançado no ano passado e dedicado aos índios do Xingu, *O Sol do Meio-Dia*. Nesse disco, o início do lado dois, *Café*, nos mostra a arte desse genial saxofonista. Mas há outro amigo na Europa. Mais precisamente, em Munique: Manfred Eicher.

"O Manfred, dono da gravadora ECM, é um cara que estou começando a descobrir. Acabou virando amigo, mas só começou a sorrir depois de me conhecer, e por dois anos. Quer ver como ele era? O Nana e eu acabamos de gravar *Dança das Cabeças* e estávamos animadíssimos, pois afinal o disco é um fogaréu danado. O Manfred acabou de mixar — porque ele faz tudo lá — e disse pra gente: "Está bonito, *bye*." E se mandou com a fita, sem dar a menor confiança para nós. No disco seguinte, *O Sol do Meio-Dia*, ele já sorriu um pouco, e agora neste último, *Solo*, ele teve um gesto que me surpreendeu. Pra gente pode não ser nada, mas para um alemão... Acabaram as gravações, eu fui para o hotel e ele ficou lá mixando. Lá pelas tantas bateu na porta do meu quarto perguntando pelo meu gravadorzinho, porque estava a fim de ouvir o *Solo*!"

Da Europa, Gismonti passa para os Estados Unidos, onde moram Charles Haden e Nana Vasconcellos. Haden, para Gismonti, é um ser humano que tem muitos ensinamentos a passar porque, segundo ele, sendo quem é, e tendo influenciado tanta gente no mundo todo, se mantém a pessoa mais despojada e simples que conheceu.

"Eu estava tocando no Great American Hall, em São Francisco, quando, entre um *show* e outro, chegou um sujeito no meu camarim dizendo: "Meu nome é Charles Haden." Eu fiquei louco e disse: "Poxa, te conheço, gosto demais do que você faz." Então ele falou: "Estou com meu baixo aí e como já sei seu *show* todo quero tocar com você agora na segunda apresentação." Não nos entendemos muito bem tocando logo de cara, mas foi aí que comecei a descobrir que só a música não é importante. Ela passa a ser importante a partir da relação."

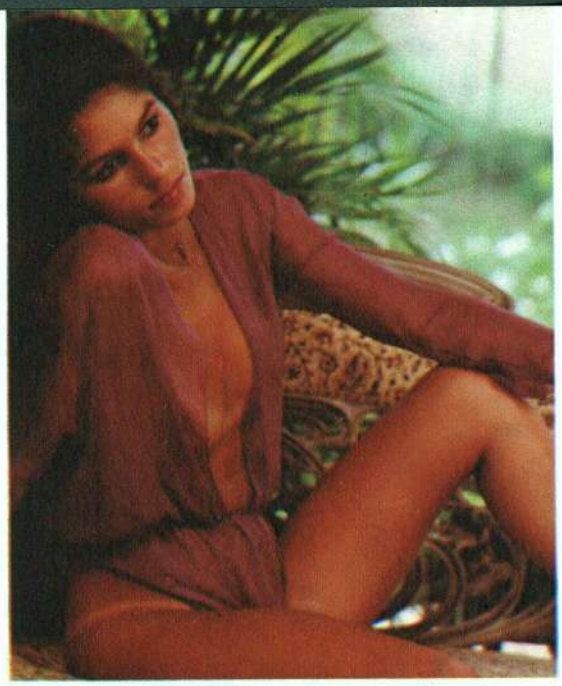
Charles Haden gravou o álbum *Mágico* com Gismonti e Garbarek e que deverá ser lançado no Brasil ainda este ano. Para Gismonti, a característica principal desse baixista excepcional é que ele espera a música chegar até ele. Jamais se atira a ela e sempre diz, manda alguma mensagem através dela. Quanto a Nana:

"Nana Vasconcellos também me ensinou muita coisa. Quando, em 76, tive que ir fazer *Dança das Cabeças* na Europa, não consegui isenção. Portanto, não pude levar meus músicos. Fui mesmo sozinho, porque acho que o importante é fazer. Cheguei a Paris e liguei pro Nana perguntando se ele estava a fim de fazer um disco, e ele respondeu: "Vambora, quando é?" E eu, todo apa-

Pamela Ross

Fotos de Isabel Garcia
Produção de Ana Luiza Veiga

A modelo norte-americana Pamela Ross nasceu há 20 anos, sob o signo de Capricórnio, para tentar qualquer homem latino. Verdade que cresceu e sazonou-se ao sol do Novo México, tendo feito várias viagens a Ixland. Por um lance do destino, chegou ao Rio. Apaixonou-se pela cidade onde tenciona passar um ano, jogando peteca, andando nua sob o luar nas praias da Barra da Tijuca e enlouquecendo os cariocas, com seu jeito liberado de ser



Pamela Ross

Fotos de Isabel Garcia
Produção de Ana Luiza Veiga

A modelo norte-americana Pamela Ross nasceu há 20 anos, sob o signo de Capricórnio, para tentar qualquer homem latino. Verdade que cresceu e sazonou-se ao sol do Novo México, tendo feito várias viagens a Ixland. Por um lance do destino, chegou ao Rio. Apaixonou-se pela cidade onde tenciona passar um ano, jogando peteca, andando nua sob o luar nas praias da Barra da Tijuca e enlouquecendo os cariocas, com seu jeito liberado de ser

Fã acima de tudo do seu corpo generoso, no amor ela quer tudo, menos um homem bonzinho. Na vida, sonha em dar a volta ao mundo em um dia apenas. Pamela apaixonou-se, entre outras coisas pela cozinha mineira. Uma dica para chegar ao seu coração é um bom lombinho com tutu ou um feijão tropeiro completo. Brejeirice e sensualidade, fome de sexo ("dia e noite, se fosse possível") tornam Pamela uma séria rival às garotinhas de Ipanema.

‘ Quero tudo do amor,
menos um homem
bonzinho ’

‘Quero tudo do amor,
menos um homem
bonzinho’

música popular

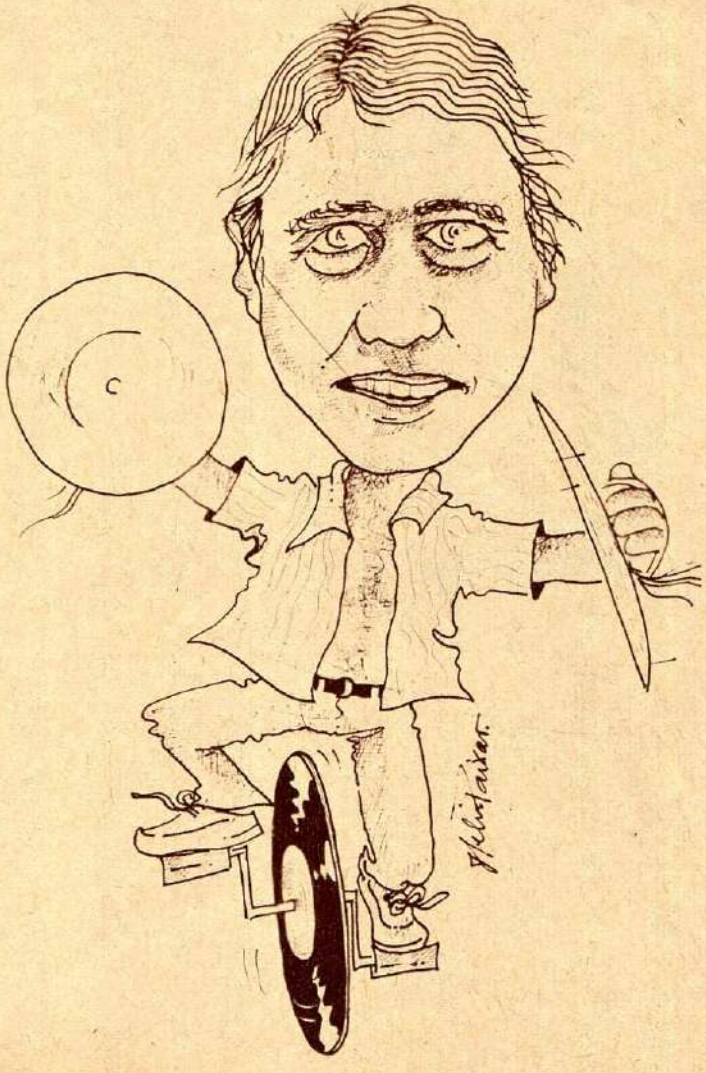
O DIA EM QUE CHICO INCORPOROU TESÃO À MPB

João Luiz de Albuquerque

O ano ainda nem bem começou mas já se pode dizer que 1980 vai ser de Chico Buarque. O poeta maior da música popular, que parece ter o segredo da reciclagem permanente, da constante renovação, está com três enormes sucessos. Nos palcos de São Paulo desde o fim do ano passado, a *Ópera do Malandro*, numa montagem diferente da apresentada no Rio, mais enxuta, forte. O álbum duplo com Alcione, os Cantores Líricos (Alexandre Trick, Diva Pierante, Glória Queiroz e Paulo Fortes), Cor do Som, Elba Ramalho, Francis Hime, Frenéticas, Gal Costa, João Nogueira, Marieta Severo, Marlene, Moreira da Silva, MPB 4, Nara Leão, Turma do Funil e Zizi Possi já saiu vendendo o bastante para alguns discos de ouro.

Aconteceu com a *Ópera do Malandro* algo parecido com a história de *Evita*. Quando o disco finalmente saiu, as músicas já eram conhecidas e tinham até sido gravadas por muita gente. Como *Terezinha*, *Folhetim*, *O Meu Amor* e *Pedaço de Mim*. Mas foi *Geni e o Zepelim*, esta sim, cantada pelo próprio Chico, o maior sucesso de todas. Além da belíssima letra e música, o pessoal vidrou na parte que diz, "joga pedra na Geni/joga bosta na Geni". Chacrinha pegou este último verso e desandou a cantá-lo noite e dia no seu programa na televisão. A criançada, já liberada pelas Frenéticas, cantou a Geni com entusiasmo. Houve um movimento de protesto no Sul, com a turma querendo proibir a divulgação da música e uma rádio FM, no sul de Minas, ali pertinho de onde nasceu Pelé, além de não tocá-la, fazia editoriais condenando os versos de Chico. Logo numa região onde existe um passarinho conhecido como vira-bosta.

Mas Chico não ficou só aí, nesta coisa de liberar a linguagem da música popular, usando nos seus versos o falar natural do brasileiro. Numa época em que as mulheres tiram com naturalidade a parte de cima dos biquínis — a galera, não; esta ainda se espanta, coitada — e as crianças pequenas incorporaram nos seus vocabulários palavras que, quando ditas antigamente, mereciam um castigo ou uma correção com pimenta malagueta na língua *suja*, Chico fez outra belíssima letra para o filme de Cacá Diegues. *Bye Bye Brasil*. No Rio, a primeira rádio a tocá-la foi a Cidade FM, numa tranqüila manhã da primeira quarta-feira depois do *show* de Sinatra no Maracanã. E foi um ouriço instantâneo. Pois, quase ao final da música escrita por Roberto Menescal, Chico faz o personagem que falava pelo DDD com seu amor dizer: "Na estrada peguei uma cor/Capaz de cair um toró/ Estou me sentindo um jiló/Eu tenho tesão é no mar." Foi um corre-corre no seio da tradicional família brasileira, mas a letra tinha recebido o carimbo retangular do SCDP da SP do DPF em São Paulo, número 55391, dando ao *Bye Bye Brasil* o sinal verde da censura, além do outro carimbo, redondo, da censura federal.



Como se estes dois sucessos, a *Ópera* e o *Bye Bye*, não bastassem, Chico e Ruy Guerra puderam, finalmente, com o tudo bem da senhora Censura, montar o musical Calabar. O texto foi atualizado, as coisas foram reescritas para serem ditas às claras e as músicas já eram mais do que conhecidas do público, desde 1973, quando foram lançadas no LP *Chico Canta* (Philips 6349093). Cumprindo seu último ano de contrato com a Polygram, Chico, um milhão de dólares no bolso, já está planejando sua vida de artista em casa nova, a da gravadora Ariola. Que promete, para si, uma fatia de 4% do saboroso bolo do mercado fonográfico brasileiro. Começa sua vida brasileira com um *cast* de respeito: Milton Nascimento, MPB

4, Toquinho & Vinícius, Marina, Alceu Valença, Moraes Moreira, Cristina Buarque, para, em 81, com as possíveis vendas de Chico, pular para 7%. E Chico Buarque não ficou só na área da música. Lançou, no início do ano, seu livro para crianças, *Chapeuzinho Amarelo*, além de escrever uma história original para a série de discos infantis a ser lançada pela WEA. Em 80 só vai dar Chico.

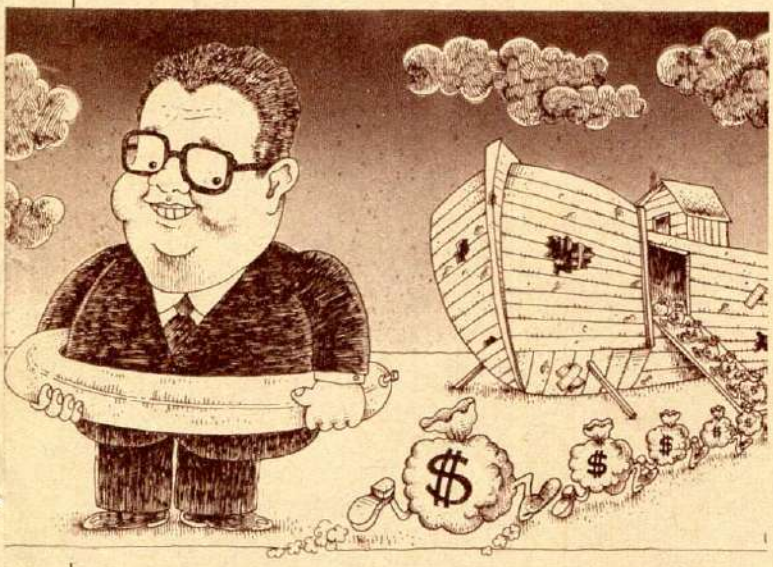
CODA. Em matéria de musicais, um precioso lançamento na área internacional é *Hair*, com sua trilha sonora do filme dirigido por Milos Forman. A peça de Ragni, Rado e Mac Dermot que incendiou o final dos anos 60 com sua história dos *hippies* e sua nudez total, causando uma verdadeira revolução no mundo dos musicais, retratava, com perfeição, o mundo e os sonhos da juventude norte-americana da época do paz e amor, do psicodelismo, das drogas & viagens, do *rock*, do *flower power*, do início da rebeldia da juventude que queria acabar com a guerra do Vietnã. E que conseguiu, alguns anos depois, não sem antes fazer com que Lyndon Baines Johnson desistisse de tentar sua reeleição. Milos Formam avisou que seu filme seria diferente de todas as versões teatrais de *Hair*, mas que seu espírito seria mantido. Forman, por sinal, logo que chegou aos Estados Unidos quis filmar *Hair*, mas ninguém estava disposto a acreditar num europeu desconhecido e recém-chegado. Só depois do seu sucesso em *Um Estranho No Ninho* a turma acreditou no homem e *Hair* chegou às telas. Sem querer me meter no quintal do Paulo Perdigão, aí do lado, acho que ninguém deve perder o filme. Para quem viveu aquela gloriosa época, a melhor dos últimos 40 anos, se lembrar do que era doce. Para os mais novos entenderem, desde já, que o que é bom dura pouco. Nem se deve perder o álbum duplo. Não é para ouvir *Aquarius* e *Good Morning Starshine* sem entrar numa *trip* proustiana-anos 60.*** Como grande parte de *Hair* se passa em Nova Iorque, é bom lembrar que quem anda fazendo enorme sucesso na ilha de Manhattan é o brasileiro Hélcio Milito, inventor de um instrumento de percussão chamado tamba, que deu nome ao Tamba Trio (Luiz Eça, Bebeto e Milito). Depois de passar anos no *Cachaça* ele agora é a atração no *Chateau Bahia*, tendo sido chamado pelo crítico Richard Sudhalter, do *New York Post*, de *maravilha rítmica*. No momento, Hélcio Milito está entrando em estúdio para gravar um LP.*** Dois outros brasileiros de público internacional com novos álbuns no mercado: Sérgio Mendes com o bem cuidado *Horizonte Aberto* e Jorge Ben com *Salve Simpatia*, onde canta sua enlouquecida *Adelita*.*** *Mel*, de Maria Bethania, seguindo o caminho de *Alibi*, quebrando todos os recordes de vendagem. Imperdível.*** Para a turma do tango, *Retrospectiva*, do grande gênio Anibal Troilo, com *El Choclo*, *La Cumparsita*, e uma seleção de 10 sucessos do nosso conhecido Francisco Canaro. Cabeça fria, *Adios Pampa Mia* está incluída.*** Duas coletâneas dos melhores sucessos de Donna Summer, *On The Radio/Greatest Hits Volumes I&II* (mostrando não ser apenas uma cantora de *disco music*) e *Bee Gees Greatest*, relembrando o período 75/79.*** Duas raridades na área de *jazz*. *A Tribute to Cannonball*, gravado em Paris, no ano de 61, tem Don Byas, no sax tenor e, principalmente, Bud Powell no piano. Bud, um dos maiores pianistas de *jazz*, louco de pedra, gênio do melhor calibre, não pinta todos os dias por aqui. E ele sempre foi o melhor pianista *bop* de todos os tempos. Ele também está presente no *The Greatest Jazz Concert Ever*. Que é um álbum duplo onde só a escalação do time basta para se entender o quanto ele é vital: Charlie Parker, Dizzy Gillespie, Bud Powell, Charlie Mingus e Max Roach. Gravado em memorável noite canadense, em 1953, cada um no melhor de sua forma.*** Coitado do Sinatra. De tanto tocarem os discos do homem em janeiro, ninguém agüenta mais *aquele chato*.

Chico continua monopolizando o mercado com parcerias magistrais como as de Roberto Menescal e Ruy Guerra.

economia

OS RUMOS DA NAU DE DELFIM

Marcos Dantas



CONTANDO com a *solidariedade* empresarial, o Ministro Delfim Netto talvez consiga entrar no segundo semestre deste ano podendo apresentar ao Presidente Figueiredo resultados positivos no combate à inflação. E, para tanto, o ministro não vem fazendo outra coisa, desde que assumiu o Planejamento, do que conversar — ele ou seus assessores — com empresários. Algumas dessas conversas chegam, por alto, aos jornais, especialmente quando se trata de *pitos*, como foi nos casos dos donos de supermercados ou dos banqueiros que exageravam na cobrança de juros. A grande maioria dessas conversas nunca vem à tona. Mas, nelas, o ministro deve fazer sentir à comunidade empresarial que ou esta o ajuda ou todos perderão — e muito — depois. Algo como o *aprés moi le déluge* de Luís XVI, só que, no caso de Delfim, ainda existem chances de o dilúvio não passar de um temporal de verão.

A pregação delfinista vem rendendo seus frutos. A comunidade empresarial está cerrada em torno do ministro do Planejamento ainda que muitas das medidas adotadas prejudiquem sensivelmente setores importantes da economia, especialmente as empresas nacionais. Os empresários, entretanto, admitem correr o risco de até perder suas empresas para grupos estrangeiros (a maxidesvalorização, por exemplo, facilita muito esse tipo de negócio) em troca de o ministro livrá-los de um risco muito maior, que seria uma mudança radical do sistema de poder em favor de forças mais preocupadas com o social do que com o econômico.

Não é portanto o total comando da máquina econômica do estado que aplaina o caminho de Delfim, ainda que isto seja importante. Fundamentalmente, o ministro está plantado em sólidas bases políticas na própria sociedade dita civil para sentir-se com mãos livres no sentido de executar a estratégia que julgar mais correta.

Entretanto, as opções estratégicas de Delfim não são muitas. Aliás, ele mesmo não se preocupa muito em formular estratégia, preferindo as opções táticas. E, neste momento, formular uma estratégia é, para ele, especialmente difícil. Acreditando, como acredita, na inserção da economia brasileira na economia internacional, não vislumbra nesta qualquer perspectiva de caminho mais a longo prazo para aquela.

Noutras palavras: a solução da crise brasileira passa pela solução da crise internacional. Enquanto o grande capital internacional não se decidir sobre uma nova fronteira de expansão dos investimentos globais, nem Delfim Netto nem ninguém poderá apontar rumos sólidos para a economia brasileira. O mundo ressente-se hoje de uma decisão como aquela adotada pelas grandes corporações na década 50 de expandir uma indústria automobilística com profundas ramificações em todos os setores da economia, seja industrial, seja financeiro, seja comercial. Daí os *milagres* alemão, espanhol, japonês, coreano, brasileiro etc., que se sucediam e se superpunham por um período que avançou em mais de duas décadas.

Hoje, o potencial da indústria automobilística esgotou-se e novas indústrias como *energética* ou *de informações* ainda engatinham. O resultado é a timidez das *alternativas* brasileiras. O Programa do Álcool, por exemplo, que poderia ser uma grande solução nacional de amplos e profundos reflexos econômicos e sociais, foi reduzido a um programinha de US$ 5 bilhões, pouco mais do que o Projeto Carajás e muito menos do que Itaipu.

Enquanto isso, estão aí girando no *open market*, nas bolsas de valores, nos negócios imobiliários, no Fundo de Assistência à Liquidez do BNH, nas cadernetas de poupança, no FGTS, bilhões e bilhões de cruzeiros absolutamente improdutivos, para os quais é preciso pagar correção monetária e juros sem que tal correção e tais juros sejam oriundos de qualquer aplicação produtiva. Simplesmente, a indústria não está investindo e só a indústria é capaz de gerar aplicações produtivas para o capital. O resto é especulação.

A especulação impede qualquer controle real da inflação ainda que o ministro do Planejamento seja um verdadeiro mago do controle *nominal*. E somente um consenso da comunidade empresarial sobre ser melhor perder alguns dedos das mãos do que perder a mão toda (os anéis já se foram nas esquinas mal iluminadas de Ipanema e Leblon) assegura a Delfim manter-se seguro no timão, menos preocupado com o rumo da nau e mais cuidando-se para que alguma violenta vaga não o arremesse nas águas escuras e tormentosas deste oceano tempestuoso que atravessamos. □

motores

A ECONOMIA É FUNDAMENTAL

José Lago

O carro que o mercado receberá em troca do Maverick e do Gálaxie 500 é isso aí. Bonito, não? Mas não tem nome ainda. Você tem idéia de algum? Escreva, então, para a coluna *Motores*, ELE ELA.

A Ford Brasil, ao desativar a linha Gálaxie 500, anunciou que já tem um substituto para o carrão. Sabe-se que o novo produto, que substituirá também o Maverick (descontinuado no início do ano passado), será bem menor do que os dois. Esse novo carro seria algo como um Corcel II com maior distância entre eixos e, inicialmente, mecânica 1.600 cm^3, tração dianteira e linhas bastante atuais.

O investimento, anunciado pela alta direção da Ford internacional ao Presidente João Figueiredo, gira em torno dos US$ 70 milhões, soma que custou o projeto Corcel II — o que indica que esse novo projeto deverá ser algo mais que a cópia de modelos existentes.

As linhas do novo Ford serão convencionais de três volumes. A frente seguirá a tendência atual de faróis retangulares e grade aletada horizontal, como a do Granada e do Taunus fabricados na Alemanha. A carroceria será de quatro portas e, um ano mais tarde, sairá uma versão de cinco portas, tipo caminhoneta.

As prováveis medidas do sedã serão da ordem de 4,6 metros de comprimento total (contra 4,47 do Corcel); 2,76 de distância entre eixos (2,44 do Corcel); altura de 1,42 (Corcel, 1,35). O conjunto mecânico, de tração dianteira, será o atual motor 1,6 litro do Corcel com opções de quatro e cinco marchas, suspensão por quatro molas helicoidais e amortecedores telescópicos (sistema McPherson na dianteira e eixo flutuante com tensores na traseira). O peso do conjunto, em ordem de marcha, será de pouco menos de 1 300 quilos (contra menos de 1.000 do Corcel) e o motor disporá de 90 cavalos para carregá-lo, o que dará uma relação peso/potência razoável.

A engenharia da Ford considera o novo carro como uma limusine econômica e a previsão de consumo, em condições ideais, é de 12 quilômetros/litro com cinco pessoas a bordo e bagagem para uma viagem de fim de semana.

O setor automotivo (montadoras e autopeças) exportou, em 1979, mais de 2,5 bilhões de dólares entre carros montados, peças e componentes, importância que cobre com sobras o que a nação paga aos árabes pelo petróleo que a frota nacional consome em gasolina, óleo diesel e lubrificantes. Afirmamos isso considerando números da Petrobrás e Anfavea, segundo os quais a cota de petróleo transformada em combustível e lubrificantes automotivos não passa dos 2,3 bilhões de dólares, o que de forma alguma invalida o esforço que se está fazendo para reduzir essa conta.

Por outro lado, a nossa tecnologia de combustíveis alternativos já nos rendeu um prêmio internacional e o Brasil foi considerado, por um júri de economistas, desportistas e jornalistas especializados, montado pela revista francesa L'Automobile, em Paris, o país que mais contribuiu, em 1979, para a sobrevivência do automóvel. O troféu *L'Automobile* foi entregue ao Embaixador Luís Gonzaga do Nascimento e Silva, titular da representação nacional na França. Para os franceses, o Proálcool (Programa Nacional do Álcool) é uma "demonstração de lucidez, eficácia e sangue-frio para manter a independência energética, utilizando como combustível automotivo o álcool de cana". Mas os franceses não sabem que ainda em 1980 estaremos transformando biomassas de sorgo, mandioca e outros vegetais para fazer gasolina.

Inicialmente chamado de Angra, o novo Fusca que está na boca do forno será batizado de Gol. O carrinho lembra muito o seu primo alemão Golf e nasceu na prancheta do mesmo estilista italiano que vem criando todos os novos produtos do grupo VW desde o lançamento do Passat. Giugiaro já desenhou o Sirocco, o Polo e o Jetta.

O novo Fusca não pretende substituir qualquer dos carros em produção mas, dependendo do comportamento do mercado, sua presença poderá provocar alterações na política da Volkswagen do Brasil, como os novos lançamentos o fizeram na Alemanha. O carrinho sairá com um motor dianteiro de quatro cilindros opostos refrigerados à ar, tração dianteira, suspensão independente nas quatro rodas (igual à do Passat) e, ainda em 80, terá opção de motor refrigerado a água.

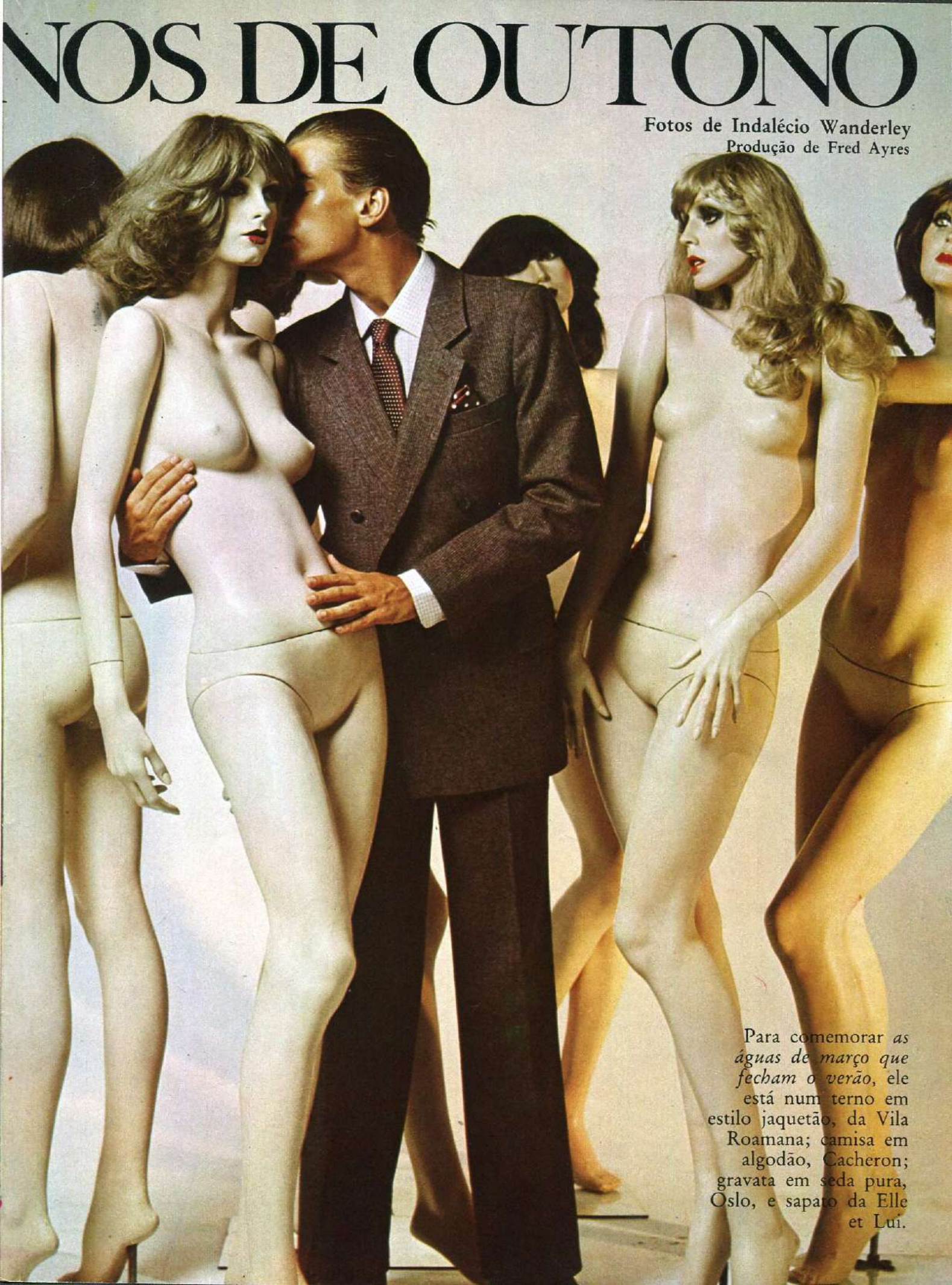
Em matéria de preço, deverá concorrer com o Fiat e será um pouco mais caro do que o VW 1300 sedã. De saída levará a vantagem do conceito da marca junto aos compradores e da novidade. O motor, apesar de semelhante ao tradicional *flat four* que a VW vem produzindo desde 1932, é um projeto novo com rendimento energético bastante superior e, portanto, mais econômico. Será o primeiro carro nacional a ser lançado com a opção do álcool desde as primeiras unidades. É possível, até, que o primeiro Gol a sair da linha seja movido a álcool, pois a frota de testes da fábrica está rodando há mais de seis meses com unidades a gasolina e a álcool, fazendo quilometragem para entregar ao mercado um carro sem defeitos congênitos. □

BLAZERS & TERI

Para um almoço com *as executivas* bem-sucedidas, ele usa um terno em malha, estilo jaquetão, da Chelmi; camisa em *voile*, Raphy; gravata em seda pura, Oslo, e sapato da Elle et Lui.

NOS DE OUTONO

Fotos de Indalécio Wanderley
Produção de Fred Ayres



Para comemorar *as águas de março que fecham o verão*, ele está num terno em estilo jaquetão, da Vila Roamana; camisa em algodão, Cacheron; gravata em seda pura, Oslo, e sapato da Elle et Lui.

Tem vodka que a gente precisa misturar.

Natasha a gente só mistura se quiser.

Natasha é uma vodka tão pura que você não precisa misturar com nada.

Mas se você preferir uma caipirinha, uma vodka-tônica ou um honesto bloody-mary, também não há nada melhor do que a pureza de Natasha.

Natasha é aquele tipo de vodka que você mistura porque quer. E não porque precisa.

VODKA
NATASHA
Você só mistura
se quiser.

As supermáquinas do amor

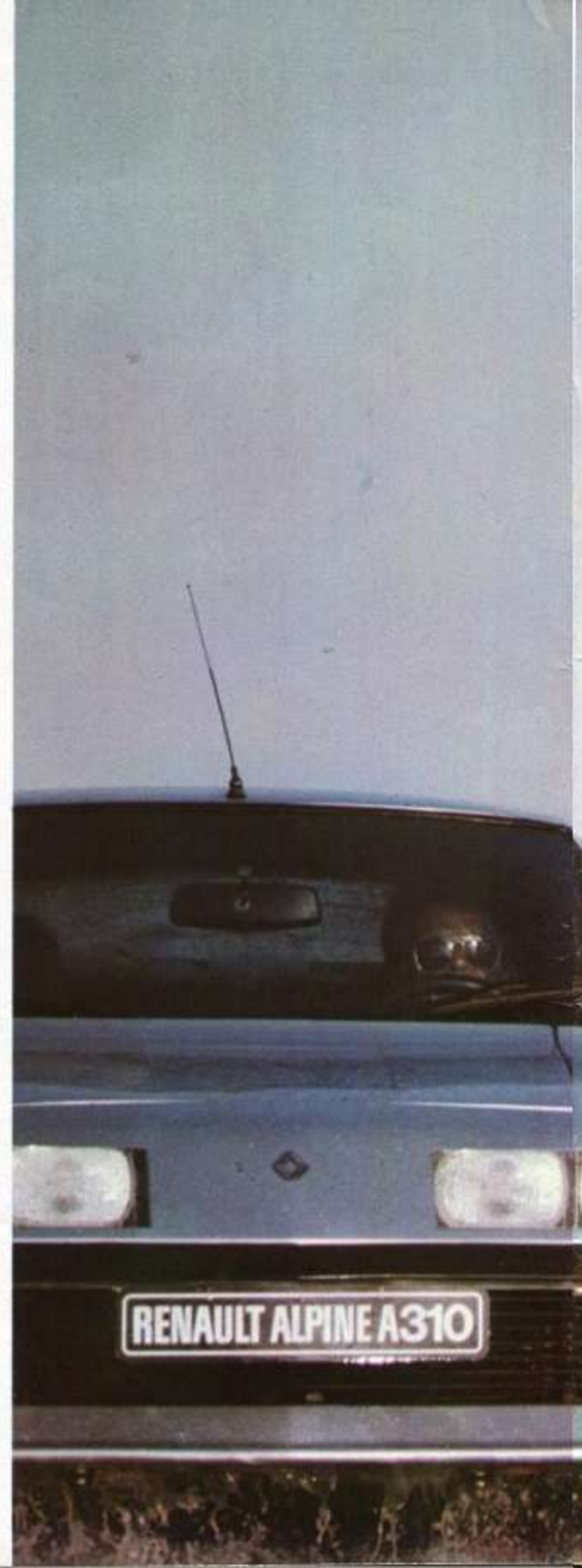
Fotos de Otto Weisser

Mulher e carro fora de série. Para alguns homens este binômio representa o paraíso na face da Terra. Ainda mais quando duas belas panteras se prontificam a dispensar iguais carícias tanto ao carro como a seu proprietário, amante privilegiado.

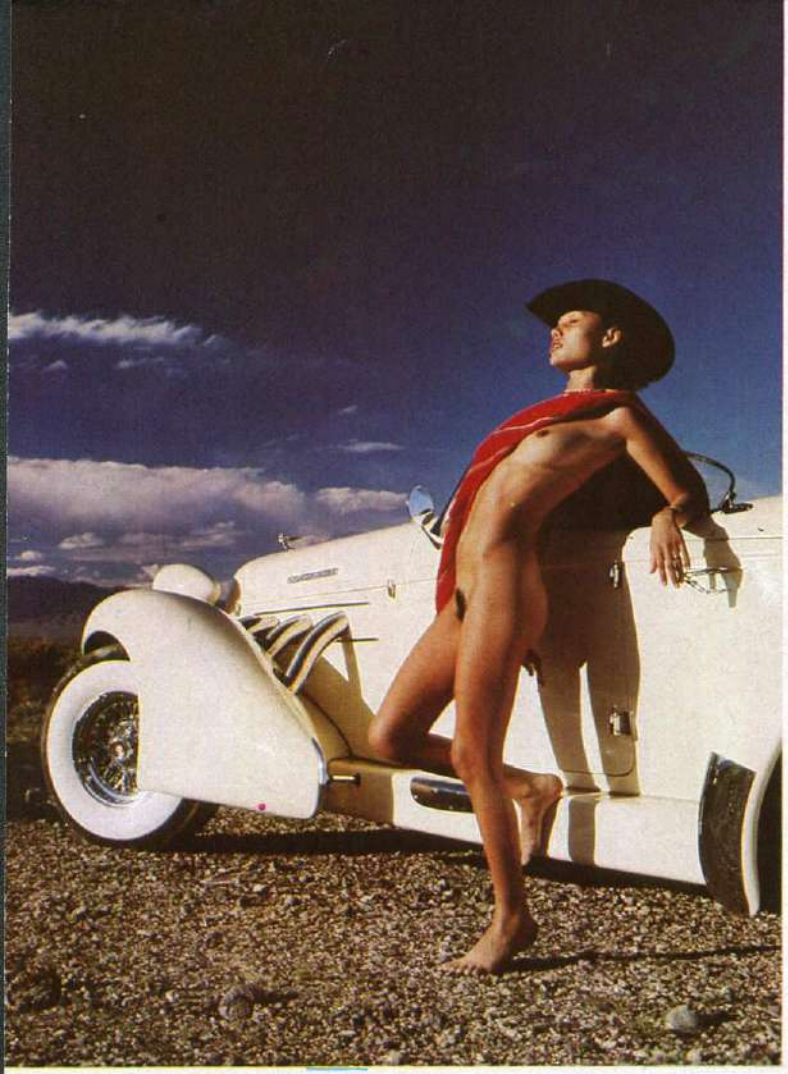
As supermáquinas do amor

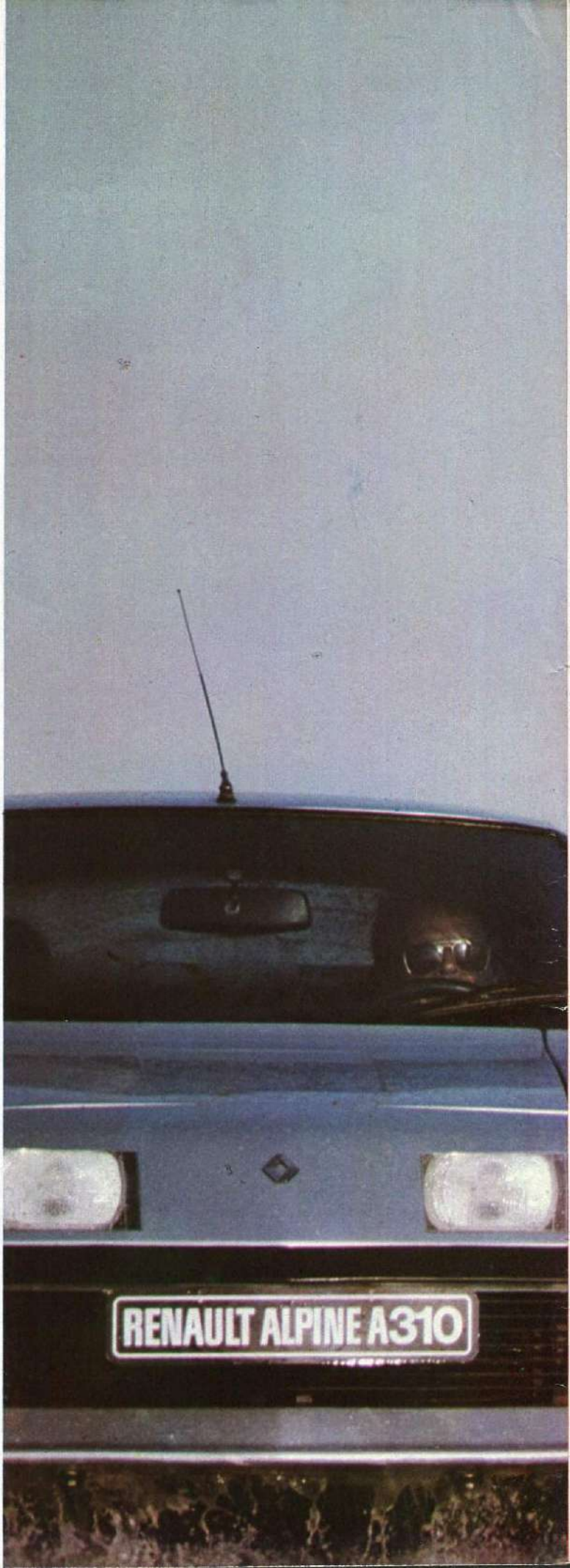
Fotos de Otto Weisser

Mulher e carro fora de série. Para alguns homens este binômio representa o paraíso na face da Terra. Ainda mais quando duas belas panteras se prontificam a dispensar iguais carícias tanto ao carro como a seu proprietário, amante privilegiado.



Quem vencerá a corrida para o amor?
As três merecem um relacionamento requintado à sombra complacente dos bólidos em repouso.
Corpos reluzentes, realçados pelo crepúsculo — hora fatal em que os sentidos se harmonizam em busca do prazer.




RENAULT ALPINE A310

Quem vencerá a corrida para o amor? As três merecem um relacionamento requintado à sombra complacente dos bólidos em repouso.
Corpos reluzentes, realçados pelo crepúsculo — hora fatal em que os sentidos se harmonizam em busca do prazer.

Arc Chamberlain

HORÓSCOPO

Peixes

O homem de Peixes

Por pertencerem à última casa zodiacal, os homens deste signo têm a sensação da imortalidade. Brilham sem querer. Mas é mesmo na cama e na arte de bem viver — com pouco ou com muito dinheiro que os piscianos se destacam. Poucos mergulham com tanta profundidade no corpo de uma mulher como essa gente regida por Netuno. Verdadeiros e pacientes mestres em formar grandes amantes, os homens de Peixes não são chegados evidentemente, a um só e eterno amor (nem enquanto dura). Mas jamais deixam de cumprir suas obrigações conjugais. Jogam bem em todas as posições.

Os nativos do segundo decanato atingem o clímax em matéria de civilidade. Eles saem das situações mais embaraçosas com a maior cara-de-pau. Nada os perturba. Quando se apaixonam fazem loucuras pela mulher: são capazes de comprar um Fórmula-1 só para chegar na hora num encontro que pode não ultrapassar 15 minutos. Uns craques. Este tipo de homem de Peixes gosta de reuniões sociais onde distribui toneladas de charme. Mas há os piscianos que se sentem melhor transando um barato oriental, lendo, escrevendo ou ouvindo música — tranqüilões. Como seus colegas dos signos aquáticos de Escorpião e Câncer, os piscianos devem se manter a quilômetros das bebidas alcoólicas. É claro que isso não exclui um drinque, ou dois...

Uma coisa é certa: além da ótima situação profissional que quase sempre obtêm, os piscianos são os tais em atividades simultâneas. Exemplo: um grande médico pode acumular o título de campeão de pesca submarina; um artista plástico pode ser um tremendo *crooner*; um matemático (físico, engenheiro ou astrônomo) surpreende os amigos com dotes culinários, e por aí afora.

Estes homens, sob uma capa até um pouco pedante, são carentes e dengosos como criancinhas. Eles só se embananam na hora de fazer uma escolha.

Os homens de Peixes atraem dinheiro, fortunas até, mas são doutores em esbanjá-los. Merecem viver com o ego em festa pelo muito que fazem em prol da satisfação sexual da mulher amada.

A pisciana

Como não podia deixar de ser, grande parte das mulheres de Peixes fazem o gênero Esther Williams. Regidas pela água, pelo planeta Netuno e por metais, elas são rigorosas e críticas em matéria de sexo, exigindo do parceiro tudo o que são capazes de dar. Dão muito... e tudo. Menos sonhadoras e românticas do que seus colegas de signo, as piscianas primam pela objetividade com que enfrentam qualquer assunto. O símbolo do signo, dois peixes superpostos em direção oposta, conta pouco na maneira de ser dessas mulheres (Elisabeth Taylor é bom exemplo).

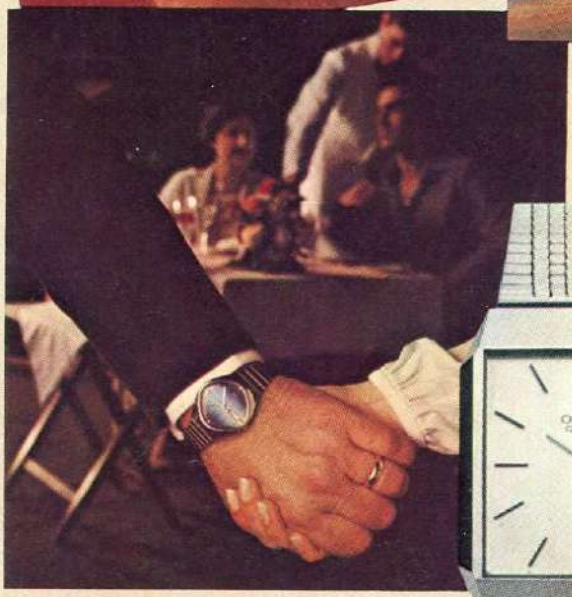
A única confusão é que no fundo, bem lá no fundo de suas águas, a nativa de Peixes, na hora da verdade horizontal, para espanto do parceiro que deu de cara com tanta decisão, querem ser tratadas, em princípio, não como sereias, mas como gatinhas, para só então soltar tudo o que sabem e querem. Basta, portanto, que o parceiro saiba contornar este *turning point*.

A conquista

Quem teve um homem (ou uma mulher) de Peixes deslizando as mãos sobre seu corpo e deixou-o(a) escapar do anzol tem que morrer com a boca cheia de formiga. Para começar é o cidadão(ã) de Peixes que conquista. Em todo o caso, há armas a serem empregadas com sucesso: altas doses de loucura, romantismo escapando pelo ladrão e eterna prontidão para fazer amor. O envolvimento com alguém de Peixes, por mais efêmero que seja, deixará marcas difíceis de serem apagadas. O clima das transações será inesquecível, a relação em si difere de tudo que já se viveu no assunto e o rompimento — *helás* — será definitivo.

Se você estiver em forma e disposto(a) para o que der e vier — inclusive passar horas em meditação transcendental — ótimo.

ORIENT. O RELÓGIO DE TODAS AS HORAS.



De manhã cedo, ele pode acompanhar você esportivamente a uma quadra de tênis. Um detalhe tranqüilizador: Orient é à prova de choque.

Mais tarde você se transforma no homem de negócios. Antes do almoço, o merecido drink na piscina. Orient está lá, à vontade, porque é de aço inoxidável, e é à prova d'água.

À tarde, a volta ao trabalho. Novas reuniões, com hora marcada. É um relógio de precisão absoluta. E ainda tem dois calendários.

À noite, o traje é a rigor. O seu smoking e Orient não vão se estranhar nem um pouco. Parecem feitos um para o outro.

E o dia termina, é hora de dormir. Como o seu Orient é automático, vai continuar trabalhando. Esperando seu novo dia.

E assim, vocês vão continuar juntos e felizes durante muitos e muitos anos. Porque Orient tem certificado de garantia. E garantia de assistência técnica.

Orient Quartz
Precisão absoluta
Alta tecnologia

Orient Automático
2 calendários
Aço inoxidável
A prova d'água

ORIENT
RELÓGIOS DA AMAZÔNIA

M

QUEM SABE O QUE QUER, QUER MINISTER.

Qualidade Souza Cruz.